



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SUELY DE FÁTIMA LEMOS DA ROCHA DANTAS

**BELT AND ROAD INITIATIVE: REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS A PARTIR DA
PARTICIPAÇÃO ALEMÃ NO PROJETO CHINÊS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL**

JOÃO PESSOA/PB

2022

SUELY DE FÁTIMA LEMOS DA ROCHA DANTAS

BELT AND ROAD INITIATIVE: REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO ALEMÃ NO PROJETO CHINÊS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Linha de pesquisa: Política Externa e Segurança

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo

Coorientadora Prof^ª Dr^ª Anna Carletti

JOÃO PESSOA/PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192b Dantas, Suely de Fátima Lemos da Rocha.
Belt and road initiative [manuscrito] : repercussões geopolíticas a partir da participação alemã no projeto chinês de integração regional / Suely de Fátima Lemos da Rocha Dantas. - 2022.
118 p. : il. colorido.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

"Coorientação: Profa. Dra. Anna Carletti, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. República Popular da China. 2. Belt and road initiative.
3. República Federal da Alemanha. 4. Geopolítica. I. Título

21. ed. CDD 337.1

SUELY DE FÁTIMA LEMOS DA ROCHA DANTAS

BELT AND ROAD INITIATIVE: REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO ALEMÃ NO PROJETO CHINÊS DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

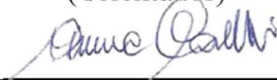
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais

Data da aprovação: 18 / 02 / 2022.

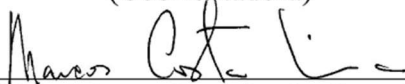
Banca Examinadora:



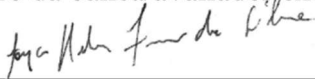
Prof. Dr. Filipe Reis Melo
(Orientador)



Prof^ª. Dr^ª Anna Carletti
(Coorientadora)



Prof. Dr. Marcos Ferreira da Costa Lima
(membro da banca/avaliador externo/UFPE)



Prof^ª. Dra. Joyce Helena Ferreira da Silva
(membro da banca/avaliadora externa/Faculdade Damas)

JOÃO PESSOA/PB

2022

À minha mãe, professora eternizada em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Após a conclusão desta pesquisa, preciso dedicar especial atenção a todos que concorreram à sua realização, sempre em nome Dele, agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, por todas as bênçãos recebidas. Amor e agradecimentos ao meu querido marido, Wellington Dantas da Silva, e a meus filhos, Arthur Lemos Ferreira Dantas e Amanda Lemos Ferreira Dantas, que renunciaram a tempos de convivência para possibilitar a concretização deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, o Professor Doutor Filipe Reis de Melo e à coorientadora, Professora Doutora Anna Carletti, por aceitarem conduzir e apoiar meu trabalho de pesquisa com inegável excelência.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela excelência da qualidade técnica de cada um, especial agradecimento à minha inspiradora amiga Professora Doutora Luciana Vilar de Assis, pelo incentivo e apoio dedicado a mim durante toda a jornada.

Aos meus pais Sebastião Ferreira da Rocha e Florisa Tavares Colho de Lemos (*in memoriam*), às minhas tias maternas Terezinha Coelho de Lemos, Maria do Céu Tavares Lemos e Leonélia Coelho de Lemos, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar a dinâmica estabelecida entre a República Popular da China e a República Federal da Alemanha (RFA), em torno do projeto Belt and Road Initiative, uma vez que a rota transcontinental atravessa portos alemães, possibilitando o fortalecimento do relacionamento entre os dois países e a formação de uma parceria estratégica abrangente. Diante do objetivo principal, as metas específicas se dedicaram à contextualização do projeto chinês, à avaliação das características e do desenvolvimento das relações sino-germânicas, além das repercussões geopolíticas decorrentes desta confluência de interesses, com especial olhar sobre a perspectiva dos Estados Unidos da América e da União Europeia sobre o tema, além de apresentar um panorama das atuais articulações alemãs com a Rússia. Foi adotado o método de revisão de literatura do tipo integrativa, sem restrição temporal, amparado em publicações nacionais e internacionais como meios que permitiram responder ao problema de pesquisa, que sustentava como hipótese a ideia de que a adesão alemã ao projeto chinês provocará significativas repercussões globais, principalmente, diante da perspectiva estadunidense, que considera a “polarização estratégica” o caminho para conter o avanço da influência política e econômica da China e meio de reafirmar seu papel de liderança hegemônica no contexto internacional. Foi constatado, ainda, que a União Europeia precisará se reposicionar diante dos desafios apresentados pela presença chinesa no continente, com destaque aos portos alemães que foram incluídos no trajeto da rota transcontinental e diante da possibilidade de ser estabelecida uma parceria estratégica abrangente entre a Alemanha e a China. Salientadas, ainda, as repercussões das significativas interações germânicas com a Rússia em torno da construção e operabilidade do gasoduto de gás natural que interliga os dois países, o Nord Stream 2.

PALAVRAS-CHAVE: República Popular da China. Belt and Road Initiative. República Federal da Alemanha. Geopolítica.

ABSTRACT

The present research seeks to investigate the dynamics established between the People's Republic of China and the Federal Republic of Germany (RFA), around the Belt and Road Initiative project, since the transcontinental route crosses German ports, enabling the strengthening of the relationship between the two countries and the formation of a comprehensive strategic partnership. In view of the main objective, the specific goals were dedicated to the contextualization of the Chinese project, the evaluation of the characteristics and development of Sino-German relations, in addition to the geopolitical repercussions arising from this confluence of interests, with a special look at the perspective of the United States of America. and the European Union on the subject, in addition to presenting an overview of current German articulations with Russia. The integrative method of literature review was adopted, without time restriction, supported by national and international publications as means that allowed answering the research problem, which supported as a hypothesis the idea that the German adhesion to the Chinese project will cause significant global repercussions. , especially from the US perspective, which considers “strategic polarization” the way to contain the advance of China's political and economic influence and a means of reaffirming its hegemonic leadership role in the international context. It was also found that the European Union will need to reposition itself in the face of the challenges presented by the Chinese presence on the continent, especially the German ports that were included in the path of the transcontinental route and in view of the possibility of establishing a comprehensive strategic partnership between Germany and China. Also highlighted are the repercussions of the significant German interactions with Russia around the construction and operability of the natural gas pipeline that interconnects the two countries, Nord Stream 2.

KEYWORDS: People's Republic of China. Belt and Road Initiative. Federal Republic of Germany. Geopolitics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|-------|--|
| BRI | Belt and Road Initiative |
| BRIGC | Belt and Road Initiative International Green Development Coalition |
| CIA | Central Intelligence Agency |
| CIF | Cost, Insurance e Freight |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FFI | Fórum Financeiro Internacional |
| FMI | Fundo Monetário Internacional |
| FOB | Free on board |
| FTA | Free-Trade Agreements |
| GmbH | Gesellschaft mit beschränkter Haftung |
| G7 | Grupo dos sete países mais industrializados do mundo |
| IED | Investimentos estrangeiros diretos |
| ICT | Information and Communications Technology |
| MEE | Ministério Chinês de Ecologia e Meio Ambiente |
| MoU | <i>Memorandum of Understanding</i> |
| OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| ODS | Objetivos de Desenvolvimento Sustentável |
| OMC | Organização Mundial do Comércio |
| ONU | Organizações das Nações Unidas |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PPC | Paridade do Poder de Compra |
| PPCh | Partido Comunista Chinês |
| QUAD | Diálogo Quadrilateral sobre Segurança |
| RFA | República Federal da Alemanha |

| | |
|------|--|
| RMB | Reinminbi |
| RPC | República Popular da China |
| SAFE | State Administration of Foreign Exchange |
| SRIA | Silk Road International Association |
| UE | União Europeia |
| URSS | União da República Socialista Soviética |
| 5G | Tecnologia em telecomunicações de quinta geração |

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grande mapa da Rota da Seda na Dinastia Ming

Figura 2 – Evolução do RMB como moeda de pagamento mundial de 2018 a 2021

Figura 3 – Belt and Road Initiative

Figura 4 – Composição SILK ROAD FUND

Figura 5 – O tamanho do setor público chinês

Figura 6 – Relação China versus EUA

Figura 7 – Evolução do índice de Paridade do Poder de Compra (PPC) da China.

Figura 8 – A China é a superpotência mundial de manufatura

Figura 9 – Melhorias na infraestrutura do BRI aumentarão as exportações (modelos CGE e SGE)

Figura 10 – Exportação de bens e serviços - balanço de pagamentos - 1990 - 2020 (trilhões de US\$)

Figura 11 – Exportações da Alemanha por país

Figura 12 – Exportações da China por país

Figura 13 – Relação dos investimentos chineses na Alemanha por indústrias-alvo

Figura 14 – Eurásia

Figura 15 – Nova Ponte Terrestre Eurasiática

Figura 16 – Mar do Sul da China

Figura 17 – Gasodutos entre a Rússia e a Alemanha.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Políticas para internacionalizar o *reinminbi* até 2020

Quadro 2 – PIB de Cidades Chinesas (com economia tão grande quanto países)

Quadro 3 – Ranking dos produtos exportados pela Alemanha para a China em 2020

Quadro 4 – Ranking dos produtos exportados pela China para a Alemanha em 2020

Quadro 5 – Ativos de investimento da carteira externa da China com ranking dos quinze maiores receptores por país / região até 2020 em unidade de USD 100 milhões de dólares estadunidense

Quadro 6 – Estoque total de investimentos estrangeiros diretos da China para a Alemanha entre 2010 e 2020 (em bilhões de dólares)

Quadro 7 – Importação da China oriunda dos países do QUAD – 2016 a 2020

Quadro 8 – Exportação da China com destino aos países do QUAD – 2016 a 2020

Quadro 9 – Parcerias entre estados federais e China

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO I – BELT AND ROAD INITIATIVE | 17 |
| 1.1 Contextualização sobre o projeto chinês | 19 |
| 1.2 Interesses políticos e econômicos relevantes da Belt and Road Initiative | 29 |
| 1.3 O papel do projeto chinês no cenário internacional atual | 37 |
| CAPÍTULO II – PARCERIA ESTRATÉGICA SINO-GERMÂNICA | 45 |
| 2.1 Construção das relações sino-germânicas | 47 |
| 2.2 Critérios de política externa semelhantes entre os dois países | 49 |
| 2.3 Investimentos chineses na República Federal da Alemanha | 55 |
| 2.4 Nova Ponte Terrestre Eurasiática | 59 |
| 2.5 Perspectiva alemã sobre a Belt and Road Initiative | 63 |
| 2.5.1 Primeira fase (2013-2016): flutuação | 63 |
| 2.5.2 Segunda fase (2016-atual): conflito e cooperação | 64 |
| CAPÍTULO III – REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS | 67 |
| 3.1 Percepção dos Estados Unidos da América perante a participação alemã na BRI | 67 |
| 3.2 Percepção da União Europeia perante a participação alemã na BRI | 79 |
| 3.3 Atual cenário político alemão e suas articulações com a Rússia | 87 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| REFERÊNCIAS | 97 |

INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais analisam e tentam explicar as transformações mundiais ao longo da História, sempre à luz da política e da economia, para entender como os Estados se relacionam e coexistem, seja enfrentando conflitos e guerras, seja estabelecendo relacionamentos entre si, em cooperação.

A cooperação entre os Estados é uma maneira de promover diálogo entre nações com objetivos comuns, estabelecendo critérios, direitos e obrigações mútuos, que possibilitem o compromisso à realização de alguma atividade em que todos os envolvidos possam se beneficiar.

Neste contexto de integração internacional, é possível verificar a existência de nações mais desenvolvidas e com mais destaque que outras no cenário mundial. A hegemonia, no contexto atual, é exercida pelos Estados Unidos da América (EUA) desde o fim da Segunda Grande Guerra. Contudo, há algum tempo dita hegemonia tem passado por inquietações (GEROMEL, 2019).

A afirmação posta acima decorre de um processo crescente de desenvolvimento econômico e político pelo qual a República Popular da China (RPC) tem experimentado, evolução que se traduz em iniciativas que vão para além de sua vida doméstica, estabelecendo projetos de médio e longo prazos de repercussão no cenário global (KISSINGER, 2011).

Nesta perspectiva, a República Popular da China precisa se aproximar da União Europeia e de seus países membros para a pavimentação de suas pretensões com a Belt and Road Initiative (BRI), em razão disso, tem estabelecido um elo com a República Federal da Alemanha (RFA), considerada como país de referência para sua entrada no continente europeu (SUETY, 2017).

A Alemanha é a maior economia nacional da União Europeia (UE), atuando de forma competitiva por sua participação inovadora e perfil exportador “nos setores das indústrias automobilística, de construção de máquinas e equipamentos, química e de tecnologia medicinal” (BISCHOFF; CHAUVISTRÉ; KLEIS; WILLE, 2018, p. 58).

A pesquisa questiona: os critérios de política externa, voltados ao desenvolvimento das capacidades econômicas adotados pela RPC e RFA lhes possibilitam estabelecer influência

regional e liderança política com expressiva repercussão na geopolítica atual, sob a ótica da perspectiva de adesão alemã ao projeto BRI?

A hipótese sustentada é a de que a adesão alemã ao projeto chinês provocará significativas repercussões que contribuirão para a reconfiguração da geopolítica do plano internacional, decorrente das semelhanças existentes entre os critérios de política externa adotados por ambos os países, voltados ao desenvolvimento de suas capacidades econômicas como forma de estabelecer influência regional e liderança política.

Diante destas considerações, a pesquisa foi dividida em três etapas, no primeiro capítulo há contextualização da BRI, buscando lançar luz sobre suas principais características; os interesses chineses políticos e econômicos relevantes, além de destaque ao papel do projeto chinês no atual cenário internacional.

O segundo capítulo se dedica ao desenvolvimento das relações sino-germânicas nas últimas décadas. Destaca os fatores que contribuíram para a aproximação entre os dois países e que são propícios ao estreitamento de suas relações em torno do projeto BRI. Apresenta um levantamento sobre os principais investimentos chineses no país europeu, bem como a perspectiva alemã sobre o tema e avaliação sobre a existência de critérios de política externa semelhantes adotados pelos dois países como elementos contributivos ao desenvolvimento de suas capacidades econômicas.

O terceiro capítulo discute as repercussões geopolíticas da implementação do projeto BRI. Diante da expressividade deste propósito, foram escolhidas vertentes para nortear a pesquisa, ante a impossibilidade de serem analisadas todas as perspectivas inerentes ao tema. A análise diz respeito à percepção estadunidense frente aos avanços geoeconômicos chineses e sobre uma possível aliança sino-germânica em torno da BRI; ao posicionamento da União Europeia acerca da aproximação e atuação chinesa no continente europeu; e, às interações alemães com a Rússia.

A pesquisa utiliza a literatura disponível referente ao tema, uma vez que para uma análise geopolítica sustentável é necessário o conhecimento de vários fatores concorrentes ao crescimento da influência de um determinado país sobre outro(s) no cenário internacional. No contexto específico da relação entre a República Federal da Alemanha e a República Popular da China foi possível considerar algumas variantes que orientam a pesquisa, a exemplo de acordos firmados nas áreas de infraestrutura, telecomunicações, energia e meio ambiente; a verificação sobre os investimentos chineses no país europeu; o fluxo comercial estabelecido

entre os países; a presença de empresas chinesas na Alemanha; o volume de aquisições de empresas alemães pelos chineses com a possibilidade de transferência de alta tecnologia, dados obtidos no desenvolvimento da investigação que permitem a identificação de quais os movimentos destes Estados têm capacidade de demonstrar repercussões geopolíticas.

Para tanto, necessário analisar as manifestações oficiais da então Primeira Ministra da Alemanha, Angela Dorothea Merkel, e do então Ministro das Relações Exteriores do país europeu; os documentos oficiais divulgados após as cúpulas de negociações sobre a Belt and Road Initiative, realizadas de 2013 a 2021, das quais participaram a União Europeia e/ou a Alemanha; os acordos individuais de conversação entre a Alemanha e a China sobre o tema; além do acompanhamento das movimentações de criação e melhorias de infraestrutura nos principais pontos de ligações alemães com a rota transcontinental.

Foi adotado o método de revisão de literatura do tipo integrativa, sem restrição temporal, amparado em publicações nacionais e internacionais. Foram observadas as seguintes etapas: determinação da temática e formulação de uma pergunta-problema, determinação dos critérios de elegibilidade, identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados, categorização, análise, interpretação e síntese (BEZERRA et al., 2014), uma vez que “o método permite a combinação de dados da literatura empírica e teórica que podem ser direcionados à definição de conceitos, identificação de lacunas nas áreas de estudos, revisão de teorias e análise metodológica dos estudos sobre um determinado tópico” (UNESP, 2015, p. 2), sendo apresentados os dados, majoritariamente qualitativos, recorrendo-se a dados quantitativos quando necessário para melhor ilustrar as informações colhidas.

A revisão integrativa foi empregada de modo conjugado ao método indutivo na fase de análise dos dados, posto ser o citado método o instrumental adequado à busca de parâmetros particulares que permitam obter resultados, que de alguma forma, possam ser generalizados em dado contexto.

A sustentação teórica, para permitir uma melhor compreensão sobre o tema proposto, decorre de uma análise da própria caracterização do Socialismo de Mercado ou “socialismo com características chinesas”, como intitulado por Deng Xiaoping, que diz respeito a um sistema político-econômico que mescla características socialistas na área de política com princípios da economia de mercado (JABBOUR; DANTAS, 2020), numa ótica de “compreensão da natureza da coexistência, a coabitação de diferentes modos de produção numa mesma formação social e como essa dinâmica dá caracteres únicos” (JABBOUR; DANTAS, 2020, p. 1031).

Segundo Ho-fung Hung (2018): “o *boom* chinês foi criado sob circunstâncias histórico-globais e de trajetórias de desenvolvimento muito específicas, que não podem ser copiadas facilmente” (HUNG, 2018, online)¹, sendo considerada a “dinâmica chinesa” como algo que se distancia tanto de uma espécie de “modelo liberal” quanto de um “capitalismo de Estado’ *stricto sensu*” (JABBOUR; DANTAS, 2020, p. 1031), razão pela qual também são recrutados outros arcabouços teóricos, que se mostrem apropriados, diante da necessidade de avaliação de tratativas chinesas com a RFA, país europeu democrático e capitalista, e suas eventuais repercussões geopolíticas.

Inegável a intenção chinesa de aumentar sua participação no cenário internacional e o peso geopolítico da BRI, além de uma evidenciada confluência de interesses com a República Federal da Alemanha, num encontro de duas potências detentoras de significativas capacidades, vivenciando um verdadeiro processo de adaptação às questões contemporâneas.

¹ Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198055272213>. Acesso em: 05 dez. 2021

CAPÍTULO I – BELT AND ROAD INITIATIVE

A civilização chinesa é uma das mais antigas, com mais de quatro mil anos de História e uma compreensão antropológica de si mesma mais rica enquanto sociedade, razão pela qual buscam manter íntegros seus valores milenares e os aprendizados das experiências tristes já sofridas.

O pensamento chinês sofreu influência de várias tradições, com maior destaque ao Confucionismo, sistema filosófico elaborado por Confúcio (551 a.C/479 a.C), pautado nos valores da moral, da política, da pedagogia e da religião (KISSINGER, 2011), sendo parte fundamental para a compreensão da sociedade chinesa e assimilação acerca das estratégias políticas da República Popular da China (RPC), principalmente, relacionadas aos seus critérios de política externa, que defendem a *zhongyang*, consistente na ideia do “caminho mutuamente inclusivo do meio”, que prioriza a harmonização dos interesses entre duas forças dialéticas, para que nenhuma delas sucumba, mas sim, sejam valorizadas e possa haver um consenso que lhes atribuirá vantagens mútuas, permitindo a construção de relações que tendam ao equilíbrio (QIN, 2012).

A República Popular da China foi fundada pelo líder Mao Zedong (1949-1976), cujo legado é extremamente enraizado no país. Foi nesse período em que os princípios confucionistas foram mitigados em prol do Pensamento de Mao Zedong, conhecido como Maoísmo, que priorizou a revitalização de uma política de isolamento como forma de reestruturar o país, num processo de superação da economia que, à época, encontrava-se esfacelada, por meio de uma releitura do marxismo-leninismo e de sua abordagem sobre estratégias militares e políticas, conseguindo em menos de dez anos reerguer a economia do país com base, principalmente, na produção de grãos (HOBSBAWM, 1995).

O desenvolvimento fundado na agricultura despertou o interesse em tornar o país ainda mais potente, sendo incentivadas suas capacidades com o objetivo de superar as potências industriais da época, lançando mão do programa intitulado de “Grande Salto à Frente”, que obrigou milhões de chineses a saírem de suas propriedades rurais para trabalharem, ininterruptamente, em fábricas de propriedade do Estado, o que, posteriormente, restou demonstrado como uma ação precipitada, uma vez que a saída em massa da população do campo para as áreas urbanas terminou por gerar escassez de alimentos, conduzindo o país a um período de grande fome para a nação (1959-1961), com perdas estimadas de 30 milhões de

vidas, fatos que exigiram ações coordenadas pelo governo central para importação de grãos junto ao Canadá como forma de mitigar a crise (HOBSBAWM, 1995).

O crescimento chinês ganhou maior espaço a partir da abertura econômica do país liderada por Deng Xiaoping (1978-1992), com a implantação de medidas econômicas como a atração de investimentos, o aumento do comércio exterior, a criação zonas econômicas especiais e o compartilhamento de seus recursos econômicos com diversos outros países, mediante acordos bilaterais, com ajustes de vantagens mútuas (KISSINGER, 2011).

As relações estabelecidas pela RPC se mostraram como uma terceira via, no período de Guerra-Fria, quando alguns países tentavam escapar da polarização entre EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), culminando para o estabelecimento dos cinco princípios da Coexistência Pacífica (GUNGWU; YONGIAN, 2008), enunciados que foram divulgados, inicialmente, em 1955, durante a Conferência de Bandung (REIS; RESENDE, 2019), oportunidade em que se reuniram os países intitulados de Terceiro Mundo, expressando conceitos como “respeito mútuo por soberania e integridade territorial de cada um, não agressão mútua, não interferência nos assuntos internos uns dos outros, igualdade e benefício mútuo, além de coexistência pacífica” (STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA, 2015)².

Os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica se tornaram a base para a construção dos critérios de política externa pelo Partido Comunista Chinês (PCCh), fundamentando o projeto lançado por Deng Xiaoping (1976-1997) de Desenvolvimento Pacífico, para promover a “reforma e construção de um Estado Chinês altamente industrializado e rumando ao horizonte de se tornar uma potência”, mediante a promoção de “trocas de conhecimentos entre os povos, numa construção política do desenvolvimento independente e aberta para com os demais Estados”, vocacionado à “paz, cooperação e desenvolvimento em comum” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2016, p. 131;135), entendimento corroborado pelo conteúdo do Documento Pacífico da China do Gabinete de Informação do Conselho de Estado da RPC (STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA, 2011)³.

² Texto original: It upholds the Five Principles of Peaceful Coexistence: mutual respect for each other's sovereignty and territorial integrity, mutual nonaggression, mutual noninterference in each other's internal affairs, equality and mutual benefit, and peaceful coexistence.

³ Texto original: China's Peaceful Development, Information Office of the State Council, República Popular da China, Pequim, September de 2011.

A harmonia como meio de resolução dos conflitos se consolidou como instrumento dentre os critérios de política externa chinesa para valorizar o crescimento econômico do país e o conseqüente incremento de sua influência para além de suas fronteiras, com inegáveis repercussões na dinâmica da política mundial.

A partir dos anos 2000, e principalmente com a ascensão do atual Mandatário Xi Jinping, em 2012, a RPC tem demonstrado maior interesse no estabelecimento de metas e projetos ambiciosos, fruto do Pensamento de Xi Jinping sobre o socialismo com características chinesas para uma nova era, mediante o qual “a China oferece uma alternativa ao modelo ocidental de modernização e aumenta a confiança e a determinação de muitos países em desenvolvimento, que procuram encontrar o seu próprio caminho para a modernidade.” (JINPING apud QUEIRÓS, 2018, online), orientação que se tornou um guia diplomático para que o país asiático almejasse um futuro ainda mais promissor, contexto em que a Belt and Road Initiative foi apresentada ao mundo.

1.1 Contextualização sobre o projeto chinês

No início das reformas, a RPC figurava na décima segunda posição no *ranking* das maiores economias do mundo (WORLD BANK, 1980). Passados quarenta anos, ocupa a segunda posição do *ranking* (WORLD BANK, 2020), dados que reafirmam o pensamento de Jabbour e Paula (2018, p.3) de que “o processo de desenvolvimento econômico chinês é um dos fenômenos mais impressionantes do mundo em que vivemos, em função tanto da sua longevidade quanto no seu alcance interno e externo (...)”.

Embora a RPC afirme não buscar hegemonia, o país asiático não esconde o desejo de tornar-se uma superpotência neste século. Para tanto, estabeleceu prioridades com intuito de até 2050, modernizar completamente sua economia, sendo essencial para alcançar tais objetivos o fortalecimento do comércio global (FUMOTO, 2018). Dentre alguns propósitos, há a pretensão de revigorar as antigas rotas comerciais que no passado chegaram a interligar três grandes impérios: Romano, Chinês e Kushana, este correspondente aos atuais territórios do Tajiquistão, Mar Cáspio, Afeganistão e Vale do Rio Ganges (BUENO, 2006).

Durante a Dinastia Han (202 a.C/220 d.C), houve interesse chinês pela aquisição de bens produzidos noutros países, tanto que o imperador à época enviou ao Ocidente um embaixador acompanhado de vários comerciantes, que voltaram com muitos artigos valiosos,

produtos que aumentaram o entusiasmo pela continuidade das interações comerciais entre a China e os países europeus (BUENO, 2006).

No século XIII, durante a Dinastia Mongol Yuan (1271/1368), quando havia “O trânsito de ideias e costumes ao longo desse cordão de comunicação que transformou todo o mundo então conhecido” (MENDONÇA, 2016), os chineses descobriram uma utilização econômica para o produto obtido do bicho da seda, com o qual era possível a produção de um tecido suave e delicado, a seda.

As roupas feitas de seda tinham muito valor e os chineses guardaram o segredo de como o tecido era produzido, de modo que quem quisesse obtê-lo teria que ir à China para comprá-lo “[...] Marco Polo levou para a Itália, em 1292, especiarias, porcelanas e, principalmente, a seda, que era o produto mais caro e mais cobiçado pelos mercados da Europa, desde os tempos da República Romana.” (PEREIRA; PEREEIRA, 2018, p. 51).

Os comerciantes passaram a encontrar-se na região para fins de estabelecer comércio, aglutinação que aos poucos foi se tornando mais expressiva, embora somente reconhecida no fim do século XIX, quando o geógrafo alemão Ferdinand von Richthofen batizou como Rota da Seda (LOURIDO, 2006) os trechos que interligavam a Ásia ao Oriente e à Europa, destinados à facilitação do comércio e à integração entre os países.

A Rota da Seda foi extinta em 1453 d.C, em razão do esvaziamento de seus trechos quando da substituição da Dinastia Yuan (1271-1368) pela Dinastia Ming (1368-1644), cujo imperador Hongwu (1368-1398) implementou uma política isolacionista, priorizando a formação de sociedades em comunidades rurais com autossuficiência agrícola, dispensando menor interesse ao envolvimento da China com outros países e centros urbanos. Enquanto isso, no Ocidente teve início o período das Grandes Navegações (1453-1660 d.C), patrocinada pelos países europeus desejosos por conquistar novos territórios, fatos que concorreram à extinção da emblemática Rota da Seda, reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO em 2014 (GEROMEL, 2019).

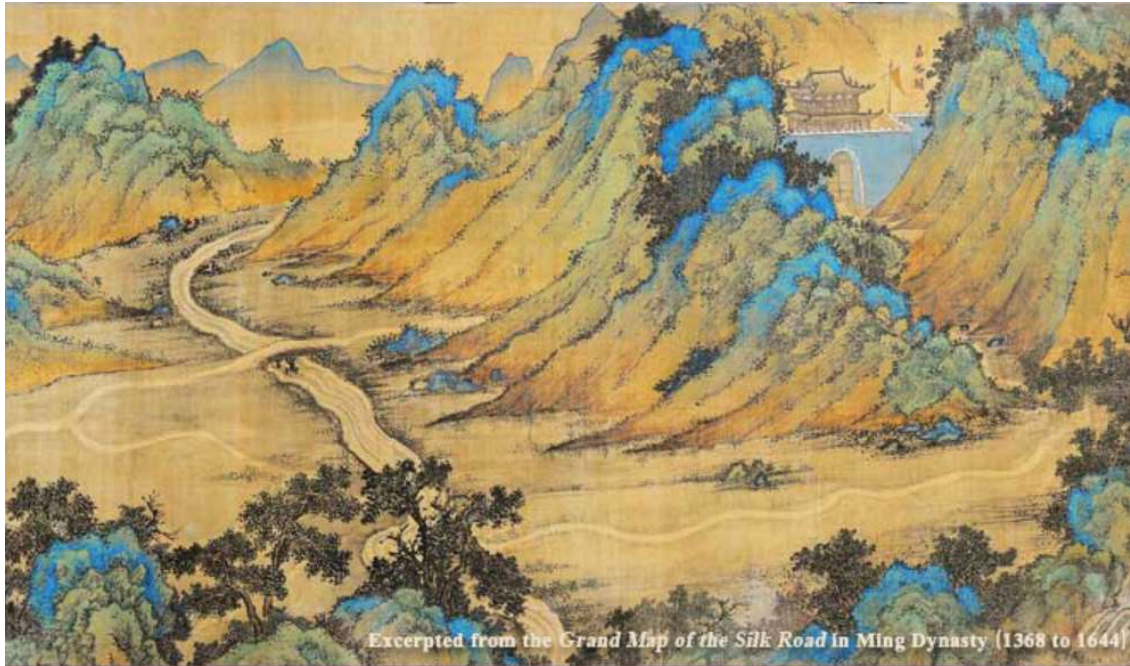


Figura 1: Grande mapa da Rota da Seda na Dinastia Ming.

Fonte: SILK ROAD FUND, 2021 [s/p].

Lançado pelo Mandatário Xi Jinping, em setembro de 2013, durante discurso realizado na Universidade de Nazarbayev, no Cazaquistão, o projeto inicialmente intitulado One Belt, One Road, expressão traduzida como “Um Cinturão e Uma Rota”, atualmente denominado Belt and Road Initiative (BRI), sendo mais conhecido como “Nova Rota da Seda”, propõe serem destinados investimentos econômicos chineses expressivos em diversos países ao longo dos corredores econômicos por onde passam as rotas terrestres e marítimas, com a finalidade de promover a coordenação política, a conectividade de transporte, a facilitação do comércio, a conversibilidade da moeda e a troca entre pessoas (HUGHES, 2020).

As origens da BRI indicam que o Mandatário Xi Jinping reelaborou uma estratégia traçada por seu predecessor Jiang Zemin, Presidente da RPC no período de 1993 a 2003 e Secretário-Geral do Partido Comunista da China de 1989 a 2002, que idealizou uma perspectiva de desenvolvimento para as regiões ocidentais da China, num programa conhecido como *Develop the West*, destinado a recuperar, principalmente, aquelas áreas mais pobres, pretensão que, no entanto, não alçou grandes voos por falta dos investimentos internos e externos necessários à sua implantação, mas que pode fornecer os conceitos que alicerçaram o projeto chinês atual, podendo ser entendido como uma espécie de continuação da ideia anterior, que nas mãos do Mandatário Xi Jinping alcançou novos e maiores horizontes (MA; SUMMERS, 2009).

O Partido Comunista Chinês aprovou o 12º Plano Quinquenal para 2011-2015, com nítido objetivo de promover o crescimento econômico do país, mediante o incremento das exportações e os investimentos em logísticas como meio de aumentar a competitividade da nação no cenário internacional. O projeto BRI se inseriu na perspectiva de promover o desenvolvimento nacional de regiões do país ainda precárias e, externamente, alcançar mais de sessenta e cinco países da Ásia, Europa e África, mediante a promoção de transporte rodoviário, ferroviário e marítimo, com redução significativa de seus custos, estabelecidos em formas de cooperação *win-win*, em que ambos os países convergem em interesses comuns e obtêm vantagens mútuas (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017), para tanto, houve a criação de planos nas áreas de infraestrutura, telecomunicações, energia e meio ambiente, contando com o apoio financeiro do Fundo Rota da Seda e do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII) (SILK ROAD FUND, 2014).

Em março de 2015, a Comissão do Desenvolvimento Nacional e Reforma, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Comércio da República Popular da China apresentaram o plano de ação para a BRI, autorizado pelo Conselho de Estado, esclarecendo o projeto como meio de contribuir para a construção de um mundo multipolar, por defender o regime de livre comércio global e de cooperação regional aberta (STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA, 2015).

Os objetivos declarados pela BRI destacam a maior conectividade; a utilização de recursos e a coordenação de políticas econômicas numa conjuntura regional de cooperação aberta e inclusiva através da construção de capacidades, cooperação financeira, liberalização do comércio e de investimentos, estimulando assim o desenvolvimento conjunto dos países envolvidos no processo (STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA, 2015, em consonância com a essência dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica (STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA, 2011).

Para alcançar os propósitos descritos, a RPC passou a estruturar suas relações com os países interessados mediante o estabelecimento de acordos bilaterais, conhecidos *Free-Trade Agreements* (FTA), cujo pressuposto é o estabelecimento de vantagens mútuas, ainda que o capital envolvido na empreitada seja integralmente chinês, uma vez que o desenvolvimento dos países parceiros gera neles também maior interesse por produtos chineses. O Plano de Ação descreve a perspectiva apontada:

A economia da China está intimamente ligada à economia mundial. A China vai ficar comprometida com a política básica de abertura, construir um novo padrão geral de abertura e se integrar mais profundamente no sistema econômico mundial. A iniciativa permitirá à China expandir e aprofundar ainda mais sua abertura, e fortalecer sua cooperação mutuamente benéfica com países da Ásia, Europa e África e o resto do mundo. A China está comprometida em assumir mais responsabilidades e obrigações dentro de suas capacidades, dando maiores contribuições para a paz e para o desenvolvimento da humanidade (...) Os países ao longo do Belt and Road devem aumentar a cooperação aduaneira, como troca de informações, reconhecimento mútuo de regulamentos e assistência mútua em aplicação da lei; melhorar a cooperação bilateral e multilateral nas áreas de inspeção e quarentena, certificação e credenciamento, medição padrão, e informações estatísticas; e trabalhar para garantir que a Facilitação do Comércio da Organização Mundial do Comércio (OMC) (STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA, 2015)⁴.

Como o projeto BRI é um planejamento complexo, dinâmico e que só pode ser concretizado a longo prazo, os Planos Quinquenais subsequentes seguem o mesmo norte traçado pelo PCCh, promovendo a adaptação da iniciativa às questões mais relevantes da atualidade, o 13º Plano Quinquenal, previsto para o período de 2016-2020, estabeleceu várias orientações referentes à BRI, dentre as quais pode ser citado o trecho a seguir:

Vamos acelerar os esforços para implementar a estratégia de área de livre comércio, gradualmente estabelecer uma rede de áreas de livre comércio de alto padrão. Vamos nos envolver ativamente em negociações com países e regiões ao longo das rotas do Belt and Road Initiative na construção de áreas de livre comércio; acelere as negociações em âmbito regional abrangente acordos de parceria econômica, a Área de Livre Comércio do Conselho de Cooperação China-Golfo, e a Área de Livre Comércio China-Japão-RoK; e trabalhar para alcançar progresso no desenvolvimento relações de livre comércio com Israel, Canadá, União Econômica da Eurásia e União Europeia, bem como na construção da Área de Livre Comércio da Ásia-Pacífico. Vamos garantir que seja completo implementação de nossos acordos de livre comércio com a República da Coreia e com Austrália, bem como o Protocolo para Emendar o Acordo-Quadro sobre Cooperação econômica abrangente entre a China e a ASEAN. Nós continuaremos a buscar o progresso nas negociações sobre acordos de investimento entre a China e o Estados Unidos e entre a China e a União Europeia. (THE PEOPLE'S GOVERNMENT OF FUJIAN PROVINCE 13º PLANO QUINQUENAL PARA 2016-2020, 2016, [s.p])⁵.

⁴ Texto original: China's economy is closely connected with the world economy. China will stay committed to the basic policy of opening-up, build a new pattern of all-around opening-up, and integrate itself deeper into the world economic system. The Initiative will enable China to further expand and deepen its opening-up, and to strengthen its mutually beneficial cooperation with countries in Asia, Europe and Africa and the rest of the world. China is committed to shouldering more responsibilities and obligations within its capabilities and making greater contributions to the peace and development of mankind.

(...)

Countries along the Belt and Road should enhance customs cooperation such as information exchange, mutual recognition of regulations, and mutual assistance in law enforcement; improve bilateral and multilateral cooperation in the fields of inspection and quarantine, certification and accreditation, standard measurement, and statistical information; and work to ensure that the WTO Trade Facilitation Agreement takes effect and is implemented.

⁵ Texto original: We will speed up efforts to implement the free trade area strategy, gradually establishing a network of high-standard free trade areas. We will actively engage in negotiations with countries and regions along the routes of the Belt and Road Initiative on the building of free trade areas; accelerate negotiations on regional comprehensive economic partnership agreements, the China-Gulf Cooperation Council Free Trade area, and the

Entendimento ratificado pelo conteúdo do 14º Plano Quinquenal, previsto para o período de 2021-2025, que pretende intensificar a atuação do projeto como forma de consolidar avanços já alcançados, como pode ser destacado nos trechos a seguir:

Vamos intensificar os esforços e implementar políticas mais direcionadas e eficazes para promover o desenvolvimento em grande escala na região ocidental. Implementaremos vários grandes projetos ecológicos em áreas-chave, integraremos ativamente o desenvolvimento regional na busca da Iniciativa Belt and Road, fortaleceremos o desenvolvimento de grandes corredores de abertura e construiremos plataformas de vários níveis para a abertura de áreas internas. Aumentaremos o investimento na construção de infraestrutura na região oeste, apoiaremos o desenvolvimento de indústrias competitivas que aproveitem os pontos fortes locais, reuniremos esforços para consolidar as conquistas de redução da pobreza e fortaleceremos os pontos fracos nas áreas de educação, saúde e sustento das pessoas (THE PEOPLE'S GOVERNMENT OF FUJIAN PROVINCE 14º PLANO QUINQUENAL PARA 2021-2025, 2021, [s/p])⁶.

Para além do panorama de fomento comercial para o escoamento produtivo, há o interesse do PCCh de promover a internacionalização do capital como meio de alavancar a influência chinesa na economia global. Segundo dados extraídos do People's Bank of China⁷, a RPC, em agosto de 2021, possuía USD 3.232 trilhões de dólares estadunidense em reservas econômicas, revelando que o país asiático é um importante investidor mundial.

Além de promover a criação de megaprojetos de investimentos nos países inseridos nos corredores econômicos da BRI, o governo central enxerga noutras vertentes a possibilidade de promover a integração entre os países participantes, que além de acessarem estruturas físicas compartilhadas poderão captar linhas de crédito mais favoráveis junto ao Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII), instituição com capacidade de reduzir os obstáculos e resistências da comunidade internacional sobre o avanço da influência chinesa no cenário

China-Japan- RoK Free Trade Area; and work to achieve progress in developing free trade relations with Israel, Canada, the Eurasian Economic Union, and the European Union as well as in building the Free Trade Area of the Asia- Pacific. We will ensure full implementation of our free trade agreements with the Republic of Korea and with Australia as well as the Protocol to Amend the Framework Agreement on Comprehensive Economic Cooperation between China and ASEAN. We will continue to pursue progress in negotiations on investment agreements between China and the United States and between China and the European Union.

⁶ Texto original: We will intensify efforts and implement more targeted and effective policies to promote large-scale development in the western region. We will implement several major ecological projects in key areas, actively integrate the regional development into the pursuit of the Belt and Road Initiative, strengthen the development of the large opening-up corridors, and build multi-level platforms for opening up interior areas. We will increase investment in infrastructure construction in the western region, support the development of competitive industries that take advantage of local strengths, pool efforts to consolidate the achievements of poverty alleviation, and shore up the weaknesses in the fields of education, health care, and people's livelihood

⁷ Foreign exchange reserves fell to USD 3.232 trillion in August of 2021 from USD 3.236 trillion in July, slightly higher than forecasts of USD 3.227 trillion. Meanwhile, the value of gold reserves decreased to USD 113.69 billion from USD 114.37 billion. Source: People's Bank of China

global, mediante “o estabelecimento de novas prioridades, princípios e procedimentos para assistência ao desenvolvimento nacional, regional e multilateral” (CINTRA; PINTO, 2017, p. 389).

A BRI instrumentaliza também o interesse do governo central pela internacionalização de sua moeda oficial, o *renminbi* (RMB), já incluída na cesta global de moedas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), tendo DJANKOV (2016, p. 7) ressaltado que “o foco na infraestrutura ajuda a China em sua busca por maior estatura internacional para o *renminbi*, para alcançar o *status* de moeda de reserva global”⁸.

Os Acordos de Bretton Woods (1944) permitiram que uma nova ordem monetária internacional surgisse por ocasião do pós-guerra, elegendo o dólar estadunidense, originalmente conversível em ouro, como moeda de reserva mundial, fato que contribuiu para a hegemonia dos EUA como líder global. Desde 1971, os EUA passaram a adotar o padrão dólar flexível, fator que promoveu desequilíbrios ante “a transferência de riquezas de países devedores para países credores” (ENFU; BAOLIN, 2021, p. 15), além de sujeitar todo sistema monetário às variações decorrentes da política economia estadunidense, critério que não tem mais o potencial de refletir a realidade atual, em que as riquezas globais provêm de outras origens (CINTRA; PINTO, 2017). Logo, “uma economia mundial menos concentrada deveria implicar um sistema monetário também multipolar (CHIN; YONG, 2010 apud POSE, 2015).

A moeda chinesa ainda não está presente no cenário internacional de modo a ameaçar diretamente a força do dólar estadunidense, no entanto, o governo central chinês a partir do ano 2000, tem estabelecido um planejamento de longo prazo, cujo intuito é inserir o *reiminbi* no contexto mundial, promovendo ações coordenadas como o aumento da utilização do RMB no comércio internacional; o desenvolvimento de um mercado *offshore* de RMB em Hong Kong e a criação em Xangai de um centro financeiro internacional (TORRES FILHO; POSE, 2018). Tríade que almeja vencer os obstáculos naturais impostos pelo mercado à aceitação da moeda chinesa, cujos desdobramentos são ilustrados por Cintra e Martins (2013a) no Quadro 1:

⁸ Texto original: (...) the infrastructure focus helps China in its quest for greater international stature for the renminbi, to achieve the status of a global reserve currency.

| | | |
|---|---|--|
| 1. Aumentar a utilização do RMB no comércio internacional | 2. Desenvolver um mercado <i>offshore</i> de RMB em Hong Kong | 3. Criar em Xangai um centro financeiro internacional |
| Apoiar continuamente os esquemas de liquidação do comércio transfronteira em RMB. | Fomentar o uso do RMB no financiamento do comércio exterior, de projetos de investimento estruturados (<i>project finance</i>), do investimento direto. | Fortalecer o setor financeiro doméstico. |
| Utilizar o RMB como moeda de denominação em acordos de livre comércio assinados pela China. | Expandir os mercados de bônus e de derivativos em RMB. | Abrir os canais de fluxos de crédito de entrada e de saída da China. |
| Promover acordos de trocas (<i>swaps</i>) de moedas (bilaterais e multilaterais), utilizando o RMB como moeda de pagamento. | Apoiar a listagem de empresas da China na Bolsa de Hong Kong. | Abrir os mercados de imóveis, ações e bônus. |
| Ampliar o uso do RMB em acordos de monitoramento do sistema monetário regional. | Estimular a cooperação entre mercados de valores mobiliários (<i>securities</i>) de Hong Kong e de Xangai. | Mover-se para um arranjo de gestão monetária baseado em preço. |

Quadro 1: Políticas para internacionalizar o *reiminbi* até 2020

Fonte: (CINTRA; MARTINS, 2013b, p. 267).

O planejamento traçado pelo governo chinês tem se desenvolvido, ainda que de modo paulatino, para alcançar os objetivos propostos (XINHUA, 2020a), como podem ser percebidos mediante os dados colhidos junto à Plataforma da Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT, 2021), indicativos de que, em 2014, o RMB ocupava a sétima posição no *ranking* das moedas mais utilizadas globalmente, tendo avançado para a atual quinta colocação, conforme demonstrado no gráfico da Figura 2 a seguir:

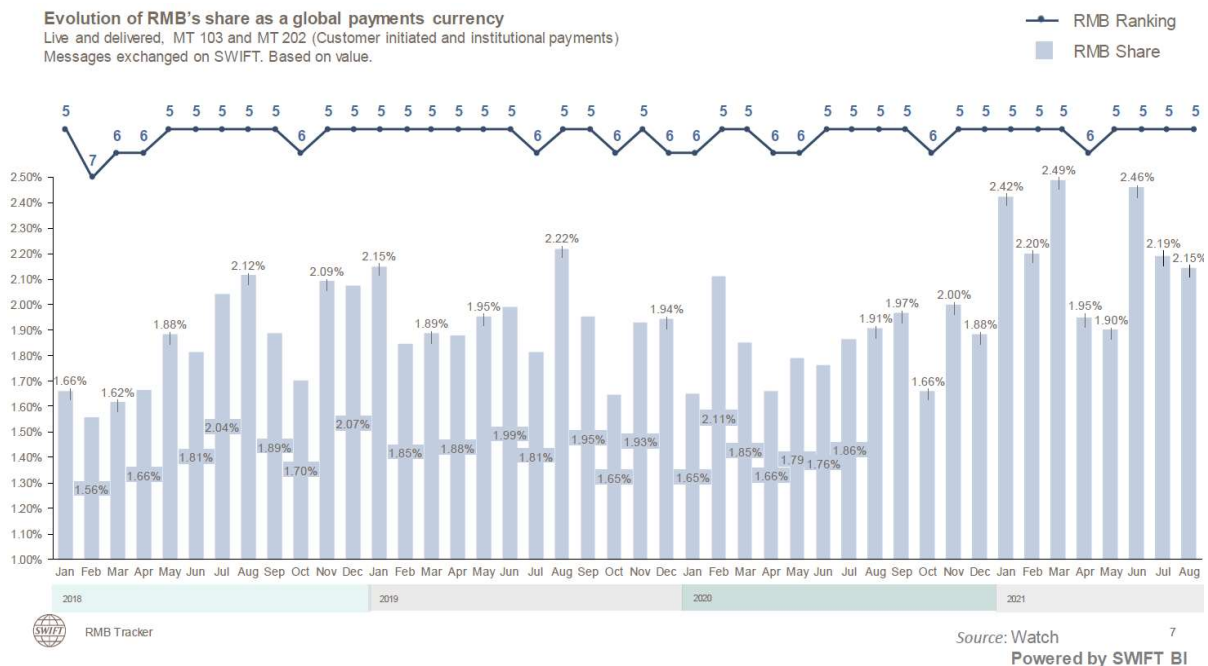


Figura 2: Evolução do RMB como moeda de pagamento mundial de 2018 a 2021

Fonte: (SWIFT, 2021).

A pretensão em internacionalizar a moeda chinesa foi reforçada pelo Comitê Central do PCC, em 29 de outubro de 2020, ao aprovar o 14º Plano Quinquenal (2021-2025) para o Desenvolvimento Econômico e Social Nacional e os Objetivos de Longo Prazo, traçando metas a serem consolidadas até o ano de 2035 (THE PEOPLE'S GOVERNMENT OF FUJIAN PROVINCE 14º PLANO QUINQUENAL PARA 2021-2025, 2021, [s/p]), cujo intuito é aliar o avanço financeiro global à inovação tecnológica, como meio de alavancar o país para um patamar mais elevado de progresso.

Esforços e investimentos chineses têm sido direcionados, principalmente, ao setor de tecnologia a partir do projeto intitulado “Made in China 2025”, com foco no padrão de tecnologia em telecomunicações de quinta geração (5G); internet das coisas; inteligência artificial, além do especial interesse em ter autonomia no desenvolvimento da tecnologia de 57 nanômetros, essencial para a fabricação de semicondutores, chamados de petróleo da Era Digital (FERREIRA, 2021) e utilizados em componentes eletrônicos.

Perspectiva que ressalta a importância do desenvolvimento tecnológico “para guiar a manufatura industrial avançada do país, com vistas ao progresso firme em capacidade industrial, manufatura inteligente, inovação, assim como qualidade do produto e marcas” (BRASIL, 2017, *on-line*), reafirmando a ideia traçada por Gilpin (2011) de que as inovações tecnológicas são fatores essenciais para determinar a preponderância de um país em detrimento de outro no cenário da economia internacional.

O governo central, ao traçar os propósitos da BRI, também considerou suas pretensões de “garantir o abastecimento de energia da China por meio de novos oleodutos na Ásia Central, Rússia e portos de águas profundas do Sudeste Asiático” (DJANKOV, 2016, p. 7)⁹, decorrente de sua constante preocupação em “diversificar suas fontes de recursos energéticos” (MARTINS; PEREIRA, 2019, p.83), tema de bastante interesse também por suas implicações ambientais.

Diante de tantos anseios, distribuídos entre questões de apelo interno e de avanço em sua política externa, foram traçados os principais percursos de atuação da BRI, sendo estabelecidos seis corredores terrestres: Corredor Econômico China-Mongólia-Rússia; Nova Ponte Terrestre Eurasiática; Corredor Econômico China-Ásia Central-Ásia Ocidental; Corredor Econômico da Península China-Indochina; Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia-

9 Texto original: (...) the Belt and Road Initiative is to secure China's energy supply through new pipelines in Central Asia, Russia, and Southeast Asia's deepwater ports.

Mianmar e o Corredor Econômico China-Paquistão. Além disso, a Maritime Silk Road, que alude ao corredor marítimo, com rotas em mares no sul da China, oceano Índico e África (XINHUA, 2017), o que pode ser vislumbrado na Figura 3.



Figura 3: Belt and Road Initiative

Fonte: CSIS Reconnecting Asia Project, U.S. Global Investors (2018, [s/p]).

Os corredores econômicos da BRI apresentam três dimensões interligadas: infraestrutura, serviços e instituições de coordenação, uma vez que “a infraestrutura precisa ser planejada, adquirida, construída, operada e mantidas para fornecer os serviços de transporte demandados pelos usuários, mediante os investimentos necessários” (INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK, 2019, p. 73)¹⁰.

A criação dos corredores econômicos de transportes possibilita melhor acesso aos mercados, circunstância que aliada ao estabelecimento de novos critérios de desenvolvimento econômico nos países participantes promovem uma transformação substancial na realidade

¹⁰ Texto original: “Infrastructure needs to be planned, procured, built, operated, and maintained to provide the transportation services users demand. Infrastructure needs to be funded and financed.” - Esta tradução não foi criada pelo Banco Mundial e não deve ser considerada uma tradução oficial do Banco Mundial.

local, para tanto são exigidos novas percepções políticas, procedimentais, padrões e regulamentações que estejam em harmonia com a principal meta a ser alcançada, que é a prestação contínua do serviço de transporte, permitindo o estabelecimento da interoperabilidade, ou seja, a coordenação estruturada em padrões internacionalmente acordados (INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK, 2019).

Como os corredores econômicos conectam diferentes países, são estabelecidos contatos com diversas jurisdições, porque cada país tem seu arcabouço jurídico, e para ser promovida a adequação necessária à fluidez do trato comercial ao longo dos corredores é imprescindível a adoção dos parâmetros internacionais mínimos, mediante a instalação dos processos legislativos e regulatórios próprios de cada nação.

Diante da complexidade e magnitude da BRI é possível perceber que apesar de estruturalmente projetada para permitir o escoamento produtivo de bens chineses manufaturados, possui uma dimensão financeira significativa e capaz de promover uma reconfiguração da geopolítica (TORRES FILHO; POSE, 2018), comparável com os históricos Acordos de Bretton Woods (1944), que estabeleceram novas diretrizes econômicas internacionais para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo por ocasião do final da Segunda Grande Guerra (HOBSBAWM, 1995).

1.2 Interesses políticos e econômicos relevantes da Belt and Road Initiative

A desenvoltura econômica da RPC está intimamente ligada ao seu desenvolvimento histórico-cultural, marcado por um comportamento que prioriza o interesse coletivo acima do individual, uma vez que “as sociedades orientais, como as confucianas, são desenvolvidas sob a luz de relações (pai e filho, marido e mulher, chefe e funcionário etc.), de modo que Qin prefere aplicar ao caso o conceito de relacionabilidade (*relationality*) (QIN, 2011 *apud* MONTENEGRO, 2015), termo mais adequado à compreensão sobre a importância da autoridade governamental no âmbito da sociedade chinesa.

A civilização chinesa é muito zelosa de seu passado, tanto por suas conquistas como pelos desafios que foram arduamente suplantados, elementos que servem aos fundamentos de sua cultura (GEROMEL, 2019). Tal pensamento também é destacado por Fairbank e Goldman (2008):

No início do século XXI, a China realizou, por fim, o desejo acalentado dos reformistas desde o final do século XIX de tornar o “país rico e poderoso”. A presença econômica crescente da China no cenário mundial significava o renascimento do seu poder econômico dominante em séculos passados. Muito mais que Mao, Deng possibilitou atingir o sonho centenário de transformar a China em uma grande potência. Mais uma vez, a China era um poder mundial tanto econômica quanto estrategicamente. Ao longo da história moderna, no entanto, quando nações poderosas surgiram, elas tenderam a empreender a expansão territorial ou a guerra, como visto no caso da Alemanha e do Japão no século XX. Talvez em um esforço para tranquilizar o mundo, os líderes nacionais mencionam a "ascensão pacífica" da China, ou seja, que a China se converterá em uma potência mundial sem causar distúrbio na comunidade internacional (FAIRBANK; GOLDMAN, 2008, p.420).

Em decorrência de seu histórico de exploração, fomes e guerras, a RPC reafirma a importância de proteger sua soberania, tanto que tem por prática não interferir em assuntos internos ocorridos noutras nações, ao mesmo tempo que recusa a imposição dos limites pretendidos pela comunidade internacional, que insiste em questionar seu modo de estabelecer relacionamentos com os demais países, sob o argumento de “que a China não adere a regras comumente aceitas nos mercados internacionais, dado seu modelo econômico único que combina forças de mercado com forte intervencionismo estatal” (OXFORD ECONOMICS, 2021, p. 11).

Destaque, ainda, à temática sobre o reconhecimento da configuração internacional de uma só China, sob o governo de Pequim, posicionamento que remonta à ascensão de Mao Zedong ao poder, uma vez que com a Revolução Chinesa de 1949 houve a deposição do governo de Chiang Kai-Shek, que se refugiou com seu estado maior e alguns milhões de chineses na ilha de Taiwan. Ali se formou uma administração autônoma, apoiada pelos Estados Unidos, que se reconhecia como governo legítimo de toda a China, circunstância que o governo central de Pequim não admite de modo nenhum, entendendo Taiwan como província sua (GEROMEL, 2019).

Premissa que norteia o estabelecimento de relações diplomáticas com a RPC, pressupondo o reconhecimento inequívoco da configuração internacional de uma só China sob o comando de Pequim, como evidenciado na assertiva de que “não dispomos de nenhum espaço de manobra na questão de Taiwan. Jamais iremos abrir mão de nossa posição em Taiwan por princípio.” (KISSINGER, 2011, p. 456).

Contexto em que reforça a relevância dos propósitos da BRI, uma vez que os critérios de política externa chinesa asseguram que o projeto desenvolve parcerias bilaterais com outras nações respeitando a soberania de todos os países envolvidos na empreitada, sendo uma

preocupação constante do PCCh, tanto que, Pequim reafirmou sua posição ao manifestar-se sobre as declarações proferidas pelo Grupo dos sete países mais industrializados do mundo (G7), quando reunidos na Inglaterra (2021), que se insurgiram sobre questões referentes a direitos humanos na província de Xinjiang, onde está estabelecida a minoria uigur, bem como sobre a promoção da independência de Hong Kong, tendo o governo central considerado como inaceitáveis os referidos questionamentos do G7, rechaçando interferências externas com relação a temas vinculados a seus critérios de política interna (FAULCONBRIDGE, 2021).

O governo central da RPC se constitui elemento chave de todas as transformações observadas no país asiático, tanto pela forma de condução, como pelo modo que suas determinações são implementadas. A formação dos conceitos políticos, muitas das vezes, são contextualizadas apenas de forma ampla por Pequim, a exemplo da BRI, que após o lançamento passou por um processo de amadurecimento político que contou com a participação de diversos atores nacionais e internacionais (ZENG, 2019).

Quando o Mandatário Xi Jinping apresentou a BRI, em 2013, ainda não havia um delineamento específico sobre o tema, razão pela qual o projeto passou a ser objeto de estudos e pesquisas acadêmicas em variadas áreas do conhecimento, alguns defenderam a iniciativa como uma cooperação econômica de alcance mundial, embora de foco regional (JIANG, 2015 *apud* ZENG, 2019); outros como instrumento de diplomacia ao fortalecimento das relações com os países em desenvolvimento (ZENG e ZANG, 2016 *apud* ZENG, 2019); ou ainda um projeto com significado militar (GHISELLI, 2015 *apud* ZENG, 2019), até por seu inegável aspecto geopolítico, embora essa não fosse a leitura defendida pelo governo central.

Concorreram com as análises acadêmicas, disputas internas entre as províncias desejosas de participar do projeto. Províncias tradicionais que fizeram parte da Antiga Rota da Seda tencionavam ser incluídas no novo trajeto, bem como aquelas que apresentavam atributos a contribuir ao desenvolvimento da iniciativa. Foi o caso de Jiangsu, que detém o porto de Lianyungang, mas que, ao final, não foi incluída em nenhum dos trechos da BRI (ZENG, 2019), conforme as diretrizes traçadas no instrumento *Vision and Actions on Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st Century Maritime Silk Road (V&A)* (CHINA, 2015).

Já a província chinesa Xinjiang foi incluída na rota transcontinental, como forma também de apaziguar a minoria *uigur*, grupo étnico, predominantemente muçulmano, que habita a região insurgente contra a política de desenvolvimento assimétrico adotada pelo governo central, que incentivou o crescimento do país por zonas econômicas, o que favoreceu as províncias das áreas do leste em detrimento das do oeste da China, que não experimentaram

os mesmos níveis de crescimento usufruídos pela região leste do país, gerando uma onda crescente de indignação com intuito de independência, movimento que Pequim busca frear (MONEYHON, 2003).

O governo central considera o movimento pela independência da região organizado pela minoria *uigur* “como a mais séria ameaça à segurança interna da China” (MONEYHON, 2003, p. 499/500)¹¹, questão interna que, inegavelmente, contribuiu para instalação de um polo petroquímico na região e de certo influenciou no processo de sua escolha por Pequim como um território por onde passa a BRI (MONEYHON, 2003).

A Belt and Road Initiative foi desenvolvida em três etapas: a primeira iniciada em 2013, conhecida como “diplomacia periférica” que relacionava a China e os países vizinhos; na segunda etapa, a partir de 2014, foram incluídas África e Europa Oriental e, por fim, a partir de 2015, a iniciativa passou a ser global para todos os países, motivo pelo qual a RPC entende ser a BRI um projeto dinâmico, em constante desenvolvimento (ZENG, 2019).

Na América Latina, por exemplo, conta com a construção da infraestrutura ferroviária bioceânica Brasil, Peru e Bolívia (CARLETTI; KOTZ; CORREIA, 2019), na América Central com a adesão do Panamá ao projeto com vistas à aplicação de vultosos recursos financeiros para implantação de melhorias no Canal do Panamá (PANAMÁ, 2017) e a participação de Cuba para a implementação de plano de cooperação para desenvolvimento nas áreas de tecnologia, turismo e energia (LIJIAN *apud* EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA TO THE FEDERAL DEMOCRATIC REPUBLIC OF ETHIOPIA, 2021).

Viabilizar, economicamente, esta empreitada é uma tarefa bem peculiar porque envolve investimentos de grande volume, para o qual o governo chinês criou o Fundo da Rota da Seda, composto por quatro instituições: Administração Estatal de Política Externa, Corporação de Investimento da China, Banco de Exportação e Importação da China e o Banco de Desenvolvimento da China, que assumem, cada qual, a seguinte proporção dos investimentos necessários à realização do projeto, segundo informes do próprio fundo (SILK ROAD FUND, 2021), a seguir ilustrado na Figura 4:

¹¹ Texto original: The central government now recognizes separatists in Xinjiang as China's most serious internal security threat

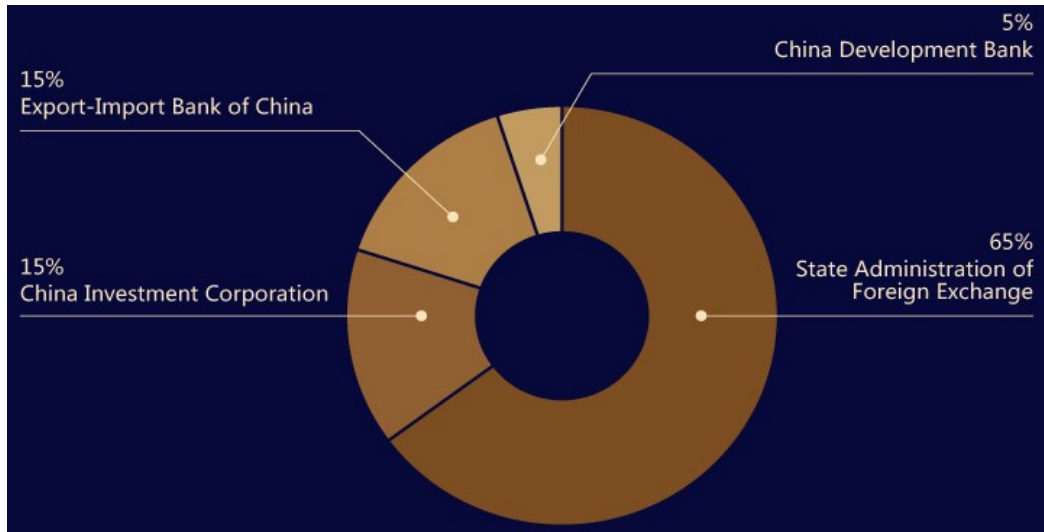


Figura 4: Composição SILK ROAD FUND
Fonte: SILK ROAD FUND, 2021 [s/p].

Além disso, é importante destacar a importância do Estado na economia chinesa, em proporção de 60/40 de participação dos setores privados e públicos, segundo “dados oficiais que mostram que as estatais, dos setores não financeiros e financeiros juntos, geram valor agregado de 25 a 30 por cento do PIB da China” (BATSON, 2021, p. 9), presença que pode ser ilustrada mediante o gráfico apresentado na Figura 5 a seguir:

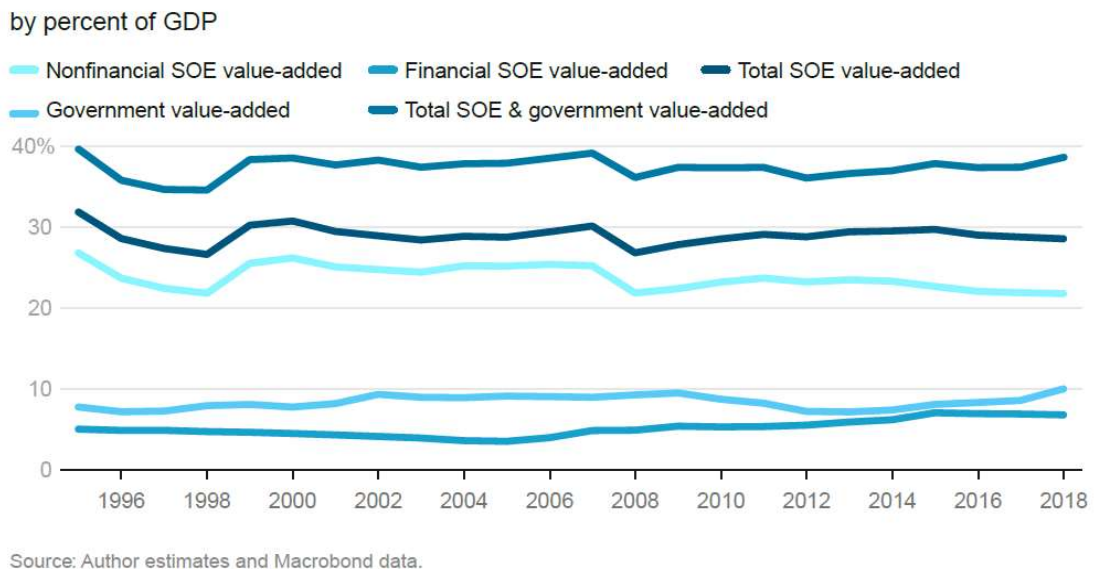


Figura 5: O tamanho do setor público chinês.
Fonte: (BATSON, 2021, p. 10).

A participação estatal no desenho da economia de mercado com características chinesas ostenta posição majoritária em inúmeros grupos econômicos, controlando decisões

sensíveis e a utilização de capitais (COSTA, 2013, online), de forma que “Pequim usa subsídios e outras formas de apoio estatal para orientar as empresas chinesas a obter tecnologia no exterior, inclusive por meio de *joint ventures*” (BRUYÈRE; PICARSIC, 2020, [s/p]), a exemplo da parceria sino-germânica firmada para o setor de energia a seguir descrita:

A cooperação sino-alemã em energia já alcançou grande sucesso. A Energiewende alemã e a Revolução Energética da China compartilham o objetivo de estabelecer um sistema de energia limpo, seguro e eficiente. Nosso objetivo é aprofundar o intercâmbio e, em conjunto, impulsionar a inovação para a transição (FANRONG, [s/d], [s/p]).¹²

De modo que embora focado na priorização da solução de suas questões domésticas, o desenvolvimento político chinês compreendeu a necessidade de escoar seus produtos manufaturados para os mercados estrangeiros, contexto que a BRI se apresenta como ferramenta para fomentar o livre comércio mediante acordos bilaterais com os países interessados em significativos aportes financeiros, cuja destinação preferencial é a criação e melhoria de infraestrutura dentre outros investimentos, no âmbito do que se convencionou chamar de política *win-win*, em que ambos os países convergem em interesses comuns e obtêm vantagens (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017).

Justamente por ostentar uma postura amistosa, pretendendo, por meio do estabelecimento de relações harmoniosas, a aproximação com as outras nações, com as quais alcance alinhamento de interesses, são realçados os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica, que fundamentam os critérios de política externa que não abarcam ideias beligerantes nem intervencionismos, apresentando um modelo de crescimento econômico próprio que não encontra parâmetro no cenário internacional contemporâneo.

O avanço chinês é fruto de uma construção política, que possibilitou sua integração na comunidade internacional, ainda que seus critérios política interna preservem a estratégia de fechamento, razão pela qual são marcos recentes e importantes o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 e o bom desempenho chinês diante da crise financeira de 2008, evento originado de uma bolha imobiliária ocorrida nos Estados Unidos, em que houve incremento dos valores imobiliários sem a devida correspondência em

¹² Texto original: The Sino-German cooperation on energy already has achieved great success. The German Energiewende and China's Energy Revolution share the goal to establish a clean, safe and efficient energy system. We aim to deepen the exchange and jointly drive innovation for the transition. Li Fanrong, Vice Administrator, National Energy Administration of P.R. China (NEA)

aumento da renda da população, de modo que a participação chinesa no enfrentamento da crise mundial fomentou, ainda mais, o interesse da comunidade internacional pelas ações implementadas pela RPC e seus impactos econômicos e sociais no cenário mundial.

A população chinesa é estimada em 1,41 bilhão de pessoas, segundo o censo realizado em 2020, equivalente a 20% (vinte por cento) de todo contingente populacional mundial, tendo um papel essencial para ilustrar bem a ideia de que tudo que se refere à RPC adquire uma dimensão muito maior do que qualquer paradigma escolhido. É possível perceber esta proporção ao observar que cidades chinesas apresentam Produto Interno Bruto (PIB) equivalente ao de alguns países, segundo dados colhidos em 2015, junto ao Banco Mundial, conforme o Quadro 2 (GEROMEL, 2019):

| Ordem | Cidade chinesa | PIB da cidade em dólares (2015) | País comparável |
|--------------|-----------------------|--|------------------------|
| 1 | Xangai | 810 bilhões | Filipinas |
| 2 | Pequim | 664 bilhões | Emirados Árabes |
| 3 | Guangzhou | 524 bilhões | Suíça |
| 4 | Shenzhen | 491 bilhões | Suécia |
| 5 | Tianjin | 478 bilhões | Romênia |
| [...] | [...] | [...] | [...] |
| 35 | Zibo | 123 bilhões | Panamá |

Quadro 2: PIB de Cidades Chinesas (com economia tão grande quanto países)

Fonte: GEROMEL, 2019, p.30, com adaptação e grifo nosso.

Aliado aos números expressivos, outra característica relevante apontada por Geromel (2019) é a velocidade com que são empreendidas progressivamente as mudanças estruturais e econômicas na RPC, perceptível ao analisar um comparativo entre o crescimento econômico chinês e o estadunidense, tendo este demorado 117 anos para multiplicar seu PIB em 36 vezes, enquanto a economia chinesa só demorou trinta anos para atingir a mesma marca, segundo informações da RENMIN UNIVERSITY OF CHINA (2019), corroboradas pelos dados contidos na Figura 6:

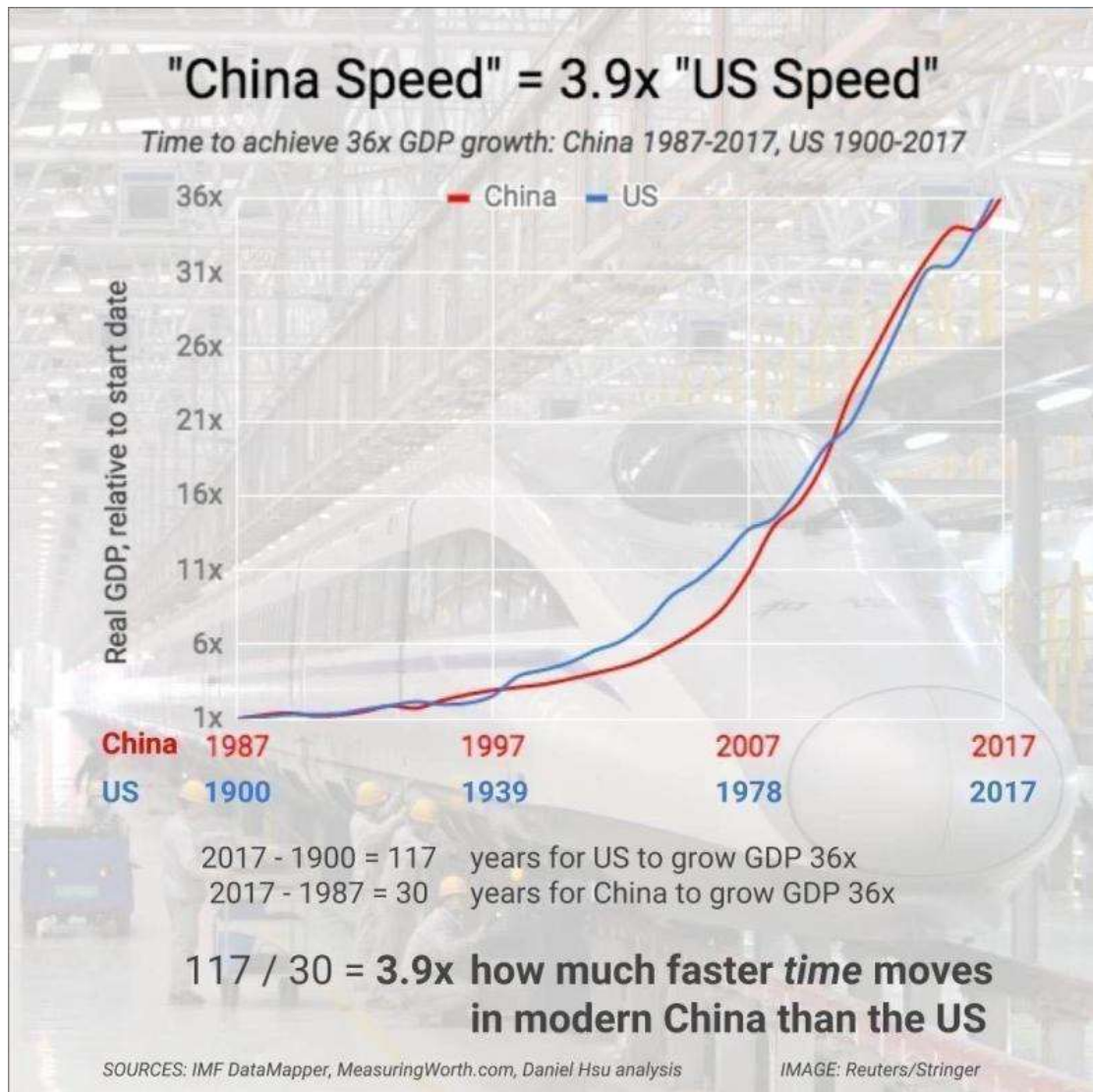


Figura 6: Relação China *versus* EUA
Fonte: (RENMIN UNIVERSITY OF CHINA, 2019).

Velocidade que também pode ser percebida ao analisar a variação dos índices relativos à Paridade do Poder de Compra (PPC) na RPC, demonstrando o crescimento da capacidade da população chinesa para aquisições de bens na ordem de US\$ 982,501 em 1990 e US\$ 16,804.426 em 2019, como é possível aquilatar da Figura 7, a seguir:

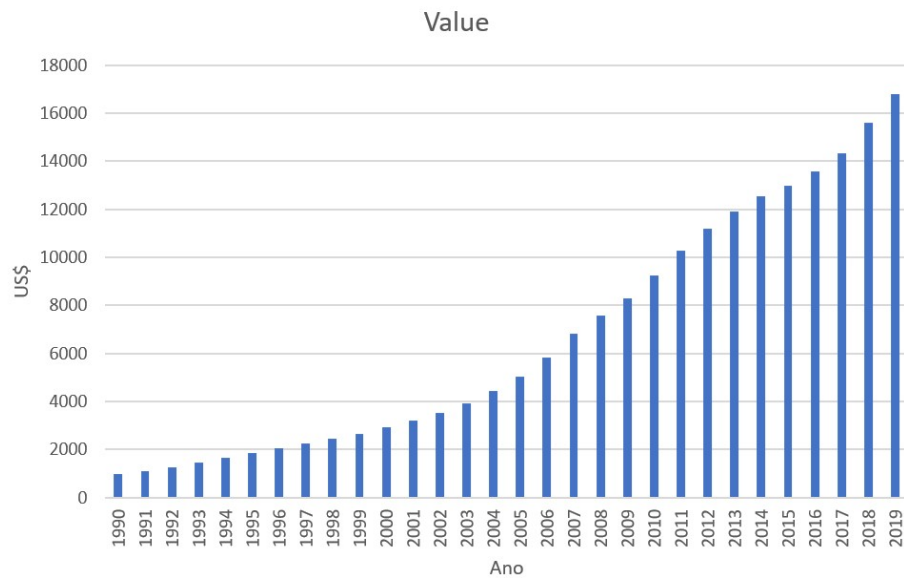


Figura 7: Evolução do índice de Paridade do Poder de Compra (PPC) da China.
Fonte: (WORLD BANK, 2021).

É possível evidenciar a singularidade da desenvoltura chinesa no cenário internacional, até pela necessidade de compatibilizar suas pretensões de política externa, como sociedade socialista de mercado, frente a temas sensíveis e caros aos países capitalistas com os quais quer manter relações, razão pela qual o lançamento do projeto da Belt and Road Initiative ganha dimensões globais, diante das possíveis transformações a serem proporcionadas pela rota transcontinental para o comércio, para o sistema monetário internacional e para a geopolítica mundial.

1.3 O papel do projeto chinês no cenário internacional atual

Passados mais de sete anos desde o lançamento do projeto, é inegável a presença chinesa no cenário internacional. O país asiático se tornou referência mundial na fabricação de diversos produtos, como pode ser verificado no *ranking* realizado em 2018 de países com participação na produção global de manufatura, a seguir indicado:

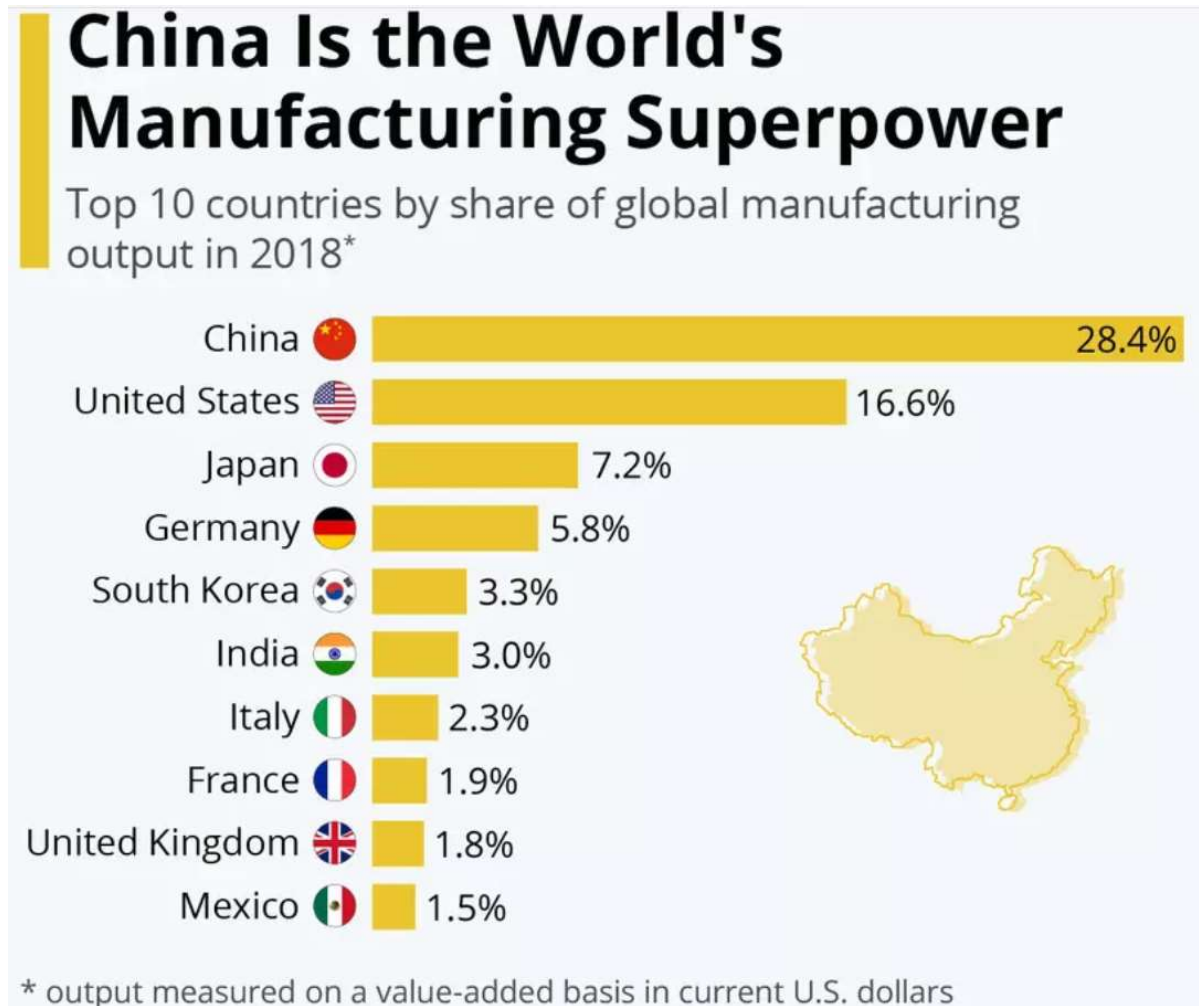


Figura 8: A China é a superpotência mundial de manufatura
Fonte: WORLD ECONOMIC FORUM, 2021.

Índice que só reforça a importância da BRI para atender a necessidade de escoamento produtivo chinês, com redução de custos logísticos, além de ser excelente ferramenta do governo central para promover intercâmbio entre países e a consolidação de sua presença e influência ao redor do mundo.

O World Bank (2019) produziu uma série de dezenove documentos de referência e um relatório resumido no qual analisou setenta economias vinculadas à BRI, ao longo de seus corredores econômicos, tomando como premissa para avaliação do projeto os países que já assinaram acordos de colaboração com a RPC ou aqueles que são atravessados pelos corredores econômicos definidos no projeto, ainda que não tenham aderido formalmente à iniciativa (INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK, 2019).

A referida instituição estimou um custo em projetos ao longo dos corredores econômicos que somam em torno de US\$ 575 bilhões de dólares estadunidenses, investimentos que contribuirão para a redução significativa do tempo de viagem entre os países, tanto para fins de transporte de bens como de pessoas, além de incrementar a exportação de capital, o comércio e os investimentos nestas localidades, apresentando em destaque a possibilidade da BRI favorecer a redução da pobreza em escala mundial, como pode ser evidenciado pela transcrição a seguir:

A expansão do comércio e do investimento aumentará o crescimento e as receitas na maioria dos corredores economias. Os ganhos reais de renda podem aumentar em até 3,4 por cento na extremidade superior das estimativas do estudo, mas esses ganhos seriam muito diferentes entre os países, possivelmente levando a alguns incorrer em perdas de bem-estar devido aos grandes custos de infraestrutura. Projetos de transporte BRI poderiam ajudar a tirar 7,6 milhões de pessoas da extrema pobreza (aqueles que ganham menos de US \$ 1,90 por dia) e 32 milhões de pessoas em situação de pobreza moderada (aqueles que ganham menos de US \$ 3,20 por dia) (INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK, 2019, [s/p]).¹³ [Esta tradução não foi criada pelo Banco Mundial e não deve ser considerada uma tradução oficial do Banco Mundial].

A erradicação da extrema pobreza, inclusive, foi tema de recente pronunciamento do Mandatário Xi Jinping (2021), ao anunciar a retirada da miséria de 98,99 milhões de chineses, moradores de áreas rurais, que se encontravam abaixo da linha da pobreza, como se pode depreender da publicação feita pela agência de notícias oficial do governo da RPC, a Xinhua (2021a):

Beijing, 25 fev (Xinhua) -- O presidente chinês, Xi Jinping, elogiou nesta quinta-feira os êxitos de erradicação da pobreza extrema do país como um milagre que deve "entrar para a história".

Xi, também secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da China e presidente da Comissão Militar Central, fez as observações ao discursar em uma grande reunião realizada em Beijing para celebrar as realizações do país no alívio da pobreza e homenagear os lutadores modelo contra a pobreza.

Em seu discurso, Xi declarou uma "vitória total" na luta contra a pobreza pelos esforços conjuntos de todos os grupos étnicos.

Nos últimos oito anos, a China tirou da pobreza 98,99 milhões de moradores rurais carentes abaixo da atual linha da pobreza, com 832 distritos e 128 mil aldeias pobres removidos da lista de pobreza.

¹³ Texto original: "Expanded trade and investment will increase growth and incomes in most corridor economies. Real income gains could increase by up to 3.4 percent at the high end of the study's estimates, but these gains would largely differ across countries, possibly leading some to incur welfare losses because of the large costs of infrastructure. BRI transport projects could help lift 7.6 million people from extreme poverty (those earning less than \$1.90 a day) and 32 million people from moderate poverty (those earning less than \$3.20 a day)."

Eliminar a pobreza nas áreas rurais é uma importante contribuição para cumprir a meta de construir uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspectos, enfatizou Xi.

Desde o final de 2012, a China construiu ou melhorou 1,1 milhão de quilômetros de rodovias rurais, forneceu um abastecimento confiável de eletricidade para as áreas rurais, e expandiu o acesso à internet de fibra ótica e cobertura 4G para mais de 98% de suas aldeias carentes.

Durante o mesmo período, cerca de 25,68 milhões de pessoas carentes de 7,9 milhões de famílias tiveram suas casas degradadas reformadas, e mais de 9,6 milhões de pessoas foram realocadas de áreas subdesenvolvidas.

Além disso, 28 grupos de minoria étnica com população relativamente pequena saíram coletivamente da pobreza.

Xi disse que o país criou um "exemplo da China" de redução da pobreza e fez grandes contribuições para o alívio da pobreza mundial.

A China tirou 770 milhões de moradores rurais da pobreza desde o início da reforma e abertura há mais de 40 anos quando calculado de acordo com a atual linha da pobreza da China, respondendo por mais de 70% do total mundial conforme a linha da pobreza internacional do Banco Mundial.

A China cumpriu 10 anos antes do previsto a meta de erradicação da pobreza estabelecida na Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, disse Xi. (XINHUA, 2021a, [s/p]).

O estudo do Banco Mundial (WORLD BANK, 2019) alude também à implementação pelos países participantes das reformas políticas internas necessárias à realização dos novos modelos de transações comerciais originadas em torno da BRI, no intuito de serem otimizados os critérios de gestão em prol de ações cooperativas que facilitem o fluxo comercial entre os integrantes do corredor econômico considerado, tendo ressaltado o seguinte:

O impacto comercial dos projetos de transporte do BRI é positivo para todas as economias do corredor, com diferenças consideráveis. A redução dos custos comerciais associados à nova infraestrutura de transporte permite que as empresas em economias de corredor se conectem melhor aos mercados e às cadeias de valor regionais e globais, importar insumos mais baratos e de melhor qualidade, aumentando a produtividade e a capacidade de exportação (...) (INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK, 2019, p. 52/53).¹⁴ [Esta tradução não foi criada pelo Banco Mundial e não deve ser considerada uma tradução oficial do Banco Mundial].

É possível demonstrar que os investimentos em infraestrutura promovidos pela BRI concorrerão ao aumento das exportações nas regiões alcançadas pelo projeto, segundo dados do Banco Mundial, como pode ser observado na Figura 9 a seguir:

¹⁴ Texto original: "The trade impact of BRI transport projects is positive for all corridor economies, with sizable differences. The reduction in trade costs associated with new transport infrastructure allows firms in corridor economies to connect better to markets and regional and global value chains, importing cheaper and higher quality inputs, thus increasing productivity and the ability to export (...)"

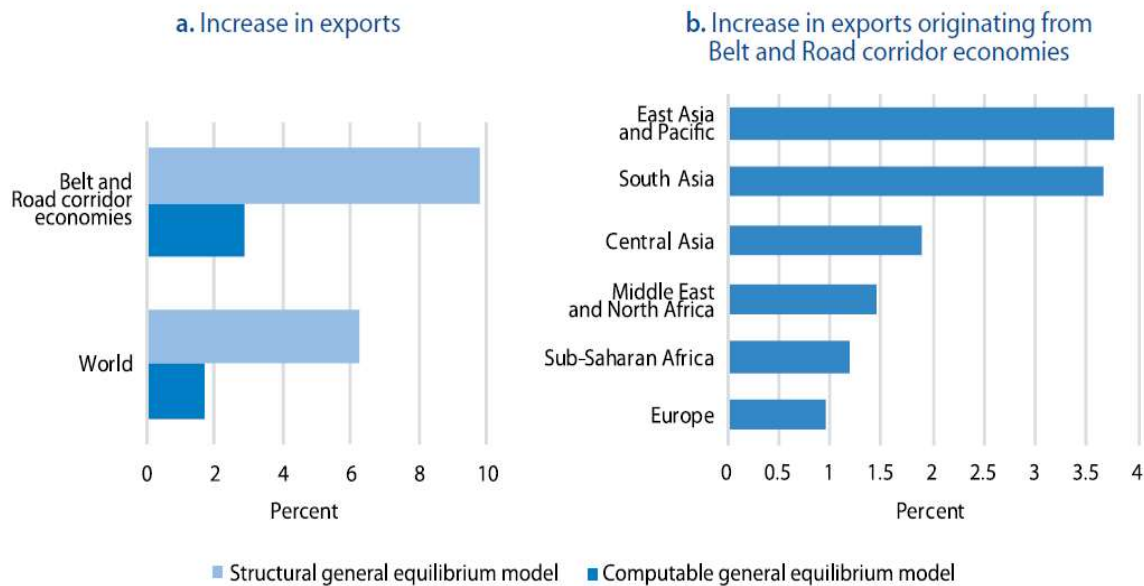


Figura 9: Melhorias na infraestrutura da BRI aumentarão as exportações (modelos CGE e SGE)
Fonte: (INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT
 THE WORLD BANK, 2019, p. 53).

Os dados apresentados na Figura 9 indicam um incremento significativo para as exportações em decorrência do projeto chinês, tanto em relação a parâmetros mundiais como regionais, ressaltando o destaque ao aumento percentual em favor da região asiática, que apresenta os maiores índices, justamente por força da “diplomacia periférica”, que relaciona a China aos países vizinhos.

É neste panorama de desenvolvimento que o Mandatário Xi Jinping almeja alcançar o incremento do PIB chinês em patamares do dobro do atual até 2035, o que conduzirá a RPC à condição de maior economia do mundo entre 2027 e 2028, o que só reforça a ideia do papel estratégico do Estado em inserir o país asiático e sua moeda de modo contundente no cenário internacional (GUIMARÃES, 2021), sendo a BRI um poderoso instrumento para alcançar tal objetivo.

Durante a Quinta Exposição Internacional da Rota da Seda, ocorrida em 2021 em Xi'an, capital da província de Shaanxi, noroeste da China, foram firmados diversos acordos comerciais, que movimentaram investimentos na ordem de 158,3 bilhões de *renminbi* algo em torno de US\$ 24,6 bilhões de dólares estadunidenses (BELT AND ROAD NEWS, 2021a).

A RPC anunciou negociações para o ingresso de mais treze países na iniciativa (BELT AND ROAD NEWS, 2021b), que já conta com a adesão de cento e quarenta nações (NEDOPIL,

2021), com investimentos de US\$ 9,2 trilhões de dólares estadunidenses, como foi destacado pelo Vice-Ministro do Comércio, Wang Shouwen, durante o evento:

O volume total de comércio entre a China e os países da B&R foi de 9,2 trilhões de dólares americanos de 2013 a 2020, e o investimento combinado das empresas chinesas nesses países chegou a 136 bilhões de dólares americanos, de acordo com o vice-ministro do Comércio, Wang Shouwen.

No relatório de trabalho do governo deste ano, a China se comprometeu a construir em conjunto o B&R com alta qualidade, impulsionando a cooperação em grandes projetos de maneira ordenada. O país também prometeu promover o desenvolvimento de alta qualidade do B&R durante o período do 14º Plano Quinquenal (2021-2025) (BELT AND ROAD NEWS, 2021c, *on-line*).¹⁵

Com tantos recursos financeiros disponíveis para investir além de suas fronteiras, a economia de mercado com características chinesas (GEROMEL, 2019) ganha corpo, trazendo ao mundo um novo olhar, muito mais interessado, sobre como se relacionar e fazer negócios com um país tão diverso e atrativo, com foco em entendê-lo mais e melhor. Além disso, o dinamismo caracterizador do projeto asiático lhe permite assimilar, mais rapidamente, as novas necessidades da comunidade internacional, como foi possível perceber a partir do enfrentamento mundial da pandemia de SARS-COV-2 que, desde 2020, reorientou a vida na Terra.

O debate internacional em torno das questões políticas, econômicas, sanitárias, ambientais e sociais sofreram profundas e urgentes transformações, não sendo diferente em relação à BRI. Em 31 de maio de 2021 foi realizado o Fórum Financeiro Internacional (FFI)¹⁶ sobre o crescimento global, a BRI, a finança verde, os mercados de capital global e a tecnologia financeira. O Relatório China foi publicado em dezembro de 2021, com a acolhida de trinta e uma contribuições de líderes mundiais que acompanharam o evento em busca de elaborar novos caminhos políticos, sociais e financeiros que possibilitem a reconfiguração do cenário atual pós-pandêmico.

¹⁵ Texto original: Since 2013, China has signed cooperation agreements with a total of 140 countries and 31 international organizations under the BRI, said Chinese State Councilor and Foreign Minister Wang Yi in a video address to the expo.

The total trade volume between China and the B&R countries amounted to 9.2 trillion U.S. dollars from 2013 to 2020, and combined investment by Chinese enterprises in these countries had reached 136 billion U.S. dollars, according to Vice Minister of Commerce Wang Shouwen.

The country has also vowed to promote the high-quality development of the B&R during the 14th Five-Year Plan period (2021-2025).

¹⁶ Disponível em: <http://www.iff.org.cn/php/list.php?tid=403>. Acesso em: 22 dez. 2021.

A BRI, inegavelmente, ganhou ainda mais destaque no contexto atual de necessidade por maior engajamento mundial por temas comuns sensíveis, tal como apontado pelo Copresidente do FFI e Presidente da Silk Road International Association (SRIA), Han Seung-soo:

A COVID-19 causou perturbações significativas para a economia mundial. No entanto, a implicação ecológica da pandemia é tão consequente quanto a econômica, uma vez que a emergência de saúde pública é sintomática de um problema econômico mais profundo que a fundamenta. Para resolver o problema, uma mudança de foco para ‘nova infraestrutura verde’ é a chave. A missão do SRIA deve ser realinhada para mobilizar o investimento necessário para lidar com o ‘novo normal’ após COVID-19. A produção de energia solar e eólica em grande escala em todo o terreno baldio ao longo da rota BRI ajudaria a gerar energia limpa para o leste, o que deveria ser uma prioridade para o SRIA” (SILK ROAD BRIEFING, 2021, *on-line*).¹⁷

Por todos os aspectos suscitados, a BRI tem consolidado sua presença no plano internacional, tendo o governo central se empenhado em atrair o interesse e a participação de países desenvolvidos na iniciativa, com especial ímpeto em cativar nações europeias, vez que “o principal impulso de investimento em infraestrutura de transporte é em direção à Europa, para conectar a Ásia com a Europa por meio de ferrovias, estradas, portos, parques industriais e centros de logística”¹⁸ (DJANKOV, 2016, p. 8), evidenciando a importância da Nova Ponte Terrestre Euroasiática, composta pelas linhas ferroviárias que ligam cidades chinesas a localidades europeias: Chongqing-Duisburgo/Alemanha, Chengdu-Lodz/Polônia e Yiwu-Madri/Espanha.

A RPC apresenta à comunidade internacional uma abordagem pacífica de presença e influência global, dimensionável tanto pela pujança de sua população como pelo seu inegável poderio econômico, articulando discursos e práticas norteadas à promoção da cooperação entre os atores do Sistema Internacional, o que de fato estabelece novos paradigmas às relações internacionais, que desafiam a existência de outros elementos para a compreensão acerca das vivências contemporâneas.

Sob este prisma, foi estabelecido como foco o estreitamento das relações sino-germânicas em torno da BRI, pelo inegável papel da República Federal da Alemanha (RFA)

¹⁷ Texto original: Han Seung-soo, Co-Chairman of IFF, and Chairman of the Silk Road International Association (SRIA) states that “COVID-19 has caused significant disruption to the world economy. However, the ecological implication of the pandemic is as consequential as the economic one, as the public health emergency is symptomatic of a deeper economic problem that undergirds it. To tackle the issue, a shift of focus to “new green infrastructure” is the key. The mission of the SRIA must be realigned to mobilize the investment necessary to cope with the ‘new normal’ after COVID-19. Producing solar and wind power on a large scale across the wasteland along BRI route would help generate clean power for the East, which should be a priority for the SRIA.”

¹⁸ Texto original: The major thrust of investment thus far is in transportation infrastructure toward Europe, to connect Asia with Europe via rail, roads, ports, industrial parks, and logistics centers.

como líder europeia, que participa ativamente da empreitada, mediante a inclusão dos portos de Duisburgo e Hamburgo no traçado da rota transcontinental, embora o país alemão ainda não tenha assinado a sua adesão formal à iniciativa (SUETY, 2017).

Diante dos dados recentemente apresentados, relativos ao fluxo comercial entre os países durante o ano de 2020, publicados pela Destatis Statistisches Bundesamt (2021), a República Federal da Alemanha tem a República Popular da China como principal fornecedor dos produtos que importa, ao mesmo tempo em que a China figura como segundo país destinatário das exportações alemãs, evidenciando a importância do mercado chinês para a Alemanha e como as relações entre dois Estados, geograficamente distantes, podem impactar no plano internacional quando conectados em torno da Belt and Road Initiative, temática enfrentada no próximo capítulo desta pesquisa que alude à parceria estratégica sino-germânica.

CAPÍTULO II – PARCERIA ESTRATÉGICA SINO-GERMÂNICA

No capítulo anterior foi realizada uma contextualização do projeto chinês Belt and Road Initiative para fornecer esclarecimentos sobre sua importância no cenário internacional, pois a iniciativa se propõe a interligar diversos países em diferentes continentes mediante conexões de infraestruturas rodoviárias, ferroviárias e marítimas com capacidade de reconfigurar a logística comercial, o sistema financeiro e geopolítica ao redor do mundo.

Nesta perspectiva, será abordada a participação da RFA no projeto chinês e seus reflexos para as dinâmicas entre os Estados na atualidade, diante da importância do país como líder europeu e suas inegáveis condições de aderir à iniciativa e poder contribuir para uma reconfiguração do cenário político internacional contemporâneo.

Estudos geopolíticos têm maior interesse nos comportamentos dos Estados com chances de representar alterações significativas tanto para ganhos quanto para perdas de poder de uma nação em detrimento de outra (CARRIÇO, 2013), tendo este autor tecido esclarecimentos sobre a estratégia chinesa:

A grande estratégia (*yuanqui mubiao*) chinesa tem na condução da política externa – entendida como a aplicação de meios diplomáticos, militares e econômicos por parte de um Estado como objetivo de desenvolver e proteger os seus interesses – um instrumento fundamental. (...), a China é mais ampla no seu enfoque porque lida com a relação de forças e fatores que a modelam (CARRIÇO, 2013, p. 1).

Desde a Revolução Chinesa de 1949, a RPC se estruturou sob os fundamentos da Teoria Marxista, que analisou os modos de produção, destacando que o capitalismo era um sistema fadado ao fracasso porque se estruturou na existência de duas classes sociais, a burguesia e o proletariado, em que a aquela se valia da exploração da mão de obra desta última para obter ganhos, chamados “mais-valia”; que o capitalismo se estabelecia por meio da alienação do trabalhador ao realizar seu trabalho como instrumento de escravidão, determinando, por fim, que dita exploração somente cessaria com uma revolução decorrente da luta das classes (DONÁRIO; SANTOS, 2016), tendo Montenegro (2015) descrito os tipos de abordagens utilizadas para tal finalidade, a seguir indicados:

Grosso modo, há quatro tipos de abordagens utilizadas pela academia chinesa para analisar as relações internacionais e a política externa do País, segundo Hu, Chan e

Zha (2000). A primeira utiliza um referencial essencialmente marxista, com os pesquisadores teorizando sobre o pensamento de líderes como Lenin, Mao e Xiaoping. Um segundo grupo de pesquisadores trabalha mais com aplicações contemporâneas de conceitos desenvolvidos na filosofia chinesa antiga. Outro tipo de abordagem utilizada nos estudos internacionais na China é aquele mais voltada para orientação política, desenvolvida basicamente por pesquisadores vinculados a think-thanks ou institutos oficiais. Como são estudos mais voltados a aconselhamento, não há tanta preocupação com questões teóricas e metodológicas. Um último grupo de pesquisadores, geração mais jovem formada basicamente por pessoas que estudaram fora da China, costuma utilizar os referenciais desenvolvidos no Ocidente (MONTENEGRO, 2015, p. 17-20).

Atualmente, há um intenso debate acerca de como as Relações Internacionais podem contribuir para a compreensão dos fenômenos ocorridos no país asiático. Corrente acadêmica da “*Chinese School*” defende o desenvolvimento de um aporte teórico próprio, que possa avaliar as especificidades chinesas de modo mais adequado, embora outras vertentes, como a do Professor Yan Xuetong e dos adeptos da “*Tsinghua School*”, principal universidade que se dedica ao estudo do tema, entendam não ser possível construir uma teoria de relações internacionais exclusiva para a leitura de um determinado país, porque, conceitualmente, uma teoria deve ser universal e aplicável a múltiplas realidades (MONTENEGRO, 2015).

Segundo Yan (2011) “as escolas chinesas deveriam se preocupar mais em investigar enigmas teóricos na literatura existente do que propriamente uma escola nacional de pensamento das RI” (YAN, 2011 *apud* MONTENEGRO, 2015), mesmo diante da inegável dificuldade de direcionar as teorias clássicas ocidentais para uma análise consistente da realidade oriental atual, justamente, em razão das diferenças estruturais entre essas sociedades.

Consciente dos múltiplos obstáculos que decorrem da aplicação de uma teoria ocidental à verificação dos fenômenos atuais chineses, foram empreendidos esforços no sentido de explorar o aporte teórico do Socialismo de Mercado como instrumento para observar os fenômenos chineses contemporâneos, muito mais, aqueles correlacionados ao projeto transcontinental em exame.

Os atores políticos internacionais tendem à aproximação quando pretendem desenvolver ações coordenadas para alcançar determinada finalidade, como pode ser identificada na hipótese da aproximação da RPC e à RFA em torno da BRI, influenciando ao surgimento de uma “parceria estratégica abrangente” (HEIN, 2021, on-line) com enorme carga geopolítica para o cenário internacional, melhor compreendida mediante esclarecimentos sobre como as ligações entre os dois países foram sendo edificadas ao longo do tempo.

2.1 Construção das relações sino-germânicas

As relações sino-germânicas remontam ao Império Qing (1644-1911), quando a última dinastia imperial chinesa estabeleceu com a Prússia relações diplomáticas e comerciais em razão da Expedição de Eulenburg (MARTIN, [s/d])¹⁹, tratado que foi recepcionado pelo Império Alemão (1871-1918).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a Alemanha participou de ações conjuntas com outras nações para conter a Rebelião dos Boxers ocorrida na China (1899-1901)²⁰, guerra que somente terminou quando entabulados acordos inseridos no Protocolo de Pequim (1900), no qual o governo chinês precisou realizar concessões aos países europeus com fins a garantir a manutenção de seu território (COSTA, 2020).

Posteriormente, quando Adolf Hitler (1889-1945) se aliou à Itália e ao Japão, esses países se tornaram os líderes do Eixo, que rivalizaram com os países Aliados: Reino Unido, União Soviética, França e Estados Unidos, durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Na época, houve inevitável afastamento entre a Alemanha e a China, vez que o Japão havia invadido a Manchúria (1931) com a pretensão de dominar o povo chinês, por considerá-lo inferior, e ainda por pretender obter matérias-primas e recursos chineses (THE BATTLE OF CHINA, 1944).

Com o final da Segunda Grande Guerra (1939-1945), foi estabelecido o período de intensa tensão geopolítica, conhecido como Guerra-Fria (1947-1991), em razão de um conflito intersistêmico entre as forças norte-americanas e soviéticas, no desempenho de suas capacidades militares, políticas e econômicas (HALLIDAY, 2007), sendo a Alemanha objeto de uma divisão política pelas potências vencedoras, concretizada pela instalação do Muro de Berlim, em que sua porção Ocidental seguiu o regime capitalista sob influência dos EUA, enquanto a parte Oriental assumiu a perspectiva comunista instituída na URSS (AMAL, 2019).

Ao final da Guerra Fria (1947-1991), a queda do Muro de Berlim (1989) foi o ponto culminante do processo de reunificação do país europeu, que permitiu o fim das restrições

¹⁹ A Expedição de Eulenburg foi uma missão diplomática comandada por Friedrich Albrecht zu Euleburg (1859-1862) representando a Prússia com a finalidade de estabelecer comércio com a China, Japão e o Sião (MARTIN, [s/d]).

²⁰ Rebelião dos Boxers ocorrida na China (1899-1901) foi um movimento nacionalista, que se insurgiu contra a intervenção imperialista no território chinês, promovido por um grupo de lutadores que criaram a “Sociedade dos Punhos Harmoniosos e Justiceiros” (GEROMEL, 2019).

políticas, mas representou aumento de custos que pressionaram sua economia, também comprometida diante do surgimento do fenômeno da globalização (KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012).

A década de 1970 foi marcante para a RPC ao experimentar as mudanças advindas do grande crescimento econômico promovidas por Mao Tsé-tung e desencadearam a retomada das relações diplomáticas com outras nações, com destaque à aproximação com os EUA, a partir de “1972, quando Richard Nixon se reuniu com Mao Tsé-tung em Pequim, sendo estabelecida relações diplomáticas em 1979, durante o governo de Jimmy Carter” (YI, 2020, online).

As relações diplomáticas sino-germânica foram firmadas em 1972 (CÂMARA, 2013), havendo o Chanceler Gerhard Schröder (1998-2005) sido entusiasta das iniciativas de Pequim (BARKIN, 2020). Schröder fez diversas visitas à China com o intuito de promover empresas alemãs e conseguiu estabelecer contratos para grandes projetos que envolviam empresas como a Siemens e a ThyssenKrupp (KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012), o que fomentou positivamente a relações bilaterais entre os dois países, principalmente, após o ingresso da RPC “na OMC em 2001”, e a “construção de malha ferroviária magnética para trens de alta velocidade” (CÂMARA, 2013, p. 210-211).

Ao ser sucedido por Angela Dorothea Merkel, primeira mulher eleita para o cargo de Chanceler-Federal em 2005, embora houvesse expectativas de continuidade das diretrizes alusivas à política externa alemã, ocorreu relativa mudança de comportamento quando ela assumiu o cargo, demonstrando preocupações ligadas à temas como liberdade e direitos humanos, tanto que promoveu uma reunião na Chancelaria em Berlim (2007) com o Dalai Lama, líder espiritual do Tibete, encontro que repercutiu negativamente na agenda bilateral em razão da existência de controvérsia estabelecida por questões territoriais (CHRIST, 2015), tanto que foi preciso haver posterior reconhecimento alemão de que o Tibete é um território chinês, como meio de apaziguar o desconforto estabelecido entre Pequim e Berlim (KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012).

O desempenho chinês também ganhou destaque diante da crise econômica de 2008, por ter a RPC fornecido estímulos econômicos na ordem de US \$ 586 bilhões (quinhentos e oitenta e seis bilhões de dólares estadunidenses), que concorreram à recuperação alemã de forma mais rápida naquele período (KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012). Concomitantemente, houve uma perda alemã de espaço de mercado “nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Zona do Euro para suas exportações” (CHRIST, 2015, [s/p]).

Atualmente, há uma relação de interdependência entre os dois países. A RFA carece do mercado chinês para escoar seus produtos, como o veículo Mercedes S-Class avaliado em US\$ 109.800 (cento e nove mil e oitocentos dólares estadunidenses), fabricado pela alemã Mercedes-Benz, enquanto a RPC busca nessa parceria estratégica a aquisição e transferência de tecnologias para inovações, como forma de suprir suas necessidades, a exemplo da busca por autonomia na fabricação de semicondutores, utilizados em componentes eletrônicos.

O intercâmbio entre os países é intenso e se mostrou ainda mais relevante durante a pandemia de SARS-COV 2, quando ganhou nova dimensão diante da necessidade de recebimento rápido de suprimentos médicos chineses, essenciais ao enfrentamento da crise sanitária mundial (CARBAJOSA, 2020).

Neste contexto de relacionamento costurado por eventos históricos relevantes e conturbados foi que as relações sino-germânicas foram sendo alinhavadas, até chegarmos a momentos mais contemporâneos, em que as ligações diplomáticas e comerciais entre os dois países impactam no plano internacional, o que contribui para a abordagem dos critérios de política externa desenvolvidos por ambas as nações na próxima seção.

2.2 Critérios de política externa semelhantes entre os dois países

O processo de reunificação da Alemanha (1990), encabeçado pelo Chanceler Helmut Kohl (1982-1998), permitiu ao país recuperar sua importância e destaque na Europa, exigindo a adoção de novos posicionamentos a título de política externa, que priorizaram, à época, apoiar a transição política vivenciada na Europa Oriental, esforços conhecidos como *Ostpolitik*²¹; sem se afastar das tratativas com os países da Europa Ocidental, na perspectiva *Westbindung*²², que evoluíram para a constituição da União Europeia (1993). Além disso, o fim da Guerra Fria precipitou a aproximação com os EUA e uma maior participação alemã no comércio global (PFETSCH, 1997).

Com tantos desafios, os infortúnios decorrentes da Segunda Grande Guerra e da Guerra Fria, a RFA assumiu uma postura pacifista rechaçando ideias belicistas para a solução de conflitos, privilegiando a paz e o livre comércio, mediante a preservação das estruturas

²¹ *Ostpolitik* foram os esforços políticos realizados no intuito de equilibrar as relações entre as nações da Europa do Leste (AMAL, 2019).

²² *Westbindung* – critério de política externa de integração com o Ocidente (AMAL, 2019).

democráticas com vistas a dissipar os vínculos com eventos históricos de extremo sofrimento para a Humanidade, como a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (BISCHOFF; CHAUVISTRÉ; KLEIS; WILLE, 2018), laborando em favor de posturas positivas de integração da nação à comunidade europeia ocidental, mediante a formalização de relações bilaterais e multilaterais com os países parceiros, além de instituições internacionais (PFETSCH, 1997), prática conhecida como *poder civil* (AMAL, 2019), por empreender “esforços consideráveis para a solução política de conflitos, a preservação de estruturas de garantia da paz e a gestão de crises no âmbito das missões de paz com mandato das Nações Unidas” (BISCHOFF; CHAUVISTRÉ; KLEIS; WILLE, 2018, p. 40).

Perfil que encontra conexão com linha desenvolvida pelo Mandatário Hu Jintao (2003-2013), que cunhou a expressão Desenvolvimento Pacífico, em lugar do termo “ascensão pacífica”, como definição do critério de política externa do país asiático, ansiando demonstrar que a ascensão política, econômica e militar chinesa é acompanhada de um processo multilateral, com manifesto respeito aos países vizinhos, aliados e demais Estados (AMARAL, 2012), de modo a tranquilizar a comunidade internacional de que a RPC não ameaça os demais atores internacionais com pretensões intervencionistas ou beligerantes (MEDEIROS, 2014).

O governo chinês difunde a ideia de promover melhorias para vida de seus cidadãos, mediante o incremento de seu comércio internacional, ressaltando o prestígio às regras do Sistema Internacional, orientação que guarda afinidade com o critério de política externa alemã, conhecido como “Wandel durch Handel”²³ (NEVES, 2020, online), que reconhece o comércio como instrumento para promover mudanças (BARKIN, 2020), o que bem se adapta às propostas chinesas de formalização de relações bilaterais mercantis.

É possível, portanto, considerar que há traços semelhantes entre os critérios de políticas externa adotados por ambos os países, que, embora diverjam quanto à origem, têm como ponto em comum a utilização dos meios pacíficos à solução dos conflitos, a parcimônia dedicada a projetos de longo prazo e a valorização do comércio como uma ferramenta capaz de promover o desenvolvimento nacional.

Entendimento ressaltado por Martin Wolf, quando aponta estarem os dois países entre “os maiores exportadores de produtos manufaturados, com a China agora à frente da Alemanha. Ambos os países têm enormes excedentes de poupança sobre investimento e

²³ Tradução da expressão alemã Wandel durch Handel: Mudança através do comércio.

superávits comerciais enormes”²⁴ (WOLF apud KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012, p. 6), informação ilustrada pela Figura 10 a seguir:

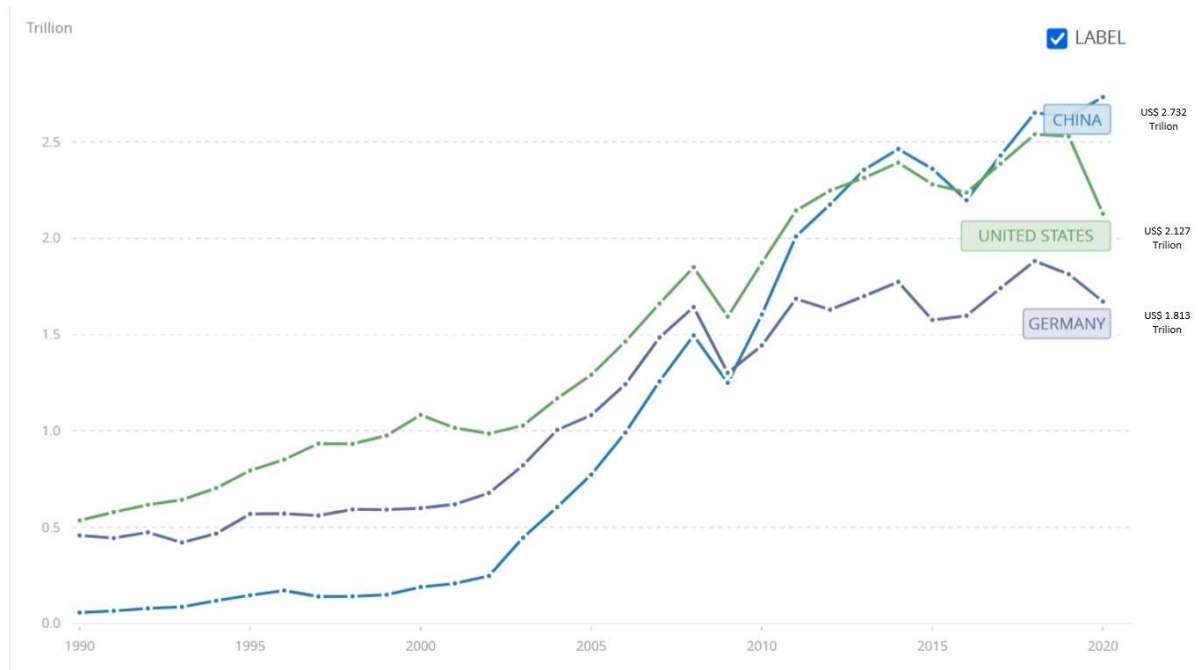


Figura 10: Exportação de bens e serviços - balanço de pagamentos - 1990 - 2020 (trilhões de US\$)
Fonte: Banco Mundial (2021).

Estes dados demonstram a representatividade da interação entre os dois países no cenário internacional ao longo das três últimas décadas e reforçam a importância da aludida parceria estratégica entre a RPC e a RFA, pois o país europeu é considerado “a locomotiva econômica da União Europeia” (CHRIST, 2015), justamente, porque “tem uma significativa responsabilidade em todas as fases de transformações econômicas e sociais” no âmbito regional (BISCHOFF; CHAUVISTRÉ; KLEIS; WILLE, 2018, p. 46).

A crise econômica global de 2008 foi mais um elemento na construção das relações sino-germânicas, vez que o apoio chinês à Europa foi muito importante para que o continente suportasse o abalo provocado pela bolha do *subprime*, ocorrida nos EUA, advinda de empréstimos concedidos a pessoas com alto risco de crédito (IPEA, 2008), assumindo a RFA a condição de principal parceiro econômico da RPC na Europa (CIESIELSKA-KLIKOWSKA, 2018).

²⁴ Texto original: “the largest exporters of manufactures, with China now ahead of Germany; they have massive surpluses of saving over investment; and they have huge trade surpluses”.

Entendimento reforçado pelos dados publicados pela Destatis Statistisches Bundesamt (2021), sobre a representatividade da parceria sino-germânica, uma vez que as informações econômicas consolidadas extraídas da base de dados Trading Economics permitem demonstrar o *ranking* dos países para os quais as duas nações mais destinaram suas exportações no ano de 2020, segundo os gráficos apresentados nas Figuras 11 e 12:



Figura 11: Exportações da Alemanha por país
Fonte: (TRADING ECONOMICS, 2020).

A Figura 11 indica que os EUA e a China se apresentam como principais receptores dos produtos alemães, ao mesmo tempo, o país europeu ostenta a sexta posição no *ranking* das nações para as quais a China exporta bens, como demonstrado na Figura 12. Tanto para a China, quanto para a Alemanha, o principal destinatário de suas exportações são os Estados Unidos, no entanto, a China é relativamente mais importante para a Alemanha do que a Alemanha o é para a China, vez que a China é o segundo destino das exportações alemãs (8,1%), muito próximo de tornar-se o primeiro destino ocupado pelos EUA (8,8%); já a Alemanha ocupa a sexta posição (3,4%) como destino das exportações chinesas, bem distante dos EUA (18%) que aparecem em primeiro lugar.

É preciso observar, ainda, diante dos dados da Figura 11, a independência da economia alemã, que destina ao principal parceiro comercial, que são os EUA, apenas 8,8% do volume de suas exportações, estabelecendo exportações de maneira mais variada com outros destinos, evidenciando o maior grau de liberdade para a atuação do seu governo no âmbito de sua política

externa, fator que lhe permite maior aproximação com nações como a Rússia, que mantém um papel geopolítico de antagonismo aos EUA.



Figura 12: Exportações da China por país
Fonte: (TRADING ECONIMCS, 2020).

Os dados coletados na mesma plataforma permitem estabelecer um perfil de valor econômico de ambas as nações quanto aos produtos mais destinados à exportação no ano de 2020, segundo demonstração trazidas nos Quadros a seguir:

| Exportações da Alemanha para China | Valores (dólares estadunidenses) |
|---|---|
| Veículos que não sejam ferroviários, bonde | 27,93 bilhões |
| Máquinas, reatores nucleares, caldeiras | 22,49 bilhões |
| Equipamento elétrico, eletrônico | 18,93 bilhões |
| Aparelhos ópticos, fotográficos, técnicos, médicos | 9,84 bilhões |
| Produtos farmacêuticos | 4,72 bilhões |
| Aeronave, nave espacial | 3,74 bilhões |
| Plásticos | 2,79 bilhões |
| Artigos de ferro ou aço | 1,81 bilhões |
| Produtos químicos orgânicos | 1,33 bilhões |
| Mercadorias não especificadas de acordo com o tipo | 1,30 bilhões |

Quadro 3: Ranking dos produtos exportados pela Alemanha para a China em 2020
Fonte: (TRADING ECONOMICS, 2020).

| Exportações da China para Alemanha | Valores (dólares estadunidenses) |
|--|---|
| Equipamento elétrico, eletrônico | 20,65 bilhões |
| Máquinas, reatores nucleares, caldeiras | 18,94 bilhões |
| Outros artigos têxteis feitos, conjuntos, roupas usadas | 5,49 bilhões |
| Móveis, placas de iluminação, construções prefabricadas | 4,70 bilhões |
| Aparelhos ópticos, fotográficos, técnicos, médicos | 3,55 bilhões |
| Veículos que não sejam ferroviários, bonde | 3,05 bilhões |
| Artigos de vestuário, não de malha ou malha | 2,77 bilhões |
| Produtos químicos orgânicos | 2,40 bilhões |
| Brinquedos, jogos, artigos esportivos | 2,36 bilhões |
| Plásticos | 2,30 bilhões |

Quadro 4: Ranking dos produtos exportados pela China para a Alemanha em 2020
Fonte: (TRADING ECONOMICS, 2020).

Perceptível que o comércio entre a China e a Alemanha está concentrado em produtos industrializados. Dados que permitem demonstrar que a intensidade das trocas comerciais entre

os dois países impulsiona suas capacidades econômicas, estabelecidas como critérios de política externa vocacionados ao seu desenvolvimento, deixando-os aptos a imprimir influência no cenário internacional, numa parceria sino-germânica, cujos investimentos chineses são analisados no tópico a seguir.

2.3 Investimentos chineses na República Federal da Alemanha

O “investimento direto alemão na China totalizou € 69,5 bilhões de euros em 2015, enquanto o nível de investimento direto chinês na Alemanha aumentou seis vezes desde 2004 e atingiu € 2,2 bilhões de euros no final de 2015” (CIESIELSKA-KLIKOWSKA, 2018, p. 96)²⁵. Esses dados podem ser verificados junto ao Ministério do Comércio da República Popular da China que, por intermédio do State Administration of Foreign Exchange (SAFE), disponibiliza informações sobre o volume de investimentos externos realizados pela RPC. É possível estabelecer um *ranking* por país ou região a partir do quantitativo de recursos financeiros empregados, ordenado por unidade de referência equivalente a USD 100 milhões de dólares estadunidenses. As quinze primeiras posições dos maiores receptores são apresentadas no Quadro 5:

²⁵ Texto original: “The level of German direct investment in China amounted to 69.5 billion EUR in 2015, while the level of Chinese direct investment increased six times since 2004 and amounted to 2.2 billion EUR at the end of 2015.”

| Nº | Nome de país ou região | Sigla do país ou região | % | Total | Títulos de capital | Títulos de dívidas | Longo prazo | Curto prazo |
|----|--------------------------------------|-------------------------|--------------|----------------|--------------------|--------------------|---------------|--------------|
| 1 | Rep. Pop. China: Hong Kong | HK | 48,07% | 4091.036 | 3416,217 | 674,819 | 570,514 | 104,305 |
| 2 | Estados Unidos da América | US | 20,96% | 1784,385 | 1108,739 | 675,646 | 615,414 | 60,232 |
| 3 | Ilhas Cayman | KY | 10,59% | 901,073 | 685,869 | 215,204 | 211,783 | 3,421 |
| 4 | Ilhas Virgens Britânicas | VG | 6,95% | 591,861 | 21,942 | 569,919 | 545,754 | 24,164 |
| 5 | Reino Unido | GB | 2,53% | 215,345 | 113,041 | 102,304 | 92,052 | 10,252 |
| 6 | Japão | JP | 1,94% | 165,096 | 99,663 | 65,433 | 30,212 | 35,222 |
| 7 | Alemanha | DE | 1,69% | 143,977 | 44,665 | 99,311 | 94,060 | 5,252 |
| 8 | Luxemburgo | LU | 1,58% | 134,497 | 96,523 | 37,974 | 26,877 | 11,097 |
| 9 | Austrália | AU | 1,17% | 99,393 | 48,653 | 50,740 | 36,317 | 14,423 |
| 10 | França | FR | 1,10% | 93,414 | 47,423 | 45,991 | 45,874 | 0,117 |
| 11 | Singapura | SG | 0,77% | 65,470 | 10,965 | 54,505 | 41,791 | 12,714 |
| 12 | Irlanda | IE | 0,69% | 58,643 | 52,739 | 5,904 | 5,604 | 0,300 |
| 13 | Bermuda | BM | 0,67% | 56,999 | 15,758 | 41,241 | 39,614 | 1,627 |
| 14 | Canadá | CA | 0,65% | 55,362 | 30,795 | 24,567 | 24,562 | 0,006 |
| 15 | Coreia, República da (Coreia do Sul) | KR | 0,64% | 54,717 | 28,705 | 26,012 | 6,617 | 19,396 |
| - | Total | - | 1,0 | 8511,3 | 5821,7 | 2689,6 | 2387,0 | 302,5 |

Quadro 5: Ativos de investimento da carteira externa da China com *ranking* dos quinze maiores receptores (por país / região até 2020 em unidade de USD 100 milhões de dólares estadunidense)²⁶

Fonte: State Administration of Foreign Exchange (SAFE).

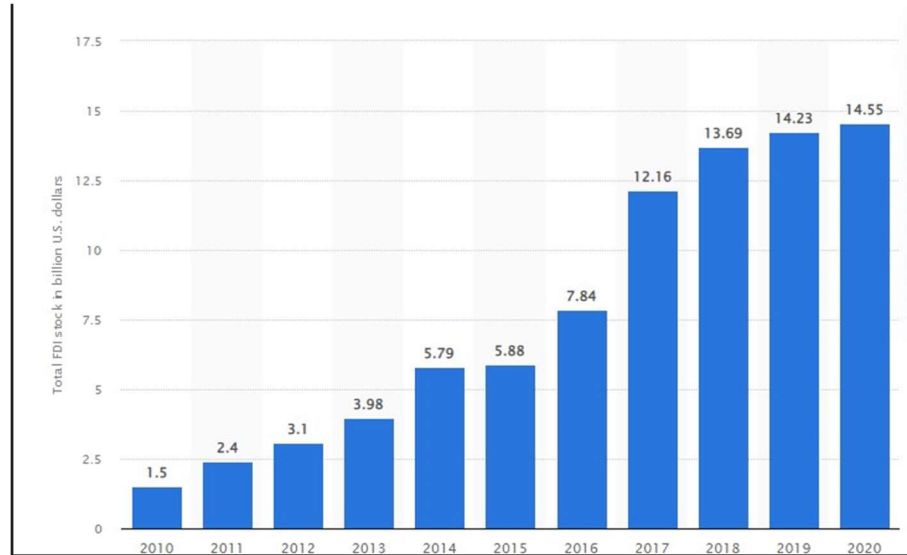
O interesse chinês é crescente em relação à Alemanha, que consta na sétima colocação do *ranking* apresentado no Quadro 5, que traz os quinze maiores receptores dos investimentos oriundos da carteira externa da China em 2020, entendimento que encontra amparo nas palavras de Wan-Hsin Liu e Xinming Xia:

As ações externas do FDI da China na Alemanha atingiram mais de US\$ 14 bilhões no final de 2019. Embora isso tenha sido apenas cerca de 0,7% do estoque total de IED da China no mundo, a Alemanha ficou em décimo lugar entre todos os países de destino dos investimentos chineses (em estoque) em 2019 (MOFCOM et al., 2019). Os investidores chineses aumentaram substancialmente seu fluxo de IED para a Alemanha após a crise financeira global (Figura 1). De 2009 a 2017, o fluxo do FDI externo chinês para a Alemanha aumentou continuamente a uma taxa muito mais forte do que o FDI externo chinês em geral, com o ano de 2015 sendo uma exceção. Como resultado, a participação dos investimentos chineses na Alemanha em seu total mundial aumentou claramente de 0,32% em 2009 para 1,72% em 2017 (LIU; XIA, 2021, online)²⁷

²⁶ Os dados relativos aos ativos de investimento da carteira externa da China (por país / região até 2020 em unidade de USD 100 milhões de dólares estadunidense) contidos no Quadro 3 foram obtidos junto sítio da internet da *State Administration of Foreign Exchange* (SAFE), sendo ajustados na apresentação do texto para adequação ao tema da pesquisa.

²⁷ Texto original: China's outward FDI stock in Germany reached more than \$14 billion at the end of 2019. Although this was only about 0.7% of China's total FDI stock in the world, Germany was ranked tenth among all destination countries of the Chinese investments (in stock) in 2019 (MOFCOM et al., 2019).³ Chinese investors substantially increased their FDI flow to Germany after the global financial crisis (Figure 1). From 2009 to 2017, the Chinese outward FDI flow to Germany increased continuously at a much stronger rate than Chinese outward FDI in general, with the year 2015 being an exception. As a result, the share of Chinese investments in Germany in its world total clearly increased from 0.32% in 2009 to 1.72% in 2017.

Além disso, os dados supramencionados são reforçados pelas informações colhidas na plataforma Statista, que dá conta do incremento do volume de investimentos de 2010 a 2020, com ilustrado pelo Quadro 6 a seguir:



Quadro 6: Estoque total de investimentos estrangeiros diretos da China para a Alemanha entre 2010 e 2020 (em bilhões de dólares)
Fonte: Statista, 2021

Dados que repercutem em crescente presença de diversas empresas chinesas em território alemão, a exemplo da Midea Europe GmbH e China Mobile International (Germany) GmbH (CHINA IN FRANKFURTRHEINMAIN, 2021)²⁸. Em contrapartida, empresas alemãs como Daimler, Volkswagen e BMW se instalaram na RPC (BARKIN, 2021). Sendo interessante ilustrar também quais os principais setores alcançados pelos investimentos chineses na Alemanha mediante a Figura 13:

²⁸ As demais empresas listadas podem ser encontradas no endereço eletrônico a seguir: <https://www.frm-united.com/location-factors/quality-of-life-communities/china/>

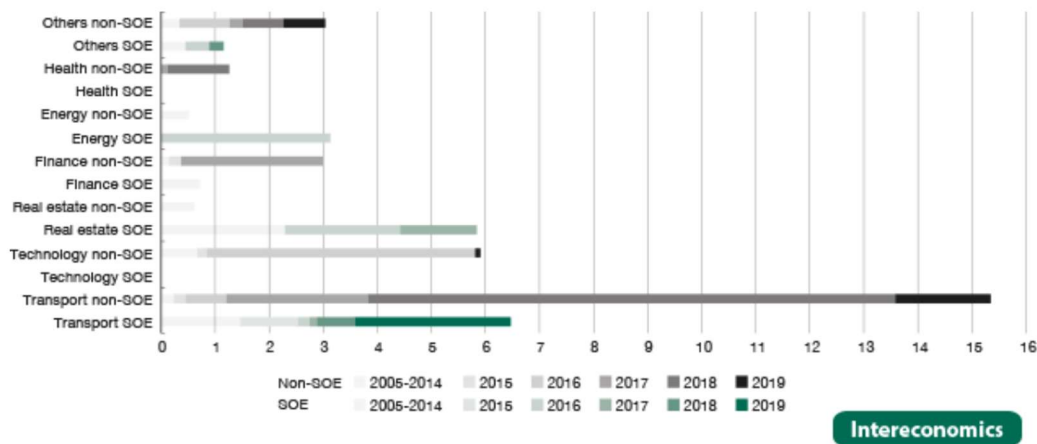


Figura 13: Relação dos investimentos chineses na Alemanha por indústrias-alvo.
Fonte: American Enterprise Institute and the Heritage Foundation, 2020 *apud* LIU;XIA, 2021.

A relação dos investimentos chineses na Alemanha apresentada na Figura 13 permite observar os esforços chineses em áreas de alta tecnologia; inclusive 5G; recursos energéticos, manufatura inteligente e inovações (LIU; XIA, 2021), pensamento corroborado pelas conclusões divulgadas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em seu relatório *China's Belt and Road Initiative in the Global Trade, Investment and Finance Landscape*, transcritas a seguir:

Da perspectiva da China, a estratégia de desenvolver mercados para seus produtos por meio de conectividade de hardware no BRI, ao mesmo tempo que investe na transferência de tecnologia para avançar rapidamente na cadeia de valor agregado, se encaixa na necessidade de aliviar o excesso de capacidade industrial em casa no curto prazo e no longo prazo para criar uma plataforma global que irá facilitar comércio e investimento com os países envolvidos na Iniciativa, com a China desempenhando um papel central. Como a China, muitas economias participantes do BRI veem benefícios em um papel forte para o estado e as relações comerciais de acordo com os princípios de Bandung (OCDE, 2021, [s/p]).²⁹

As relações estabelecidas entre os dois países podem ser ainda mais estimuladas pela rota transcontinental, que contempla portos alemães no percurso da Nova Ponte Terrestre Euroasiática, tema abordado na próxima seção.

²⁹ Texto original: “From China’s perspective, the strategy to develop markets for its products via hardware connectivity in the BRI, while investing in technology transfer to move quickly up the value-added chain, fits in with the need to alleviate industrial excess capacity at home in the short term, and in the longer run to create a global platform that will facilitate trade and investment with the countries involved in the Initiative, with China playing a central role. Like China, many BRI-participating economies see benefits in a strong role for the state and commercial relationships in line with the Bandung principles.”

2.4 Nova Ponte Terrestre Eurasiática

Durante vários séculos, os avanços marítimos garantiram as forças necessárias para o controle dos mares e a supremacia de suas nações. No entanto, em 1904, Halford John Mackinder (1861-1947), geógrafo inglês, autor de *The Geographical Pivot of History*, estabeleceu a Teoria do Heartland por entender que apenas a supremacia naval não mais garantiria o destaque geopolítico necessário às potências mundiais, sendo imperioso o avanço de modo terrestre (MACKINDER, 1904). Mackinder definiu o que seria o “coração continental” ou “região-pivô”, e, ao contrário do que então era imaginado, a Eurásia – e não a Europa – seria o centro do mundo, por ser composta pelos continentes europeu e asiático e com extensão de 54 (cinquenta e quatro) milhões de quilômetros quadrados, representando, assim, grande vastidão de recursos naturais e terrestres.

O supracitado autor também mencionou a possibilidade de gerar a integração entre as nações, mediante acesso ao mar, sendo considerada a região uma grande influenciadora para a constituição de objetivos estratégicos de uma nação, defendendo a ideia de que o Estado que controlasse a Eurásia ou a Ilha Mundial garantiria influência global. Sintetizando seu pensamento do seguinte modo: "Quem controla a Europa Oriental, domina a Terra Central; quem controla a Terra Central, domina a Ilha Mundial; e quem controla a Ilha Mundial, domina o Mundo (MACKINDER, 1904 *apud* CANCIAN, ([s/d], [s/p]), “a Eurásia é, portanto, o tabuleiro no qual a luta pela primazia global continua a ser jogado (...) (BRZEZINSKI, 1997, s/p *apud* PECEQUILO, 2017, p. 576), região que se ilustra a seguir:



Figura 14: Eurásia
Fonte: (WIKIPEDIA, 2021, on-line).

É possível observar que a Europa é uma espécie de península de uma maior extensão territorial que é a Eurásia, por isso chamada de coração do mundo, razão pela qual o “exercício de poder terrestre sobre a Eurásia tem um potencial de produzir um repositório de recursos e bens que, quando associado a um poder marítimo, acarretará possibilidades de alteração da balança de poder do sistema internacional” (KOTZ, [s/d], p,7), no sentido de considerar “Heartland uma fortaleza natural inacessível ao assédio do poder marítimo das potências insulares e propícia ao desenvolvimento do poder terrestre da potência que dominasse aquela região basilar” (MELLO, 1994, p. 55-69).

Em que pese a RPC não ter pretensão intervencionista, a vastidão da região Euroasiática permite um avanço significativo do projeto chinês, mediante a construção de ferrovias e estradas para interligar os países e contribuir para o aumento do tráfego de pessoas,

bens e culturas, mediante o aporte de vultosos recursos financeiros em países, muitos dos quais carentes de meios econômicos próprios para promover as melhorias de infraestrutura de que necessitam.

Num contexto de fenômenos geográficos e econômicos que se alinham aos pensamentos de Edward Luttwak sobre geoeconomia, que entende pela necessidade de haver participação do “capital para investimento para a indústria fornecido ou orientado pelo Estado; o desenvolvimento de produtos subsidiados pelo Estado; penetração de mercados apoiado pelo Estado, e outros” (LUTTWAK, 2001 *apud* MATOS, 2008, p. 10), elementos que bem se aproximam dos critérios políticos traçados pelo governo central chinês, que pretende recriar uma zona de amplo comércio mediante a construção de infraestruturas terrestres como ferrovias e rodovias, permitindo o acesso a diversos entrepostos comerciais, além da construção de portos que ilustrarão a grande participação do país asiático no cenário mundial.

A presença alemã na BRI ainda não foi oficializada por meio de acordo bilateral entre as duas nações, no entanto, numa perspectiva de paradiplomacia, a rota transcontinental alcança portos alemães, mediante o corredor econômico da Nova Ponte Terrestre Eurasiática, que parte da Ásia em direção a Europa, de modo que a inclusão da Alemanha no traçado já se traduziu em investimentos vultosos no país europeu, gerando certo grau de transformações na realidade local.

A Nova Ponte Terrestre Euroasiática é composta por vários trechos ferroviários, como a linha Chongqing-Duisburgo que sai da cidade chinesa de Chongqing, passa pela Polônia no Leste Europeu e chega a Duisburgo na Alemanha; além do trecho Chengdu-Lodz que tem como ponto de partida a cidade chinesa de Chengdu e vai diretamente à Polônia; já o percurso de Yiwu-Madri liga a cidade de Yiwu na província chinesa de Zhejiang a Madri, capital da Espanha, com destaque ao trecho que se origina na RPC em direção à RFA (DIRECTOR, 2014), segundo a Figura 15:

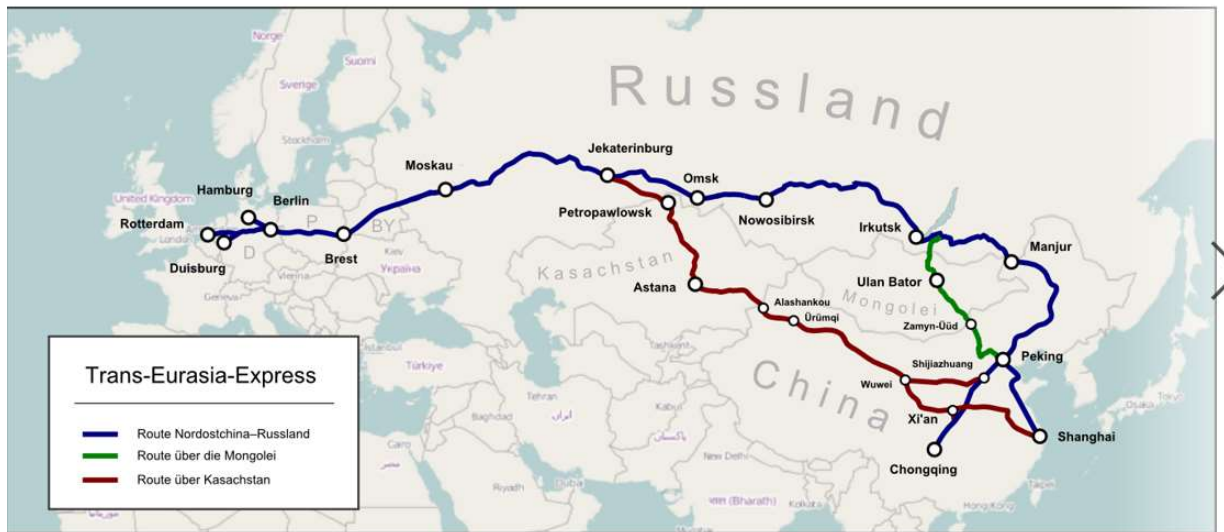


Figura 15: Nova Ponte Terrestre Euroasiática
Fonte: (WIKIPEDIA, 2021, on-line).

A rota Chongqing-Duisburgo atravessa as cidades chinesas de Xi'an, Lanzhou, Ürümqi e Alataw Pass, passando pelo Cazaquistão, Rússia, Bielorrússia e Polônia até chegar no destino alemão de Duisburgo, cidade que alcançou seu auge com a mineração, mas perdeu fôlego com as transformações industriais contemporâneas, enxergando na perspectiva da logística chinesa uma possibilidade de renovação, usufruindo da condição de possuir o maior porto seco da Europa, administrado pela empresa Duisburg Intermodal Terminal (CARBAJOSA, 2020).

Duisburgo se tornou a porta de entrada do continente europeu aos trens chineses, vez que serve como ponto de distribuição para outros destinos na região, encurtando o tempo de até quarenta dias de navio para os atuais dezesseis dias pela ferrovia, tendo a cidade se tornado um centro urbano inteligente, alimentada pela tecnologia chinesa de quinta geração (5G) (BARKIN, 2020), inclusive, sediando a Universidade de Duisburg-Essen que é núcleo de referência em estudos asiáticos na Alemanha (UNIVERSITÄT DUISBURG-ESSEN, 2021).

Além da cidade de Duisburgo, outro ponto de grande interesse para o estreitamento das relações sino-germânicas é o Porto Marítimo da cidade de Hamburgo, que é líder de transporte ferroviário, possuindo quatro terminais ferroviários através da BRI: “DUSS Terminal Hamburg-Billwerder, Kombi-Transeuropa Terminal Hamburg no HHLA Container Terminal Altenwerder, Eurokombi e C.Steinweg” (MATTERN, 2021, [s/p]), transportando containers em larga escala, cuja maioria tem como origem ou destino a RPC, vez que o porto faz ligação com as cidades chinesas de “Changchun, Changsha, Chengdu, Chongqing, Dalian, Ganzhou,

Harbin, Hefei, Jinan, Shenyang, Shenzhen, Shilong, Suzhou, Weihai, Wuhan, Xiamen, Xi'an, Yantai, Yiwu e Zhengzhou” (MATTERN, 2021, [s/p]), demonstrando a existência de mais um elemento de intensificação do fluxo comercial entre os dois países.

O aumento da participação chinesa atrai o interesse da comunidade internacional, tanto para se valer das oportunidades oferecidas, como para tecer maiores e melhores considerações a respeito dos significados e repercussões desta iniciativa tanto para cada nação participante como para o contexto global, universo em que a RFA tem transitado com presença expressiva no cenário internacional, evidenciando a importância acerca da abordagem alemã diante das relações estabelecidas com a RPC, em interpretação apresentada na próxima seção deste capítulo.

2.5 Perspectiva alemã sobre a Belt and Road Initiative

A BRI contribui para a intensificação da fluência econômica entre a RPC e as demais nações. Segundo Ciesielska-Klikowska (2018), em seu estudo sobre a interação sino-germânica relacionada à BRI, o desenvolvimento das relações entre os dois países se desenrolou em duas fases, intituladas “flutuação” e “conflito e cooperação”, a seguir exploradas.

2.5.1 Primeira fase (2013-2016): flutuação

A fase de flutuação foi identificada no período inicial das relações sino-germânicas em torno do projeto, diante da proposta de reconfiguração logística do comércio internacional e os primeiros contatos com o tema pelas autoridades do país europeu.

A estratégia de Berlim para Pequim se estruturou a partir da ideia de que mudança seria alcançada por intermédio do comércio, como meio de garantir interesses mútuos, assegurados por vultosos investimentos chineses recebidos com entusiasmo pelos alemães, recursos que injetaram muito ânimo em diversos setores e cidades do país europeu, mediante a realização de intensas trocas comerciais (BARKIN, 2020). Inclusive, o Mandatário Xi Jinping visitou Duisburgo, em março 2014, com o objetivo de divulgar o projeto BRI e as linhas ferroviárias de Leipzig-Shenyang e Duisburg-Chongqing, que conectam, logisticamente, ambos os países (CARBAJOSA, 2020).

Em 2015 a RFA aportou USD 4,5 bilhões de dólares estadunidenses para a criação do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (GONÇALVES, [s/d]), instituição financeira internacional responsável pela gestão dos recursos empregados pela BRI, propiciando o avanço gradual e constante das relações entre os países (CIESIELSKA-KLIKOWSKA, 2018), entusiasmo que se mantinha crescente até que a RFA foi surpreendida pelo processo chinês de aquisições de empresas estratégicas alemães, fato que eclodiu uma nova faceta neste relacionamento.

2.5.2 Segunda fase (2016-atual): conflito e cooperação

Diante da percepção de que a RFA pudesse contribuir, mediante transferência de tecnologia, para o cumprimento do 12º Plano Quinquenal chinês que pretende alcançar maior nível de desenvolvimento tecnológico e seguir na próxima etapa de sua economia de mercado (KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012), Pequim passou a direcionar recursos com objetivo de desenvolver suas capacidades mediante a aquisição de empresas estratégicas.

Por isso, a partir de 2016, foi percebida uma mudança de postura chinesa, que passou a empreender aquisições de empresas europeias. Na Alemanha, em especial, houve investimentos chineses que atingiram o volume de € 11,3 bilhões de euros para a obtenção de companhias, mas nada causou tanta surpresa quanto a aquisição da estratégica alemã Kuka, do ramo de robótica, pela Midea, evento que reorientou as relações sino-germânicas (CIESIELSKA-KLIKOWSKA, 2018), principalmente, pelo crescimento do argumento de que a Alemanha esteja fomentando o desenvolvimento de empresas que no futuro lhe seriam concorrentes (KUNDNANI; PARELLO-PLESNER, 2012), antecipando a ideia de que pode, em breve, haver conflito de interesses entre os países.

A RFA assumiu, portanto, uma posição preocupada com os rumos das pretensões chinesas ao redor do mundo, tendo manifestado, inclusive, suas preocupações durante o Forum Belt and Road realizado em Pequim (2017), ao questionar formalmente a efetividade e sustentabilidade da iniciativa chinesa, trazendo ao debate internacional temas inerentes à viabilidade econômica, sustentabilidade fiscal, clima, sustentabilidade ambiental e social do projeto chinês (BELT AND ROAD FORUM, 2017, on-line).

Os temas ambientais estão, sem dúvida, no topo das preocupações alemães, já que os ambientalistas são presença forte na sociedade alemã, muito mais depois das recentes eleições

nacionais (2021), em que o Partido Verde ampliou sua participação no cenário eleitoral, compondo a terceira força política no país, cuja orientação essencial é contribuir para a construção de um Estado investidor e não, meramente, regulador em matéria ambiental (STRUCK, 2021).

No contexto asiático, durante o segundo Belt and Road Forum (2019), foi criado o Belt and Road Initiative International Green Development Coalition (BRIGC), supervisionado pelo Ministério Chinês de Ecologia e Meio Ambiente (MEE), que pretende promover análise e debates sobre as perspectivas que envolvem a temática ambiental. Para tanto, conta com a participação de departamentos governamentais, organizações locais e internacionais, grupos de reflexão, partes interessadas do setor privado e organizações da sociedade civil (SECRETARIAT OF BRI INTERNATIONAL GREEN DEVELOPMENT COALITION, 2019).

A BRIGC objetiva adotar ações combinadas para realizar o desenvolvimento verde do projeto, como forma de integrar seu desempenho sustentável, por meio de esforços conjuntos e para facilitar que os países participantes da BRI realizem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), previstos pela Organizações das Nações Unidas (ONU)³⁰, relacionados ao meio ambiente e ao seu desenvolvimento (SECRETARIAT OF BRI INTERNATIONAL GREEN DEVELOPMENT COALITION, 2019), de modo a construir uma agenda ambiental mais profícua.

Mais recentemente, outra inquietação alemã foi mencionada pela então Chanceler Angela Merkel (2005-2021), em razão das repercussões referentes à fabricação e fornecimento de vacinas pela RPC, necessárias ao enfrentamento da pandemia de SARS-COV-2, durante discurso proferido na Edição Especial da Conferência de Segurança de Munique em 19 de fevereiro de 2021, a seguir transcrito:

A segunda questão, talvez mais complexa, é que precisamos elaborar uma agenda conjunta para a China. Por um lado, a China é um competidor sistêmico. Por outro lado, precisamos que a China ajude a resolver problemas globais, por exemplo, aqueles relacionados à biodiversidade ou à mitigação das mudanças climáticas. Nos últimos anos, a China ganhou mais influência no cenário internacional. Nós, como aliança transatlântica e como democracias mundiais, temos de agir para fazer valer o nosso próprio peso. É por isso que, por exemplo, a questão do fornecimento de vacinas aos países em desenvolvimento é importante. É vital que as vacinas não sejam fornecidas apenas pela China e pela Rússia e que nos perguntemos o que podemos fazer via COVAX e também o que o G7 pode fazer como uma comunidade

³⁰ Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), previstos pela Organizações das Nações Unidas (ONU). Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

multilateral para promover a implementação da vacinação em países em desenvolvimento, especialmente na África (MERKEL, 2021).³¹

Há nítida postura alemã mais cuidadosa à participação crescente chinesa no cenário internacional, mais uma vez ressaltada pela então Chanceler Angela Merkel durante reunião do Conselho do Atlântico Norte em Bruxelas, ocorrida em 14 de junho de 2021, cujo comunicado final ressaltou que “as ambições declaradas e o comportamento assertivo da China apresentam desafios sistêmicos à ordem internacional baseada em regras e áreas relevantes para a segurança da Aliança” (NATO, 2021),³² tema que será objeto do próximo capítulo, dedicado à avaliação sobre as possíveis repercussões geopolíticas decorrentes do avanço chinês e as aplicações da relação sino-germânica em torno da BRI.

³¹ Texto original: The second and perhaps more complex matter is that we need to devise a joint agenda on China. On the one hand, China is a systemic competitor. On the other, we need China to help resolve global problems, for instance those relating to biodiversity or climate change mitigation. During the last few years, China has gained more clout on the international stage. We as a transatlantic alliance and as the world’s democracies need to take action to bring our own weight to bear. That’s why, for example, the question of supplying vaccines to developing countries is important. It’s vital that vaccines are not only supplied by China and Russia and that we ask ourselves what we can do via COVAX and also what can the G7 do as a multilateral community to foster the vaccination rollout in developing countries, especially in Africa.

³² Texto original: 55.China's stated ambitions and assertive behaviour present systemic challenges to the rules-based international order and to areas relevant to Alliance security.

CAPÍTULO III – REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS

Traçados os delineamentos sobre o objeto de pesquisa nas seções anteriores, com destaque à relação entre a RPC e a RFA, neste capítulo são avaliadas as repercussões geopolíticas decorrentes da parceria sino-germânica em torno da BRI.

Diante da complexidade e riqueza do tema, que implica em várias dimensões passíveis de estudo e aprofundamento, mostrou-se imprescindível a escolha de quais vertentes deveriam nortear a avaliação, sem desprestígio de outras linhas de investigação sobre o assunto.

Inegável o imperativo de discorrer, no primeiro item, sobre a percepção estadunidense sobre o tema, diante de sua importância como *hegemon* e por ser o principal antagonista aos propósitos chineses. Já no tópico seguinte, são abordados os aspectos sobre a presença chinesa no continente europeu sob a ótica da União Europeia (UE), comunidade da qual a RFA é integrante, o que evidencia a necessidade de serem colhidas suas apreensões sobre o assunto pelo impacto de suas decisões diretamente à nação alemã.

Por fim, no terceiro item, são trazidas considerações sobre o atual cenário político alemão na perspectiva das articulações estabelecidas pelo país europeu com a Rússia, país que compõe a “Heartland” (MACKINDER, 1904) e que tem relevante histórico de rivalidades com os EUA, arrematando assim um ciclo geopolítico de grande impacto no cenário internacional.

3.1 Percepção dos Estados Unidos da América perante a participação alemã na BRI

As expectativas traçadas nas seções anteriores fomentam um grande caldeirão de eventos geopolíticos relevantes, que decorrem da dinâmica entre os países detentores de “influência econômica, que também requer potência política” (HELLMEYER, 2019, online), de modo que “a retórica esperançosa chinesa”, por vezes, é associada a uma “Grande estratégia” (OLIVEIRA; MURTON; RIPPA; HARLAN; YANG, 2020, p. 1) para ecoar no cenário geopolítico, principalmente, em contraponto à continuidade hegemônica estadunidense.

Os EUA defendem o capitalismo global como único caminho a ser seguido, de modo que as forças norte-americanas enxergam os avanços do país asiático como uma ameaça à sua liderança e buscam impedir a ascensão chinesa (STEC; POGGETTI, 2021).

A política estadunidense para a China assume contornos Realistas, vez que são adotadas medidas preventivas destinadas à manutenção de sua condição internacional de liderança mundial (LEITE, 2005), como é possível verificar junto ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em edição do *Military and Security Developments. Involving the People's Republic of China* (2020), quando interpreta a polícia externa chinesa como uma espécie de “coerção econômica” sobre os demais países, com nítido objetivo de obtenção de poder para estender sua influência geopolítica, principalmente, em períodos de tensões noutras nações (OFFICE OF THE AMERICAN SECRETARY OF DEFENSE, 2020). Este documento traduz o projeto chinês da seguinte forma:

One Belt, One Road (OBOR): Lançado pela RPC em 2013, a OBOR busca promover uma integração econômica mais próxima com países ao longo da periferia da China e além, moldando assim os interesses desses países para se alinharem com os da RPC, enquanto promove a estabilidade regional e enfraquece as críticas sobre a abordagem da RPC às questões que considera sensíveis. A OBOR também ajuda as empresas estatais da China (SOEs) a encontrarem usos produtivos para seu excesso de capacidade nos setores de cimento, aço e construção, bem como cria oportunidades de investimento para a grande reserva de poupança da China. Os países participantes da OBOR poderiam desenvolver dependência econômica do capital chinês, que a RPC poderia alavancar para perseguir seus interesses geopolíticos. O crescimento da pegada econômica global da China também torna seus interesses cada vez mais vulneráveis às transições políticas domésticas nos países participantes, turbulências internacionais e regionais, terrorismo, pirataria e desastres naturais graves e epidemias, o que impõe novos requisitos à China para lidar com essas ameaças. Alguns projetos da OBOR poderiam criar vantagens militares potenciais para a RPC, como o acesso PLA a portos estrangeiros selecionados para pré-posicionar o apoio logístico necessário para sustentar implantações navais em águas tão distantes como o Oceano Índico, Mar Mediterrâneo e Oceano Atlântico para proteger seus interesses crescentes. Em 2019, Pequim sediou o Segundo Belt and Road Forum, durante o qual a RPC buscou abordar o crescente ceticismo internacional decorrente de preocupações com corrupção, endividamento, sustentabilidade ambiental e falta de transparência em torno dos projetos da OBOR (OFFICE OF THE SECRETARY OF DEFENSE, 2020, p. 40).³³

³³ Texto original: *One Belt, One Road (OBOR)*: Launched by the PRC in 2013, OBOR seeks to foster closer economic integration with countries along China’s periphery and beyond thereby shaping these countries’ interests to align with the PRC’s, while promoting regional stability and dulling criticism over the PRC’s approach to issues it views as sensitive. OBOR also helps China’s state-owned enterprises (SOEs) find productive uses for their excess capacity in the cement, steel and construction sectors, as well as creating investment opportunities for China’s large reserve of savings. Countries participating in OBOR could develop economic dependence on Chinese capital, which the PRC could leverage to pursue its geopolitical interests. The growth of China’s global economic footprint also makes its interests increasingly vulnerable to domestic political transitions in participating countries, international and regional turmoil, terrorism, piracy, and serious natural disasters and epidemics, which places new requirements on China to address these threats. Some OBOR projects could create potential military advantages for the PRC, such as PLA access to selected foreign ports to pre-position the necessary logistics support to sustain naval deployments in waters as distant as the Indian Ocean, Mediterranean Sea, and Atlantic Ocean to protect its growing interests. In 2019, Beijing hosted the Second Belt and Road Forum, during which the PRC sought to address growing international skepticism stemming from concerns over corruption, indebtedness, environmental sustainability, and lack of transparency surrounding OBOR projects.

Zbigniew Brzezinski ao definir a ideia de “tríade geoestratégica” afirmou que a estabilidade da hegemonia estadunidense está, intimamente, relacionada à maneira como os Estados Unidos se relacionam com a China, Europa e Rússia (BRZEZINSKI, 2001). Atualmente, é público o desfavor estadunidense em relação à RPC, narrativa que ganhou ainda mais corpo durante a administração do Presidente Donald Trump (2017-2021), que, em diversas oportunidades, atribuiu ao governo de Pequim a responsabilidade pelo surgimento e pela disseminação do vírus SARS-COV 2, que conduziu o planeta a uma pandemia da doença denominada Covid-19 (OPAS-OMS, 2022), posicionamento defendido durante seu discurso proferido na Assembleia das Nações Unidas (TRUMP, 2020).

A política estadunidense em relação à RPC tem sido mantida pelo atual presidente Joe Biden (2021), mediante “sanções comerciais, demonstração contínua do poder militar dos EUA no Pacífico, além de sucessivas críticas à Pequim sobre o tema de direitos humanos” (NPR, 2021, online). Em diversas ocasiões, altas autoridades se manifestaram no mesmo sentido, a exemplo do Diretor da Central Intelligence Agency (CIA), William Burns, em depoimento ao Congresso, quando afirmou que “uma liderança chinesa adversária e predatória representa nosso maior teste geopolítico” (NPR, 2021, [s/p]), entendimento compartilhado pelo Diretor de Inteligência Nacional, Avril Haines, ao indicar que “a China é um desafio à nossa segurança, à nossa prosperidade e aos nossos valores” (NPR, 2021, [s/p]), enquanto, o secretário de Defesa Lloyd Austin assegura estarem “focados em nosso esforço para enfrentar o desafio apresentado pela China” (NPR, 2021, [s/p]).

Colin Kahl, subsecretário de Defesa para Políticas do Governo Biden, manifestou-se durante reunião geral, ocorrida no Pentágono em maio de 2021, no sentido de que a vitória dos EUA contra a China decorrerá dos pontos fortes da sociedade estadunidense, nos seguintes termos:

Nossos pontos fortes são nossos valores, porque a competição com a China é ... uma competição de sistemas", continuou ele. "Temos que provar que nosso governo pode funcionar e que nossa democracia ainda é vibrante. E precisamos jogar com nossos pontos fortes, que é uma rede incomparável de parceiros e aliados em todo o mundo. É a inveja da China, da Rússia e do Irã e da Coreia do Norte do mundo (KAHL *apud* GARAMONE, 2021).³⁴

O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, manifestou-se sobre o fim da política de aproximação, ao clamar que “o mundo livre deve triunfar contra essa tirania” (LIY; MARS,

³⁴ Texto original: We have to prove that our government can function and that our democracy is still vibrant. And we need to play to our strengths, which is an unrivaled network of partners and allies around the world. It is the envy of the China's and Russia's and Iran's and North Korea's of the world.

2020, [s/p]), entendimento reforçado pelo Presidente Joe Biden ao convocar a “Cúpula para a Democracia”, encontro entre líderes de mais de cem países realizado nos dias 09 e 10 de dezembro de 2021, cujo sumário de providências foi publicado em 23 de dezembro de 2021 (THE WHITE HOUSE, 2021), mediante o qual se tenciona impedir supostos retrocessos democráticos e a erosão de direitos e de liberdades em todo o mundo, mantendo, portanto, a dicotomia estabelecida por seu antecessor entre os EUA e a China, por enxergar a existência de uma luta entre a democracia e a liberdade contra o que chama de autocracia totalitária (BIDEN JR, 2021), numa espécie de “polarização estratégica” (KORTUNOV, 2021, [s/p]), tendo Kortunov (2021) acrescentado:

A outra forma de lidar com essa realidade seria começar a lutar contra a diversidade social, política e econômica, tentando fazer avançar um único modelo sobre todos os outros. É exatamente isso que o governo Joe Biden está empenhado em fazer, ao lançar uma cruzada ideológica contra a China, a Rússia e outras nações que osem se desviar dos fundamentos do modelo de desenvolvimento ocidental. Para defender seu caso, a Casa Branca anunciou uma Cúpula pela Democracia virtual a ser realizada pelos Estados Unidos em 9 e 10 de dezembro com o objetivo de "renovar a democracia em casa e confrontar as autocracias no exterior" (KORTUNOV, 2021, [s/p]).

A aspereza norte-americana em relação à RPC não decorre de uma rusga ou somente uma dissidência sobre assuntos específicos. Há um sentimento de agressão ao próprio sistema capitalista, ao estilo de vida que o governo estadunidense acredita ser necessário preservar e que se encontra questionado diante da estratégica chinesa de Desenvolvimento Pacífico.

Inclusive, a OTAN³⁵, em relatório NATO 2030, publicado em 25 de novembro de 2020, traçou as perspectivas geopolíticas para os próximos dez anos, tecendo considerações a respeito China, no sentido de que embora os chineses ainda não sejam uma ameaça militar direta, seu peso econômico, sua crescente força militar e capacidade de desenvolvimento tecnológico quando costurados numa agenda internacional assertiva tendem a representar um risco de colisão de interesses para os países membros da instituição, que inclui os EUA e a Alemanha (GOMES FILHO, 2020, [s/p]), entendimento ressaltado em documento da NATO Parliamentary Assembly:

Embora a China seja um rival estratégico do Ocidente, também é um importante parceiro comercial e um elo fundamental nas cadeias globais de valor. O relatório sugere que a China não pode ser facilmente isolada da economia mundial. Tentar fazer isso infligiria custos muito altos ao Ocidente, que precisará trabalhar coletivamente

³⁵ OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte, por vezes chamada Aliança Atlântica, é uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de abril de 1949.

para garantir que o BRI se torne mais uma oportunidade e menos uma ameaça. Isso não será uma tarefa fácil.

(...)

O relatório conclui instando a Europa e a América do Norte a trabalhar no desenvolvimento de uma abordagem compartilhada para a BRI que reconheça as ambições geoestratégicas da China incorporadas à BRI, mas também reconheça a lógica econômica para o envolvimento contínuo com a China. Exorta a comunidade transatlântica a defender outro modelo de desenvolvimento e investimento baseado em princípios de transparência, sustentabilidade, mercado liberal e boa governação (TYBRING-GJEDDE, 2020, online).³⁶

Em que pese o entendimento supramencionado, os EUA se movimentam no intuito de conter a ascensão chinesa e manter sua condição hegemônica, para isso, estabelece um verdadeiro conflito sistêmico, em que é possível considerar que “a relação entre a China e os Estados Unidos é um exercício de poder, que apesar de desigual, é equilibrada pela interdependência econômica, financeira e política” (LEITE, 2005, p. 11).

Os EUA estabeleceram algumas frentes nesta rivalidade com o país asiático, sendo possível destacar três pontos: intensificação da guerra comercial herdada do governo Trump quanto aos temas de tecnologia e indústrias essenciais para promover cadeias de abastecimento que excluam a China, estímulo às tensões na região do Mar do Sul da China e de Taiwan e formação de alianças de cooperação com Japão, Índia e Austrália no âmbito do Diálogo Quadrilateral sobre Segurança (QUAD), na perspectiva de defesa da democracia e promover prosperidade na região do Indo-Pacífico (MEHRA, 2020).

No contexto das relações internacionais, estabelecer uma guerra comercial entre países significa incrementar os valores das tarifas do custo de transporte de mercadorias em suas fronteiras, provocando na outra nação uma resposta semelhante para fins de proteger seu mercado (REIS, 2018), vez que “os interesses nacionais do país são colocados sobre o bem-estar global”, porque “quando o superpoder enfrenta um dilema de segurança econômica de uma potência em ascensão, é mais provável que uma guerra comercial seja lançada contra ele para conter seu crescimento” (KHAN; MEHMOOD, 2021, p. 183).

³⁶ Texto original: While China is a strategic rival to the West, it is also an important commercial partner and a key link in global value chains. The report suggests that China cannot easily be isolated from the world economy. To attempt to do so would inflict very high costs on the West, which will need to work collectively to ensure that the BRI becomes more of an opportunity and less of a threat. That will not be an easy undertaking. (...) The report concludes by urging Europe and North America to work towards developing a shared approach to the BRI that both recognises China’s geo-strategic ambitions embedded in the BRI, but also acknowledges the economic rationale for continued engagement with China. It calls for the transatlantic community to hold out for another model of development and investment premised on principles of transparency, sustainability, liberal market, and good governance.

Os enfrentamentos entre Washington e Pequim não são recentes, mas foi durante a administração de Donald Trump (2017-2021) que a guerra comercial entre os dois países ganhou corpo “com os EUA impondo taxas antidumping de 30% sobre todos os painéis solares e máquinas de lavar, incluindo produtos chineses” para em seguida serem estabelecidas “tarifas de 25% sobre as importações globais de aço e alumínio, por motivos de segurança nacional, o que impactou significativamente nas importações da China” (OXFORD ECONOMICS, 2021, p. 11).

A imposição de tarifas sobre as importações de alumínio e aço criou reflexos negativos na própria economia dos EUA e foi objeto de críticas pela comunidade internacional, inclusive a Alemanha solicitou, à época, que as autoridades estadunidenses recuassem dessas iniciativas (KHAN; MEHMOOD, 2021). Preocupações partilhadas, por exemplo, durante a 19ª Cúpula da Organização para Cooperação de Xangai³⁷, ocorrida em Bishkek no Quirquístão, Ásia Central (2019), com o propósito de “alertar os países membros frente as condicionantes protecionistas impostas pelos Estados Unidos na Guerra Comercial contra a China” (FIALHO, 2021, [s/p]).

Aliás, China e Rússia integram a Organização para Cooperação de Xangai, de fins políticos, econômicos e militares para a região da Eurásia, sendo identificada nítida convergência de interesses entre os dois países, que em certa medida corrobora a perspectiva aludida por Zbigniew Brzezinski, sobre a necessidade dos EUA se posicionarem, adequadamente, frente este encontro de forças como meio de preservar sua hegemonia (BRZEZINSKI, 2001).

No entanto, os EUA pretendem travar o desenvolvimento do país asiático também no campo da *Information and Communications Technology* (ICT), principalmente, com relação à nova ordem de modernidade com a tecnologia 5G (KHAN; MEHMOOD, 2021), formulando uma intensa pressão “sobre a Huawei³⁸, gigante das telecomunicações da China, no que pode ser considerada uma ‘guerra assimétrica’ entre um superpoder estabelecido e uma empresa privada estrangeira” (HAIYONG, 2019).³⁹

Se a guerra comercial é um instrumento utilizado pelos EUA com o fim de conter o avanço global chinês, também o é a política de aumento das tensões no Mar do Sul da China,

³⁷ Organização para Cooperação de Xangai é uma organização política, econômica e militar da Eurásia, que foi fundada em 2001 em Xangai pelos líderes da China, Cazaquistão, Quirquístão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão. Disponível em: <https://dppa.un.org/en/shanghai-cooperation-organization>. Acesso em: 30 dez. 2021.

³⁸ A Huawei Technologies Co. Ltd. Disponível em: <https://www.huawei.com/br>. Acesso em: 06 dez. 2021.

³⁹ Texto original: To some extent, the intensive pressure from the United States over Huawei, China’s telecom giant, can be regarded as an “asymmetrical war” between an established superpower and a foreign private enterprise.

espaço marítimo reivindicado por Pequim, que o considera pertencente ao seu mar territorial, na região observada na Figura 16:



Figura 16: Mar do Sul da China
Fonte: *bing.com/images* (2021).

Os EUA insistem sob a alegação de buscar garantir a liberdade de navegação na região, conforme análise extraída do Council on Foreign Relations (2021):

A China afirma que, segundo o direito internacional, os militares estrangeiros não podem realizar atividades de coleta de inteligência, como voos de reconhecimento, em sua zona econômica exclusiva (ZEE). De acordo com os Estados Unidos, os países requerentes, de acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS), deveriam ter liberdade de navegação nas ZEEs no mar e não são obrigados a notificar os requerentes sobre atividades militares (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2021, online).⁴⁰

No entanto, é preciso pontuar que não há presença chinesa semelhante, com navios ou porta-aviões, nos mares do Caribe nem nas áreas costeiras estadunidenses que pudessem

⁴⁰ Texto original: China maintains that, under international law, foreign militaries are not able to conduct intelligence-gathering activities, such as reconnaissance flights, in its exclusive economic zone (EEZ). According to the United States, claimant countries, under UN Convention of the Law of the Sea (UNCLOS), should have freedom of navigation through EEZs in the sea and are not required to notify claimants of military activities.

justificar o incisivo posicionamento dos EUA na região do Mar do Sul da China, o que denota apenas a aposta estadunidense na elevação das tensões na região como forma de sufocar militarmente as saídas marítimas destinada ao comércio chinês. Bem pelo contrário, é de maior interesse da China manter a área do Mar do Sul da China em clima de paz para garantir o comércio internacional através do fluxo de navios que transitam nessa região.

Tensões, ainda mais, incrementadas pelas relações entre EUA e Taiwan. David R. Stilwell, secretário de Estado adjunto dos EUA, manifestou-se durante evento promovido pela Fundação Heritage, em 31 de agosto de 2020, no sentido de que “Os Estados Unidos e Taiwan são membros da mesma comunidade de democracias, vinculados por nossos valores políticos, econômicos e internacionais comuns”, acrescentando que “mais do que nunca, Taiwan é importante para os EUA e importante para o mundo” (SHAREAMERICA, 2020, [s/p]).

Inegavelmente, a abordagem estadunidense é mais um ponto de confronto com a RPC, uma vez que desafia o entendimento do PCCh sobre a existência de uma só China governada por Pequim. Com a pandemia do SARS-COV-2 em 2020, o panorama de conflito entre EUA e China sofreu sensível acréscimo, diante da postura contundente e discutível do Presidente Donald Trump em atribuir o surgimento e disseminação do vírus à RPC, acirrando ainda mais os ânimos no cenário internacional, voltando, inclusive, a impulsionar em outubro de 2020, a aliança de cooperação para a reformulação do Diálogo Quadrilateral sobre Segurança (QUAD) com Japão, Índia e Austrália (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2020).

A primeira manifestação para reunião dos quatro países surgiu como tentativa de amparar a região, após o *tsunami* de 2004 no Oceano Índico. Desde então, houve alguns movimentos no sentido de concretizar e dar força à aliança mediante coordenação de políticas para mitigar riscos de desastres para a região (TATSUMI; LI, 2019).

Atualmente, os EUA manifestam interesse de reorientar esta aliança para conter os avanços chineses, embora seja possível observar que os quatro países mantêm significativa dependência com “as cadeias de abastecimento chinesas” (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2020), sendo verificável a evolução das transações comerciais entre o país asiático e as quatro nações nos últimos cinco anos mediante os Quadros 7 e 8 a seguir:

| Nome de países | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 |
|----------------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Austrália | 70.127,18 | 92.807,78 | 105.140,90 | 119.608,31 | 114.766,77 |
| Japão | 145.524,03 | 165.773,12 | 180.478,66 | 171.523,31 | 176.089,03 |
| Estados Unidos da América | 135.662,28 | 154.932,97 | 156.259,14 | 123.235,66 | 136.122,55 |
| Índia | 11.759,57 | 16.355,60 | 18.847,89 | 17.970,06 | 20.872,95 |

Quadro 7: Importação da China oriunda dos países do QUAD – 2016 a 2020 (elaboração própria).

Fonte: Fundo Monetário Internacional (2021).

| Nome de países | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 | 2020 |
|----------------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Austrália | 38.061,19 | 41.701,32 | 47.646,84 | 48.103,59 | 53.509,15 |
| Japão | 129.617,47 | 137.528,61 | 147.564,61 | 143.223,97 | 142.721,95 |
| Estados Unidos da América | 389.714,45 | 433.744,89 | 480.688,67 | 418.584,25 | 452.832,22 |
| Índia | 59.435,21 | 68.143,37 | 77.023,16 | 74.924,29 | 66.779,54 |

Quadro 8: Exportação da China com destino aos países do QUAD – 2016 a 2020 (elaboração própria).

Fonte: Fundo Monetário Internacional (2021).

Os países que compõem o QUAD interagem de modo crescente com a China, fator que, por si só, dá a dimensão das dificuldades que deverão ser enfrentadas pela aliança, caso acolhida a reorientação proposta pelos EUA, cujo Congresso já manifestou preocupação nos seguintes termos:

Críticos apontaram para questões sobre a incapacidade de o grupo falar a uma só voz sobre questões regionais, ausência de esforços de promoção da democracia, escassez de militares em operações conjuntas e a falta de estrutura institucional como limites à sua eficácia” (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2020, p. 1).⁴¹

Reforça a postura estadunidense o discurso do Secretário de Defesa dos EUA, Mark Esper, proferido na 56ª Conferência de Segurança de Munique (2020), quando convocou, sem rodeios, a UE a escolher um dos lados na rivalidade emergente, em verdade, “os americanos insistiram que os europeus não podem mais pregar das alturas morais do meio-termo.” (OERTEL, 2020, [s/p]).

⁴¹ Texto original: Critics have pointed to questions about the group’s inability to speak with one voice on regional issues, absence of democracy promotion efforts, dearth of joint military operations, and lack of institutional structure as limits on its effectiveness.

Em 15 de fevereiro de 2020, o Conselheiro de Estado e Ministro das Relações Exteriores, Wang Yi, manifestou-se sobre o discurso realizado na 56ª Conferência de Segurança de Munique, na Alemanha, nos seguintes termos:

A questão Huawei 5G é uma questão antiga. Muitos países europeus, incluindo o Reino Unido e a Alemanha, têm adotado uma atitude calma, objetiva e científica em relação a isso. Não há dúvida de que todos os países manterão a segurança de sua própria infraestrutura de informações. Ao mesmo tempo, todas as empresas devem ter uma plataforma de concorrência leal e um ambiente de negócios não discriminatório. Esta é uma prática justa e também está de acordo com os princípios de uma economia de mercado. Acredito que os países europeus farão escolhas sábias de forma independente (WANG *apud* EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN THE UNITED STATES OF AMERICA, 2020, online).

Diante de tamanha confluência de interesses, afloraram, ainda mais, as divergências sobre a abordagem a ser dedicada à China. Na Alemanha, é possível perceber que questões relativas à presença chinesa no país dividem opiniões, existindo aqueles que contam com entusiasmo e têm expectativas que os recursos chineses aportem mais dinamismo à economia alemã e aqueles que acreditam que uma “invasão” chinesa só trará dissabores, pela concorrência assimétrica que se estabelecerá no futuro, com perdas significativas, em especial, decorrentes de transferências de tecnologias, como ilustram as palavras de Roderick Kefferpütz:

Desde que Xi Jinping governa a China, as relações subnacionais entre a China e a Alemanha cresceram, mas o tom e os temas mudaram. As trocas se tornaram mais centralizados, mais autoconfiantes e mais exigentes do lado chinês, relatórios das administrações estaduais e municipais indicam que a China teria alta demanda e não considera mais os interesses dos outros. Ao invés de projetar e implementar projetos juntos, há casos crescentes em que os atores chineses estão cada vez mais apresentando seus próprios projetos, enquanto os parceiros alemães apenas devem financiar (KEFFERPÜTZ, 2021b, p. 5)⁴².

Pesquisa realizada junto à opinião pública indica que os alemães desejam que as relações Berlin-Pequim sejam mais equilibradas, que mudanças possam concorrer ao desenvolvimento de uma nova política comercial direcionada ao país asiático, prevendo adaptações às necessidades identificadas pelo governo alemão (RÜLIG; TURCSÁNYI; ŠIMALČÍK; KIRONSKÁ; SEDLÁKOVÁ, 2020), como a seguir indicado:

⁴² Texto original: Seit Xi Jinping in China regiert haben sich die subnationalen Beziehungen zwischen China und Deutschland gewandelt. Ton und Themen haben sich verändert. Der Austausch ist auf chinesischer Seite zentralisierter, selbstbewusster und fordernder geworden, berichten Gesprächspartner*innen der Landes- und Kommunalverwaltungen. China würde hohe Anforderungen stellen und nicht mehr die Interessen der anderen berücksichtigen. Anstatt gemeinsam Projekte zu konzipieren und umzusetzen, gäbe es zunehmend Fälle, in denen chinesische Akteure immer öfter eigene Projekte präsentieren, die deutsche Partner lediglich finanzieren sollen.

Quando se trata de preferências de política externa em relação à China, a cooperação em questões globais como mudança climática, epidemias e contraterrorismo está em primeiro lugar, provavelmente influenciada pela pandemia COVID-19 em andamento. Quase igualmente importante para os alemães é a promoção dos direitos humanos e da reforma democrática na China, bem como abordar a segurança cibernética (RÜLIG; TURCSÁNYI; ŠIMALČÍK; KIRONSKÁ; SEDLÁKOVÁ, 2020, p. 4)⁴³.

Pretensões que ganharam maior fôlego a partir da assunção do novo Primeiro-Ministro Alemão, Olaf Scholz, do Partido Social-Democrata (SPD), eleito em 26 de setembro de 2021, para o cargo ocupado por dezesseis anos pela Chanceler Angela Merkel, cujo legado é enfatizado por Oliver Stuenkel:

Mas a saída de Merkel não é um acontecimento marcante apenas pela raridade, e suas consequências serão sentidas muito além das fronteiras alemãs. Merkel se tornou a líder mais influente da Europa e talvez a política mais respeitada do mundo. Comedida e republicana, serviu de âncora em anos marcados pela instabilidade global. Após enfrentar a crise financeira de 2008, o colapso econômico grego em 2010, a invasão russa da Ucrânia em 2014 e a crise migratória de 2015, Merkel pretendia limpar as gavetas da Bundeskanzleramt em 2017. A eleição de Donald Trump, em janeiro daquele ano, fez com que a Mutti — “mamãe”, como é apelidada na Alemanha — decidisse concorrer a mais um mandato. O objetivo de Merkel era conter o estrago que o presidente americano causaria no cenário internacional. Ciente disso, Trump atacou-a com mais virulência do que a qualquer outra liderança do Ocidente (STUENKEL, 2021, online).

Inclusive, o Mandatário Xi Jinping, em uma mensagem de parabéns encaminhada a Olaf Scholz, por sua eleição como chanceler alemão, destacou a importância das relações diplomáticas China-Alemanha e de sua disposição para consolidar e aprofundar a confiança política mútua e expandir o intercâmbio e a cooperação em vários campos, dada a importância da parceria estratégica abrangente estabelecida entre os países, que se norteiam pelas premissas do “respeito mútuo, buscando um terreno comum, ao mesmo tempo em que deixam de lado as diferenças e buscam uma cooperação ganha-ganha, o que produziu resultados que beneficiam os dois países, seus povos e o mundo” (JINPING *apud* XINHUA, 2021b, online).

Dentre muitos pontos a serem abordados, um dos mais acesos é sobre a presença da Huawei e sua tecnologia 5G. A Alemanha e países europeus vinham sendo pressionados pelos EUA no sentido de banir a gigante empresa chinesa de tecnologia, sob justificativa de evitar espionagem e a quebra de segurança cibernética.

⁴³ Texto original: When it comes to foreign policy preferences towards China, cooperation on global issues like climate change, epidemics, and counter-terrorism rank first, likely influenced by the ongoing COVID-19 pandemic. Almost equally important for Germans is the promotion of human rights and democratic reform in China as well as addressing cybersecurity.

Em 2019, o Ministério do Interior da Alemanha indicava que país europeu “não proibiria a Huawei de ajudar a construir suas redes 5G nacionais, ignorando ligações dos EUA para barrar a empresa por questões de segurança nacional” (TAYLOR, 2019, online)⁴⁴, embora ainda ponderasse sobre a possibilidade de afastar-se dela e aderir ao Programa Rede Limpa de Washington⁴⁵ para o desenvolvimento de rede 5G supostamente segura (STOLTON, 2020).

Em diversas oportunidades, a empresa chinesa manifestava acreditar estar sendo vítima de uma campanha negativa por parte dos estadunidenses, cujo objetivo seria comprometer o *soft e hard power* assumidos pelo governo chinês (STOLTON, 2020), numa ‘guerra assimétrica’ entre um superpoder estabelecido e uma empresa privada estrangeira” (HAIYONG, 2019).

Após dois anos de debates, no final de 2020, foi encaminhado ao Parlamento Alemão o Projeto de Lei de Segurança em TI (IT-SiG 2.0),⁴⁶ aprovado em 07 de maio de 2021, que não impede a participação de qualquer fornecedor da tecnologia 5G no país, ao mesmo tempo que disciplinou um mecanismo intrincado de dupla checagem para viabilizar a segurança cibernética necessária e exigida pelo governo alemão (THOMAS, 2021).

A posição de Berlim incomodou os EUA, que demonstram urgência em barrar a evolução tecnológica promovida pela empresa Huawei, na perspectiva que seu avanço repercuta para Washington como perda de poder. Mais ainda quando observada o horizonte de aproximação entre atores do Heartland (MACKINDER, 1904): China, Alemanha e Rússia, numa conjugação que detém altas capacidades de promover alterações na distribuição de poder e de influência em escala global. Diante da proximidade entre China e Rússia, que são integrantes da Organização para Cooperação de Xangai, existe inegável incentivo ao estreitamento das relações desses países com a Alemanha, possibilidade que importa em nova costura de interesses no cenário internacional.

⁴⁴ Texto original: Germany will not ban Chinese telecoms giant Huawei from its national 5G networks, snubbing calls from the U.S. to exclude the company over national security concerns.

⁴⁵ A iniciativa Rede Limpa ou Clean Network é um esforço abrangente para lidar com a ameaça de longo prazo à privacidade de dados, segurança e direitos humanos imposta ao mundo livre por atores autoritários malignos, como o Partido Comunista Chinês (PCCh). A Rede Limpa está enraizada em padrões de confiança digital aceitos internacionalmente e é um reflexo de nosso compromisso com uma Internet global aberta, interoperável e segura, baseada em valores democráticos comuns e respeito pelos direitos humanos. Esse esforço representa a execução de uma estratégia duradoura do governo como um todo, construída sobre uma coalizão de parceiros confiáveis. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/a-rede-limpa- protege-o-patrimonio-dos-estados-unidos/>

⁴⁶ The German Bundestag adopted the IT Security Act 2.0 (IT-Sicherheitsgesetz 2.0 – "IT-SiG 2.0") on 23 April 2021. On 7 May, the draft IT-SiG 2.0 has now also been endorsed in the Bundesrat. Disponível em: <https://www.engage.hoganlovells.com/knowledgeservices/news/german-bundestag-adopts-it-security-act-20-update-for-companies>.

Foram trazidos alguns dos pontos relevantes sobre a política externa estadunidense para a China, na tentativa de descrever o tipo de pressão que os EUA exercem sobre a RFA. Os aliados dos EUA lidam com a “polarização estratégica” que, na acepção da Alemanha, importa em consequências significativas pela necessidade de contrabalançar este contexto com as percepções da União Europeia, da qual faz parte, tema que será abordado no tópico a seguir.

3.2. Percepção da União Europeia perante a participação alemã na BRI

A União Europeia foi constituída pelo Tratado de Maastricht (1993), tendo sua sede institucional localizada em Bruxelas, na Bélgica, e origem nas instituições da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (1952) e na Comunidade Econômica Europeia (1957), tendo sua orientação normativa alterada mais recentemente pelo Tratado de Lisboa (2009), que revisitou os critérios para a reunião política e econômica dos atuais vinte e sete países membros da comunidade.⁴⁷ Foi estabelecida num sistema de instituições supranacionais independentes, cujas decisões intergovernamentais são negociadas entre as nações integrantes do bloco, de modo a torná-lo mais forte política e economicamente (OSÓRIO, 2013).

A China e a UE são parceiros estratégicos desde 2003 e com mais intensidade desde a subscrição da Agenda Estratégica de Cooperação UE-China 2020⁴⁸. A RPC tem avançado para o oeste através da BRI, criando espaços e construindo pontes de comunicação com os países do Leste Europeu, a caminho da Europa Ocidental. Nesse movimento, a China, através da Nova Ponte Terrestre Euroasiática, tem estabelecido parcerias, a exemplo da Grécia, Portugal e Itália (NEDOPIL, 2021), sendo o país italiano o primeiro dentre os integrantes do G7 a formalizar, em 2019, o *Memorandum of Understanding* (MoU) com a RPC para participar da rota transcontinental (GHIRETTI, 2021).

Segundo Hellmeyer (2019), a UE teve tempo suficiente para avançar comercialmente para expandir em direção à Ásia, mas não o fez, sendo surpreendida pelo fortalecimento chinês havido nas últimas décadas, motivo pelo qual demonstra crescentes inquietações contra o

⁴⁷ Cf. Em que consiste o Acordo de Saída entre a União Europeia e o Reino Unido. Disponível em: https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/the_withdrawal_agreement_explained_pt.pdf. Acesso em: 06 dez. 2021.

⁴⁸ EU-China 2020 Strategic Agenda for Cooperation. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/2015/04/02/content_281475081940844.htm#:~:text=Both%20sides%20jointly%20adopted%20the%20China-EU%202020%20Strategic,forward%20the%20China-EU%20Comprehensive%20Strategic%20Partnership%20over%20. Acesso em: 06 dez. 2021.

projeto BRI, justamente, por ele representar uma “mudança de eixo de poder do oeste para o leste” (HELLMEYER, 2019, online). A UE demonstra preocupações com a perda de espaço geopolítico para a China, como observam Geddes, Ghiretti, Mardell e Stec (2021), em análise sobre a influência de Pequim nos Balcãs Ocidentais:

Bruxelas está preocupada com o fato de que a implementação da Iniciativa Cinturão e Rodoviária da China na região pode afetar negativamente a integração da UE, impactando o progresso necessário em padrões ambientais, corrupção e estabilidade financeira. Os líderes europeus compartilham a sensação de que a UE pode estar perdendo terreno geopolítico para a China (GEDDES; GHIRETTI; MARDELL; STEC, 2021, online)⁴⁹

A RPC marca presença em diversas nações, com múltiplos tipos de investimentos, o que tem suscitado dúvidas acerca da credibilidade do projeto BRI, em razão da iniciativa poder conduzir ao endividamento de países parceiros, a exemplo do que ocorreu em Montenegro. Este país, em razão da construção de uma rodovia, passou a ostentar uma dívida orçada em US \$ 1 bilhão de dólares estadunidenses (HOSOKAWA; TAKEUCHI, 2021).

A narrativa sobre o endividamento dos países parceiros, principalmente aqueles menos desenvolvidos, sempre é ponto de reflexão pela comunidade internacional, diante das possibilidades de surgirem diversas nações com dependência econômica frente à RPC, embora seja necessário observar que o endividamento dos países também está correlacionado ao tipo de gestão pública empreendida pelos governos locais com investimentos e recursos aportados pelos chineses (HUNDLANI; KANNANGARA, 2020).

Além da abordagem sobre o endividamento de países em suas relações com a RPC, as nações ocidentais também se preocupam com questões relativas à governança global, conceito que pode ser definido como a correlação de temas de interesse de diversos atores internacionais, em razão dos quais são estabelecidos diálogos e protocolos de cooperação para alcançar um benefício comum (GONÇALVES; REI; GRANZIERA, 2019), tema que preencheu os debates do Forum Shanghai, realizado em outubro de 2021, com enfoque em “Governança Global da Ásia à Civilização na Era Pós-pandêmica: Desenvolvimento, Governança e Segurança”, cujo objetivo é lançar luz sobre a temática e promover uma abordagem mais humanística acerca da crise atual, explorando ideias e percepções para o desenvolvimento da Ásia e do mundo

⁴⁹ Texto original: Brussels is concerned that the rollout of China’s Belt and Road Initiative in the region might negatively affect EU integration by impacting necessary progress on environment standards, corruption and financial stability. European leaders share the sense that the EU may be losing geopolitical ground to China.

(SHANGHAI FORUM, 2021, s/p),⁵⁰ num contexto em que a governança global se direciona a assuntos como direitos humanos, crise sanitária mundial, desarmamento nuclear, propriedade industrial, privacidade de dados, e inegavelmente, meio ambiente (EUROPEAN COMMISSION, 2021), como observado por HUGHES (2020):

De maneira mais geral, a BRI aumentará a participação da China na governança ambiental internacional. Assim, novos modos cooperativos de governança são necessários para equilibrar os interesses geopolíticos, sociais e ambientais. Atualizar e estabelecer os padrões ambientais globais é essencial para proteger os sistemas ecológicos e as sociedades humanas (HUGHES, 2020, online).⁵¹

O tema ambiental está presente em todos os debates multilaterais, diante dos proeminentes estudos científicos que abordam o aquecimento global como a maior questão deste tempo a ser enfrentada pela Humanidade, tanto que durante a Conferência das Nações Unidas ocorrida em outubro de 2021, os líderes mundiais foram reconvidados a agir de modo mais expressivo para a preservação do meio ambiente, promovendo, dentre outras medidas, a redução da emissão de gases carbônicos (QUINONES, 2021).

O comprometimento dos atores internacionais, em especial dos países industrializados, é essencial para o sucesso do processo de transição, de forma crescente e predominante, destinado à utilização de energia limpa, como meio para a possível reversão do atual cenário climático prospectivo negativo. É neste panorama de ebulição que os atores internacionais manifestam incredulidade sobre a sustentabilidade do projeto BRI, por importar também em significativo impacto ambiental, principalmente, em comunidades locais que recebam megaprojetos de infraestrutura, que “cruzam muitas áreas de biodiversidade com grandes agregações de espécies ameaçadas” (HUGHES, 2019, p. 10)⁵².

⁵⁰ Texto original: There has never been a challenge that mankind could not tackle, yet not every challenge has been triumphed. It is only through this hard-fought path that humanity made to this day. Since the age of globalization, what the contemporary had seen was prosperity and dynamism. The year 2020, however, gave us unprecedented challenges: formidable crisis, stagnation, sudden disruptions, unfair accusations, and even intimidation. Faced with this unique historical juncture, we decided to change the general theme of Shanghai Forum from "Global Governance and Asia" to "Civilization in the Post-pandemic Era: Development, Governance and Security". This change is to incorporate a broader perspective and a more humanistic approach to the current crisis, and to explore ideas and provide insights for the Asian and the world development. At the same.

⁵¹ Texto original: More generally, the BRI will increase China's participation in international environmental governance. Thus, new cooperative modes of governance are needed to balance geopolitical, societal, and environmental interests. Upgrading and standardising global environmental standards is essential to safeguard ecological systems and human societies.

⁵² Texto original: The BRI portends a new and significant threat to biodiversity globally because it intersects many biodiverse areas and areas with large aggregations of threatened species.

Ciente desta preocupação global, após o segundo Belt and Road Forum em abril de 2019, a RPC lançou o Belt and Road Initiative International Green Development Coalition (BRIGC). O BRIGC é supervisionado pelo Ministério Chinês de Ecologia e Meio Ambiente (MEE), cujo intuito é promover “o consenso internacional, compreensão, cooperação e ações concentradas para realizar o desenvolvimento verde”, no sentido de “integrar o desenvolvimento sustentável à BRI por meio de esforços conjuntos e para facilitar os países participantes da BRI a realizar ODS relacionados ao meio ambiente e desenvolvimento” (GREEN FINANCE&DEVELOPMENT CENTER, s/d, online). A iniciativa foi construída em sistema de coalisão mista (CEPALUNI; LIMA, 2012), por envolver entidades governamentais e não-governamentais como: o “WWF; o Ministério do Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Cingapura; o Fundo de Defesa Ambiental (EDF) e a Fundação do Fundo de Investimento Infantil (CIFF)” (GREEN FINANCE&DEVELOPMENT CENTER, s/d, online)⁵³, para o desenvolvimento das dez parcerias temáticas a seguir listadas:

1) biodiversidade e gestão de ecossistemas; 2) energia verde e eficiência energética; 3) finanças e investimentos verdes; 4) melhoria da qualidade ambiental e cidades verdes; 5) cooperação ambiental sul-sul e capacitação de ODS; 6) tecnologia verde, inovação e responsabilidade social corporativa; 7) transporte sustentável; 8) governança da mudança climática e transformação verde; 9) legislação e padrões ambientais; comunidade marítima com futuro compartilhado e 10) governança do ambiente marinho (GREEN FINANCE&DEVELOPMENT CENTER, s/d, online).⁵⁴

Durante a cerimônia de abertura do Segundo Fórum do Cinturão e de Estradas para Cooperação Internacional em Pequim (2019), o Mandatário Xi Jinping destacou a preocupação com o desenvolvimento sustentável, assegurando que são eivados todos os esforços “para promover uma coalizão de cidades sustentáveis e uma coalizão internacional para o desenvolvimento verde sobre a BRI” (BRI ENVIRONMENTAL BIG DATA PLATFORM, 2019, online)⁵⁵, acrescentando:

A construção conjunta da Belt and Road também criou uma plataforma para impulsionar o comércio e os investimentos internacionais, expandiu novas práticas

⁵³Texto original: WWF; Ministry of the Environment and Water Resources in Singapore Environmental Defense Fund (EDF) e Children Investment Fund Foundation (CIFF).

⁵⁴ Texto original: Biodiversity and ecosystem management; Green energy and energy efficiency; Green finance and investments; Improvement of environmental quality and green cities; South-south environmental cooperation and SDG capacity Building; Green technology, innovation and corporate social responsibility; Sustainable transportation; Climate change governance and green transformation; Environmental legislation and standards; Maritime community with a shared future and marine environment governance.

⁵⁵ Depoimento disponível para consulta no endereço eletrônico:

<http://eng.greenbr.org.cn/news/high/8a7be7956a8a4955016a8b2c9f42002d.html>. Acesso em: 14 nov. 2021.

para otimizar a governança econômica global e fez novas contribuições para melhorar o bem-estar das pessoas em todos os países, disse Xi Jinping (BRI ENVIRONMENTAL BIG DATA PLATFORM, 2019, online)⁵⁶.

Naquela ocasião, o Presidente Ueli Maurer, da Confederação Suíça, manifestou que “a BRI é um raro plano estratégico de longo prazo e criou uma nova dimensão para o desenvolvimento da economia mundial” (BRI ENVIRONMENTAL BIG DATA PLATFORM, 2019, online)⁵⁷, e acrescentou:

Alguns projetos de referência para o desenvolvimento sustentável serão lançados num futuro próximo, os resultados positivos desses projetos podem dissipar as dúvidas de alguns participantes, lançando assim as bases para um melhor desenvolvimento global no futuro” disse Maurer (BRI ENVIRONMENTAL BIG DATA PLATFORM, 2019, online)⁵⁸.

Diante destes vários aspectos ligados à governança global e sustentabilidade, do envolvimento crescente de diversos países europeus na BRI e da importância conferida às relações comerciais com a RPC, a abordagem europeia sobre os assuntos que envolvem Pequim ainda segue uma linha conservadora, no sentido de preservar seus interesses, suas capacidades e princípios. Stec e Poggetti (2021, online) entendem que a “UE parece preferir uma abordagem seletiva e tecnocrática à cooperação que não prejudique sua capacidade de desenvolver laços econômicos com a China”⁵⁹.

O Conselho Europeu (2019) já apresentava como estratégia para enfrentar a China, a ideia de ter objetivos estreitamente alinhados, já que o país asiático é um parceiro com o qual a UE precisa encontrar um equilíbrio de interesses, por ser “um concorrente econômico na busca de liderança tecnológica e um rival sistêmico promovendo modelos alternativos de governança” (EUROPEAN COMMISSION, 2019), buscando com firmeza estabelecer condições mais equilibradas e recíprocas nas relações econômicas, em reforço as suas próprias políticas internas e base industrial.

⁵⁶ Texto original: The joint building of the Belt and Road has also created a new platform to boost international trade and investment, expanded new practices to optimize global economic governance, and made new contributions to improving people's well-being of all countries, Xi said on Friday

⁵⁷ Depoimento disponível para consulta no endereço eletrônico:
<http://eng.greenbr.org.cn/news/high/8a7be7956a8a4955016a8b2c9f42002d.html>.
 Acesso em: 13 nov. 2021.

⁵⁸ Texto original: As some landmark projects for sustainable development will be launched in the near future, the positive results of these projects could dispel the doubts of certain sideliners, thus laying the foundation for a better global development in the future.

⁵⁹ Texto original: The EU seems to prefer a selective, technocratic approach to cooperation that will not hinder its ability to develop economic ties with China.

Recentemente, o Parlamento Europeu publicou, em 16 de setembro de 2021, um novo documento sobre a estratégia a ser implementada em relação à RPC, diante da percepção de que há um “forte crescimento econômico e agenda de política externa assertiva”, inclusive, com alusão às políticas “Going Global”, “Made in China 2025” e “Belt and Road Initiative (BRI)” (EUROPEAN PARLIAMENT, 2021, p. 3) como instrumentos que conferem um expressivo papel global ao país asiático, que repercutirão em acréscimo de poder econômico e político chinês e que imporão à UE o desafio de recrutar novas ferramentas para melhor se posicionar diante do cenário atual, destacando os seguintes pontos:

o diálogo aberto e cooperação em desafios globais; maior engajamento em valores universais, normas internacionais e direitos humanos; análise e identificação dos riscos, vulnerabilidades e desafios; construir relações com parceiros com ideias semelhantes; promover a autonomia estratégica aberta, inclusive no comércio e investimento, e a defesa e promoção dos interesses e valores europeus fundamentais, transformando a UE num ator geopolítico mais eficaz (EUROPEAN PARLIAMENT, 2021, p. 5).⁶⁰

Paralelamente a isso, numa tentativa de vencer as resistências, a RPC tem realizado parcerias com regiões e cidades europeias, sem a participação das instituições da UE nem dos respectivos governos nacionais, estabelecendo uma “diplomacia subnacional”, também conhecida como “paradiplomacia”, ao promover aumento de investimentos, pesquisas, cooperações para o desenvolvimento, intercâmbios políticos e culturais, que na prática fomentam as expectativas dos atores subnacionais europeus pelos benefícios chineses.

Segundo Kefferpütz (2021a), a existência de paradiplomacia entre estados federais ou municípios europeus e a China pode repercutir em maiores riscos aos participantes, sob o ponto de vista de serem estabelecidas relações assimétricas com inegáveis desvantagens às cidades europeias em prol das chinesas. No entanto, é preciso pontuar que o instituto da paradiplomacia não é uma figura nova, sendo bastante utilizada no âmbito das relações internacionais, tanto que é possível demonstrar as diversas parcerias entre Estados federais e municípios alemães e a China, mediante o Quadro 9:

⁶⁰ Texto original: (b) propose that this strategy be based on six pillars: (1) Open dialogue and cooperation on global challenges; (2) Enhanced engagement on universal values, international norms and human rights; (3) Analysis and identification of the risks, vulnerabilities and challenges; (4) Building partnerships with like-minded partners; (5) Fostering open strategic autonomy, including in trade and investment relations; (6) Defence and promotion of core European interests and values by transforming the EU into a more effective geopolitical actor;

| Estado federal | Número de parcerias com a China | Província chinesa | Número de parcerias municipais |
|---|---------------------------------|--|-------------------------------------|
| Baden-Württemberg | 2 | Liaoning (1986) Jiangsu (1986) | 10 Municípios 11 Relacionamentos |
| Bayern | 2 | Shandong (1987) Guangdong (2004) | 24 Municípios 24 Relacionamentos |
| Berlin | 1 | Beijing (1988) | 1 Municípios 1 Relacionamento |
| Brandenburg | 1 | Hebei (2015) | 4 Municípios 4 Relacionamentos |
| Bremen | 3 | Dalian (1985) Guangdong (2004, ruhend) Shenyang (2006) | 1 Município 2 Relacionamentos |
| Hamburg | 1 | Shanghai (1986) | 1 Município 1 Relacionamento |
| Hessen | 2 | Hunan (1985) Jiangxi (1985) | 12 Municípios 17 Relacionamento |
| Mecklenburg-Western Pomerania | - | - | 7 Municípios 9 Relacionamentos |
| Niedersachsen (Baixa Saxônia) | 1 | Anhui (1984) Shandong (2010 - Nicht formell, aber Zusammenarbeit mit) | 9 Municípios 16 Relacionamentos |
| Nordrhein-Westfalen (Renânia do Norte-Vestfália) | 3 | Shanxi (1984) Jiangsu (1986) Sichuan (1988) | 21 Municípios 26 Relacionamentos |
| Rheinland-Pfalz (Renânia-Palatinado) | 1 | Fujian (1989) | 5 Municípios 5 Relacionamentos |
| Saarland | 3 | Tianjin (1994) Hubei (1996) Hunan (2006) | - |
| Sachsen (Saxônia) | 1 | Hubei (2007) | 9 Municípios 11 Relacionamentos |
| Sachsen-Anhalt (Saxônia-Anhalt) | 2 | Heilongjiang (2003) Shanghai (2017) | 2 Municípios 2 Relacionamentos |
| Schleswig-Holstein | 1 | Zhejiang (1986) | 2 Municípios 2 Relacionamentos |
| Thüringen (Turíngia) | 1 | Shaanxi (1997) | 2 Municípios 2 Relacionamentos |

Quadro 9: Parcerias entre estados federais e China

Fonte: KEFFERPÜTZ (2021b, p. 16).

A ideia da paradiplomacia se vincula às “atividades externas dos governos subnacionais quando existem elementos de política exterior e atores que executam essas

políticas (SOLDATOS, 1990 *apud* KONISHI; MENDONÇA; RIBEIRO, 2015, p. 294), tratando-se de instrumento de integração entre os países, como a seguir destacado:

Cooperação Internacional descentralizada auxilia na construção da imagem e da inserção internacional dos estados federais e dos municípios, promovendo-os de forma direta e indireta, no público e no privado, visando resultados socioeconômicos ou políticos. Ainda, auxilia na regulação das desigualdades regionais, trazendo benefícios ao Estado Nacional (KONISHI; MENDONÇA; RIBEIRO, 2015, p. 292).

A paradiplomacia se tornou importante instrumento utilizado pela China para aumentar sua presença no contexto global (KEFFERPÜTZ, 2021b), possibilitando também que estados federados e cidades ganhem importância perante a comunidade internacional, com significativo ganho de influência econômica e política para todos os envolvidos, dentro do contexto da política *win-win*.

Em 14 de setembro de 2020, o Mandatário Xi Jinping promoveu um encontro de líderes com a participação da então chanceler alemã Angela Merkel. Naquela altura, a Alemanha ocupava a presidência rotativa da UE, o presidente do Conselho Europeu era Charles Michel, e a presidente da Comissão Europeia era Ursula Von der Leyen. O intuito era “fortalecer a comunicação e a cooperação para garantir o sucesso da próxima série de grandes agendas políticas entre a China e a UE, aumentar a confiança mútua, buscar benefícios ganha-ganha e defender o multilateralismo, prometendo elevar os laços a um nível mais alto” (XINHUA, 2020b, online), tendo o Presidente indicado as seguintes metas:

Em primeiro lugar, a China e a UE devem aderir a uma coexistência pacífica. Como não existem sistemas políticos idênticos no mundo, a coexistência de múltiplas civilizações representa a normalidade. "Quanto mais firme for a força que sustenta a coexistência pacífica China-UE, mais garantidas a paz e a prosperidade mundiais", disse Xi.

Em segundo lugar, a China e a UE devem aderir à abertura e à cooperação. A China está trabalhando com o objetivo de promover uma nova arquitetura de desenvolvimento de dupla circulação na qual a circulação doméstica funciona como o sustentáculo e o desenvolvimento doméstico e internacional se reforçam mutuamente." A China buscará melhor interconectividade e eficácia entre os dois mercados e recursos nas duas partes, para promover o desenvolvimento comum de uma forma mais robusta e sustentável", disse Xi.

Em terceiro lugar, a China e a UE devem aderir ao multilateralismo. Xi enfatizou que a China está pronta para trabalhar com a UE para intensificar o diálogo e a coordenação nos níveis bilateral, regional e global, permanecer comprometida com uma perspectiva de governança global com consulta, contribuição e benefício compartilhado, defender a ordem internacional e o sistema com as Nações Unidas como o núcleo, promover os acordos políticos de assuntos internacionais e regionais em destaque.

Em quarto lugar, a China e a UE devem aderir ao diálogo e à consulta. "A China e a UE precisam permanecer comprometidas com a corrente principal da cooperação,

resolver mal-entendidos por meio do diálogo, superar as dificuldades por meio do desenvolvimento e administrar adequadamente as diferenças." (JINPING apud XINHUA, 2020a, online).

Medidas, nitidamente, fundamentadas nos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica, que acenam à possibilidade de maior estreitamento das relações sino-germânicas e que terão significativo impacto na dinâmica geopolítica, principalmente, quando cotejados à luz dos temas ligados à governança global.

3.3. Atual cenário político alemão e suas articulações com a Rússia

Profundas transformações atingiram o mundo das últimas décadas, mais ainda nos anos recentes. A identificação dos EUA como o país hegemônico era inquestionável até pouco tempo, mas diante das dimensões criadas pela política externa chinesa, há novos ares no cenário geopolítico global, como observado por Oliver Stuenkel em entrevista concedida a Lara Rizério:

(...) muitos líderes africanos enxergam a China como modelo econômico e social e não mais os Estados Unidos, de modo que sociedades inteiras começam a se reorientar e já não olham os Estados Unidos como uma sociedade modelo (...) vários presidentes que dizem claramente: ‘Nosso modelo é a China porque a China cresce mais rapidamente, consegue implementar projetos de infraestrutura com muito mais rapidez.’ Então, a gente vê lá não só uma mudança econômica, mas também uma mudança na liderança sociocultural também (STUENKEL, 2014, online).

Diante desta perspectiva, a RFA, como líder europeia, precisa se ajustar à dinâmica global, tanto em resposta às pressões formuladas pelos EUA e pela UE, como na missão de estabelecer caminhos com coerência aos seus próprios interesses, pois não pode dispensar o mercado e os investimentos chineses, além de sua “necessidade de prescindir da proteção geopolítica americana” (STUENKEL, 2021, online), que ainda mantém presença militar no país germânico.

A presença dos EUA remonta à ocupação do país europeu pelos aliados durante a Segunda Grande Guerra, mediante a Convenção sobre a Presença de Forças Estrangeiras na República Federal da Alemanha, assinada em 1954, instrumento que autoriza a permanência de militares de oito países-membros da OTAN, incluindo os EUA, no país europeu (KNIGHT, 2020), sendo destacada a importância geopolítica da RFA para a política externa estadunidense nos seguintes termos:

A importância estratégica da Alemanha para os EUA se reflete na localização do quartel-general do Comando Europeu dos EUA (EUCOM) na cidade de Stuttgart, no sudoeste do país, que serve como estrutura de coordenação para todas as forças militares americanas em 51 países, principalmente europeus (KNIGHT, 2020, online).

Causa, portanto, impacto no jogo estratégico a potente interação que movimentava as relações entre a Alemanha e a Rússia, com consideráveis interferências estadunidenses, a despeito da construção do gasoduto Nord Stream 2. Para a compreensão do significado do gasoduto para a Alemanha, é preciso entender que no início dos anos 2000 o país investia num processo crescente de transformação de sua matriz energética, planejando o abandono dos combustíveis fósseis, embora ainda mantivesse incentivos destinados à energia nuclear (KARNITSCHING, 2021).

No entanto, a partir do acidente nuclear de Fukushima, no Japão, ocorrido em 2011, a política energética alemã precisou ser alterada pela então Chanceler Angela Merkel (KARNITSCHING, 2021), no sentido de abraçar a chamada *Energiewende*, que foi “o esforço da Alemanha para reduzir as emissões de gases de efeito estufa prejudiciais ao clima sem depender da energia nuclear” (CLEAN ENERGY WIRE, s/d, online). Naquela altura, a energia nuclear representava um quinto do volume energético utilizado no país, até pela alta demanda industrial (CLEAN ENERGY WIRE, s/d, online), fator que exigia uma nova perspectiva para obtenção de recursos sem o comprometimento das pretensões políticas ambientais germânicas. Perspectiva que deu lugar ao projeto Nord Stream 1, que é um sistema de dutos de gás natural *offshore* na Europa, correndo sob o Mar Báltico da Rússia à Alemanha, que foi inaugurado em 08 de outubro de 2012 (NORD STREAM, 2012), e que fornece gás natural à RFA.

Atualmente, a controvérsia gira em torno do recém-construído segundo gasoduto submarino do Mar Báltico, o Nord Stream 2, fabricado pela empresa russa Gazprom. O Nord Stream 2 tem a capacidade de fornecer o dobro do volume de gás atualmente entregue pelo Nord Stream 1 ao país europeu (WETTENGEL, 2021), “por mais de 1.200 quilômetros de dutos debaixo do Mar Báltico, conectando a área de Ust-Luga, perto de São Petersburgo, a Greifswald, no nordeste alemão” (KARNITSCHING, 2021).

O ex-chanceler Gerhard Schröder sempre foi entusiasta da iniciativa russa, por ser muito ligado ao setor industrial, tendo inclusive participado do Conselho de Administração da empresa operadora do oleoduto, logo após deixar a chancelaria (KNIGHT, 2021), firmando entendimento de que o gasoduto colabora para o incremento dos recursos energéticos alemães, de forma a garantir a transição energética do país para fontes renováveis.

No entanto, a aliança com a Rússia não é uma posição pacífica no país europeu. Internamente, setores políticos germânicos, enxerguem com estranheza a proximidade com Moscou, discutindo a existência de que os investimentos repercutirão em ainda maior dependência energética do país em relação à Rússia. As divergências de perspectivas sobre o tema produzem tensões políticas, que capitaneiam acontecimentos que criam embaraços ao governo alemão, a exemplo do bloqueio pelo YouTube, em dezembro de 2021, da transmissão do canal russo RT, veiculado em língua alemã (MAINVILLE, 2021) e a manifestação, em 22 de janeiro de 2022, do comandante da Marinha alemã, Kay-Achim Schönbach, de que o “presidente russo, Vladimir Putin, ‘provavelmente merece respeito’ e que a Crimeia era um caso perdido para a Ucrânia” (DEUTSCHE WELLE, 2022, online), fatos que envolvem Moscou e que repercutem em incremento de maiores pressões diplomáticas dirigidas à Berlim.

As atuais circunstâncias que envolvem a Ucrânia concorrem a produzir maiores resistências alemãs sobre o projeto Nord Stream 2 (KARNITSCHING, 2021), uma vez que o país está no centro das discussões acerca da expansão da OTAN num país vizinho da Rússia. Diante da possibilidade de haver confronto militar na região, a Alemanha tem manifestado reservas sobre o início da operação do novo gasoduto, tanto que “a ministra dos Negócios Estrangeiros alemã, Annalena Baerbock, insistiu na necessidade de diálogo com as autoridades russas, utilizando ‘cada milímetro dos seus meios de ação’” (AGÊNCIA LUSA, 2021, online).

Na comunidade internacional também há resguardo a respeito do tema, “a Comissão Europeia se recusou a apoiar o projeto, alegando que ele não contribuía para as metas da comunidade de diversificar as reservas de gás” (JANJEVIC, 2018, online), pensamento também corroborado pelo Congresso estadunidense, nos seguintes termos:

O gasoduto de gás natural Nord Stream 2 da Rússia aumentaria a capacidade de exportação de gás natural da Rússia diretamente para a Alemanha, contornando a Ucrânia, a Polônia e outros estados de trânsito. A construção do oleoduto está supostamente concluída, mas o oleoduto deve receber a certificação dos reguladores alemães antes de entrar em operação. Sucessivos Congressos e Administrações dos Estados Unidos se opuseram ao Nord Stream 2, refletindo as preocupações sobre a dependência europeia da energia russa e a agressão russa na Ucrânia. A Alemanha tem sido um dos principais proponentes do gasoduto, que as autoridades alemãs veem como um importante corredor de gás natural, já que a Alemanha está encerrando a produção de energia nuclear e reduzindo o uso de carvão (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2021, [s/p]).⁶¹

⁶¹ Texto original: Russia’s Nord Stream 2 natural gas pipeline would increase Russia’s natural gas export capacity directly to Germany, bypassing Ukraine, Poland, and other transit states. Pipeline construction reportedly is complete, but the pipeline must receive certification from German regulators before it becomes operational. Successive Congresses and U.S. Administrations have opposed Nord Stream 2, reflecting concerns about European

O posicionamento estadunidense consubstancia as pressões impostas à comunidade internacional, que repercutiram em sanções econômicas à Rússia em razão da construção do gasoduto Nord Stream 2, tanto que a Alemanha precisou formalizar Declaração Conjunta com os EUA sobre temas como apoio à Ucrânia, à segurança energética europeia e aos objetivos climáticos, no sentido de que o “compromisso visa garantir que a Rússia não faça uso indevido de qualquer gasoduto, incluindo o Nord Stream 2, para atingir fins políticos agressivos usando a energia como arma” (US FEDERAL FOREIGN OFFICE, 2021, online), como esclarecido por Demarais (2021):

Em julho, os EUA e a Alemanha anunciaram que chegaram a um acordo sobre o oleoduto Nord Stream 2, sugerindo que as sanções dos EUA contra o projeto em breve ficarão em uma memória distante. Um acordo transatlântico no Nord Stream 2 é nada menos do que extraordinário, visto que o presidente dos EUA, Joe Biden, chamou seu homólogo russo, Vladimir Putin, de “assassino” apenas alguns meses atrás. No entanto, a aparente mudança de atitude dos EUA faz sentido, quando se olha o quadro geral de uma postura pragmática de longo prazo: a imposição de mais sanções ao Nord Stream 2 só teria beneficiado a Rússia por alimentar tensões diplomáticas entre os EUA e a Europa (DEMARAIS, 2021, [s/p]).⁶²

Ao tempo em que “os governos alemão e austríaco afirmaram que o gasoduto aumentaria a segurança energética da UE ao aumentar a capacidade de uma rota de abastecimento direta e segura” (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2021, [s/p]), sendo necessário, portanto, pontuar que a resistência estadunidense não decorre apenas dos reflexos políticos da empreitada russa, mas sim, pelo perceptível interesse do governo Biden em aumentar suas exportações de gás natural liquefeito (GNL) para Europa (DEMARAIS, 2021), de modo que as inclinações econômicas também integram as variáveis que devem ser contabilizadas para a compreensão sobre a atuação estadunidense frente à temática do gasoduto Nord Stream 2, cujo percurso segue ilustrado pela Figura 17:

dependence on Russian energy and Russian aggression in Ukraine. Germany has been a key proponent of the pipeline, which German officials view as an important natural gas corridor as Germany is ending nuclear energy production and reducing coal use.

⁶² Texto original: In July the US and Germany announced that they have [reached an agreement](#) regarding the Nord Stream 2 pipeline, suggesting that US sanctions targeting the project will soon be a distant memory. A transatlantic deal on Nord Stream 2 is nothing short of extraordinary, given that US president Joe Biden called his Russian counterpart Vladimir Putin a “[killer](#)” only a few months ago. However, the US apparent change of heart makes sense, when one looks at the bigger picture from a pragmatic, long-term stance: imposing further sanctions on Nord Stream 2 would only have benefitted Russia by fuelling diplomatic tensions between the US and Europe.



Figura 17: Gasodutos entre a Rússia e a Alemanha.
Linha amarela = Nord Stream 2.
Fonte: bing.com/imagens (2021).

Em março de 2021, o governo Biden editou a Orientação Estratégica de Segurança Nacional Provisória⁶³, que representa incremento para a competição geopolítica mantida com a China, com sensíveis repercussões para Alemanha, uma vez que a intensificação das ações geoestratégicas entre os EUA e a China, e o estabelecimento de competição geoeconômica entre esses países podem repercutir em pressões à RFA, exigindo que o país europeu “apoie suas respectivas políticas, que incluem medidas como dissociação econômica, controle de exportações, controle de investimentos” (JAEGER, 2021, p.3), circunstâncias, portanto, que evidenciam os desafios a serem enfrentados pelos alemães, que precisarão eivar esforços para

⁶³ Interim National Security Strategic Guidance. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rc=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKewjzbK6stof1AhUVqpUCHUfmDXyQFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.whitehouse.gov%2Fwp-content%2Fuploads%2F2021%2F03%2FNSC-1v2.pdf&usg=AOvVaw1j8rD2gYhEi6Bdc9mgRmbg>. Acesso em: 28 dez. 2021.

garantir a própria autonomia acerca das diretrizes de sua política externa diante de um cenário internacional de competição geopolítica.

A relevância do encontro de forças entre a RFA e a Rússia, não se limita ao enfoque do gasoduto Nord Stream 2, e ganha maior impacto quando inseridos no contexto da BRI, projeto de inegável peso geopolítico ao servir como instrumento estratégico chinês na construção de um processo de confiança com os países parceiros, no intuito de propiciar um ambiente político internacional pacífico, capaz de fomentar, ainda mais, seu desenvolvimento e influência no cenário global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar um tema tão complexo e cheio de vieses não é uma tarefa simples, trata-se de uma verdadeira costura entre abordagens distintas que contribuem para a estruturação da geopolítica atual, num processo dinâmico e multifacetado, no qual concorrem aspectos econômicos, políticos, militares, geográficos para formação de um arcabouço possível de compreensão pelo leitor dedicado ao assunto.

A pesquisa foi desenvolvida em três seções distintas, sendo apresentada no primeiro capítulo a contextualização da Belt and Road Initiative, buscando lançar luz sobre suas principais características; os interesses chineses políticos e econômicos relevantes, além do papel do projeto chinês no atual cenário internacional.

O capítulo seguinte se dedicou ao desenvolvimento das relações sino-germânicas nas últimas décadas. Destacados os fatores que contribuíram para a aproximação entre os dois países e que são propícios ao estreitamento de suas relações em torno do projeto BRI, apresentando um levantamento sobre os principais investimentos chineses no país europeu, bem como a perspectiva alemã sobre o tema e a avaliação sobre a existência de critérios de política externa semelhantes adotados pelos dois países como elementos contributivos à formação de uma parceria estratégica abrangente.

Em sequência, no terceiro capítulo, foi abordado o panorama acerca da percepção estadunidense frente aos avanços geoeconômicos chineses e sobre uma possível aliança sino-germânica em torno da BRI. Seguida da apresentação sobre o posicionamento da União Europeia acerca dessa aproximação e da atuação chinesa no continente europeu, finalizando, com um apanhado do cenário político alemão atual e suas possíveis interações com a Rússia.

A RPC, num processo de longo prazo, conseguiu trazer luz à sua própria perspectiva sistêmica, apresentando um modo de produção composto de institutos conhecidos, mas tecidos de maneira bastante diferente daquela já sabida, e em contraponto ao modelo capitalista sedimentado pelos EUA, país que tem norteado a geopolítica mundial desde o fim da Segunda Grande Guerra.

Como instrumental para analisar esta nova dinâmica, foi pinçado o maior projeto econômico e político da China, a Belt and Road Initiative, cujas metas ousadas e de escala mundial envolvem enormes avanços estruturais nos países parceiros ao longo de seus corredores, por meio de investimentos diretos ou mesmo por trocas comerciais entre as nações;

pela promoção da exportação de capital; pela internacionalização da moeda chinesa, o *reiminbi*; pelo incremento da presença chinesa na comunidade internacional. A crescente capacidade política, econômica e militar chinesa tem influenciado a balança de poder, permitindo uma reconfiguração na dinâmica entre os atores internacionais com repercussões geopolíticas consideráveis.

Diante da abrangência do tema em escala mundial, foi percebida a importância da RFA para o funcionamento desta engrenagem, diante das possibilidades de serem fortalecidas as relações sino-germânicas em torno da BRI, uma vez que os portos alemães receberam investimentos chineses de grande monta e se tornaram a porta de entrada da Europa para os trens chineses. A Alemanha como líder europeia, detentora da maior força econômica e política da UE, ciosa de sua soberania, tem oferecido certa resistência às investidas tanto estadunidenses quanto chinesas, por não querer perder espaço político diante de um confronto entre os EUA e a China. O recrudescimento da rivalidade entre os EUA e a China tem configurado uma “polarização estratégica” com a qual o país europeu precisa lidar, numa perspectiva de atender aos anseios da nação alemã num contexto de exigências da União Europeia, de pressões estadunidenses, de alianças com a Rússia e, sem dúvida, tendo no horizonte os avanços chineses.

As relações sino-germânicas podem avançar em torno da BRI em meio de tantas e complexas variáveis. A existência de critérios de política externa convergentes entre chineses e alemães, que valorizam a solução pacífica dos conflitos, os meios econômicos e comerciais de desenvolvimento e crescimento político, como foi discutido no capítulo 2, pode ser um catalizador dessa relação. Mais ainda, diante da possibilidade de haver convergência de interesse a respeito dos temas ambientais, já que a Alemanha tem uma vocação verde bastante forte, com pretensões de influenciar, positivamente, as políticas ambientais globais que, suficientemente alinhadas com a China, podem conduzir a um ajuste de interesses sobre a temática, vez que as ações combinadas da Belt and Road Initiative International Green Development Coalition (BRIGC) pretendem facilitar a participação dos países na BRI, com vistas a alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS foram previstos pela Organizações das Nações Unidas (ONU)⁶⁴, relacionados ao meio ambiente e ao seu

⁶⁴ Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), previstos pela Organizações das Nações Unidas (ONU). Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

desenvolvimento, em acepções que se coadunam com as orientações associadas aos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica.

De modo que a pergunta de pesquisa foi respondida, afirmativamente, no sentido de que os critérios de política externa, voltados ao desenvolvimento das capacidades econômicas, adotados pela RPC e RFA lhes possibilitam estabelecer influência regional e liderança política com expressiva repercussão na geopolítica atual, permitindo que se viabilize a adesão alemã ao projeto BRI.

A hipótese sustentada de que a adesão alemã ao projeto chinês provocará significativas repercussões foi confirmada, de modo que a parceria sino-germânica pode contribuir para a reconfiguração da geopolítica do plano internacional, principalmente, em razão da existência de critérios de política externa semelhantes praticados pelos dois países, que são voltados ao desenvolvimento de suas capacidades econômicas como forma de estabelecer influência regional e liderança política, e segundo as palavras “do primeiro-ministro chinês Li Keqiang, os laços China-Alemanha se tornaram uma das relações bilaterais mais importantes do mundo” (XINHUA, 2021b, online).

Foi possível perceber que a interpretação que a União Europeia dedica ao tema considera que os critérios de política externa chinesa se mostram bastante assertivos, em razão de serem lastreados no forte crescimento econômico, alcançado pelo país asiático nas últimas décadas, que por sua vez lhe confere expressivo papel no contexto global. A UE reconhece que a postura chinesa desafia a comunidade europeia a recrutar novas ferramentas para melhor se posicionar diante do cenário internacional.

Paralelamente, a Rússia continua a ser um elemento político considerável, diante das tensões mantidas com os EUA e pela demonstração de desejar estabelecer elos mais profundos com a China e com a Alemanha. A aliança da Rússia com o país europeu pode ser fortalecida em razão do início das operações de funcionamento do gasoduto Nord Stream 2, pela possibilidade de aumento do acesso teutônico a uma fonte de energia fundamental para o seu desenvolvimento industrial, embora existam forças internas alemães que se opõem ao estabelecimento de relações mais estáveis e duradouras com a Rússia, até pelo recente aumento das tensões militares entre Moscou e Kiev neste início do ano de 2022.

No entanto, essencial reconhecer que o principal véis para todas as questões suscitadas decorre da política externa estadunidense, principalmente, aquela dedicada à China, que reconhece na “polarização estratégica” um caminho à própria sustentação, reveladora de sua

intenção de frear o avanço econômico e político da RPC, inclusive utilizando recursos militares, como forma de evitar o ganho de poder chinês, que repercute em comprometimento de sua liderança hegemônica no contexto internacional.

A partir das conclusões apresentadas, é possível o desenvolvimento de novas e diferentes abordagens, quando avaliadas outras perspectivas não trabalhadas nesta pesquisa, servindo o presente instrumento como embasamento para estudos futuros, desenvolvidos a partir das principais características do projeto chinês, de reconhecido dinamismo, múltiplas dimensões e capacidade de rapidamente assimilar as novas necessidades da comunidade internacional, proporcionando uma reconfiguração geopolítica num cenário pós-pandêmico.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUSA. NOTÍCIAS. **Ucrânia:** Alemanha manifesta "grande preocupação" com ameaças de Putin. Deutsche Welle. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/ucr%C3%A2nia-alemanha-manifesta-grande-preocupa%C3%A7%C3%A3o-com-amea%C3%A7as-de-putin/a-60230436>. Acesso em: 27 jan. 2022.

AMAL, Victor Wolfgang Kegel. **A Russlandpolitik alemã pós-crise Ucrâniana (2014) sob a perspectiva de Think Tanks:** entre a Westbindung e a Ostpolitik / Victor Wolfgang Kegel Amal; orientador, Márcio Roberto Voigt, 2019. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwisvt7vo-rxAhWjB9QKHdYRBh8QFjABegQIBhAD&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ufsc.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F123456789%2F214933%2FPHST0659-D.pdf%3Fsequence%3D-1&usg=AOvVaw0xPkpMyPMHkvQan16sPJn6>. Acesso em: 17 jul. 2021.

AMARAL, Gabriela Granço do. **A “Ascensão Pacífica” na Evolução da Diplomacia Chinesa nas Últimas Décadas.** Revista Aurora da UNESP, v.6, nº 01, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2012.v6n1.2719>. Acesso em: 03 nov. 2021.
v. 6 n. 1 (2012)

BARKIN, Noah. **Germany’s Strategic Gray Zone With China.** Carnegie Endowment for International Peace. Mar. 2020. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiO9Iv1qs3xAhXwpZUCHf97DloQFjAAegQIAhAD&url=https%3A%2F%2Fcarnegieendowment.org%2F2020%2F03%2F25%2Fgermany-s-strategic-gray-zone-with-china-pub-81360&usg=AOvVaw0OZgP_r4imMq5X1_3TBek9. Acesso em: 05 jun. 2021

BARKIN, Noah. **Rethinking German policy towards China.** Chatham House briefing, 28 mai, 2021. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2021/05/rethinking-german-policy-towards-china/merkels-approach-china>. Acesso em: 17 jul. 2021.

BATSON, Andrew. Some Facts about China’s State. **Chinese State Capitalism Diagnosis and Prognosis.** Inglês (EUA). Editors Scott Kennedy; Jude Blanchette. Oct. 2021. Disponível em: https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/211007_Kennedy_Chinese_State_Capitalism.pdf?34C5XDb775Ws8W6TZ6oMGPIWhIY8Z.rf Acesso em: 15 nov. 2021.

BATSON, Andrew. Figura 5. **O tamanho do setor público chinês.** Some Facts about China’s State. **Chinese State Capitalism Diagnosis and Prognosis.** Inglês (EUA). Editors Scott Kennedy; Jude Blanchette. p. 9, Oct. 2021. Disponível em: https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/211007_Kennedy_Chinese_State_Capitalism.pdf?34C5XDb775Ws8W6TZ6oMGPIWhIY8Z.rf Acesso em: 15 nov. 2021.

BELT AND ROAD FORUM (12/05/2017). **EU Common Messages**. 12 mai. 2017. Disponível em: <https://china.diplo.de/cn-de/aktuelles/erklarungen/170512-obor-s/1120844>. Acesso em: 24 ago. 2020.

BELT AND ROAD NEWS. **Multi-Billion Investments Deals at Silk Road International Expo. By Business Reporting Desk**. May 17, 2021a. Disponível em: <https://www.beltandroad.news/multi-billion-investments-deals-at-silk-road-international-expo/>. Acesso em: 17 mai. 2021a.

BELT AND ROAD NEWS. **China signs FTA's with 13 Countries under Belt & Road Initiative**. 26 jul. 2021b. Disponível em: <https://www.beltandroad.news/china-signs-ftas-with-13-countries-under-belt-road-initiative/>. Acesso em: 30 jul. 2021b.

BELT AND ROAD NEWS. **Vote of Confidence to China's Belt & Road Initiative**. By Current Affairs Correspondent West Asia. May 13, 2021c. Disponível em: <https://www.beltandroad.news/vote-of-confidence-to-chinas-belt-road-initiative/>. Acesso em: 17 mai. 2021c.

BEZERRA, A. L. D. **Biossegurança na odontologia**. ABCS Health Sci., v. 39, n. 1, p. 29-33, 2014.

BIDEN JR, PRESIDENTE JOSEPH R. **The Summit for Democracy**. Democracy doesn't happen by accident. We have to defend it, fight for it, strengthen it, renew it. US Department of State. Disponível em: <https://www.state.gov/summit-for-democracy/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

BING. Figura 17. **Gasodutos entre a Rússia e a Alemanha. Linha amarela**. Nord Stream 2. Disponível em: <https://th.bing.com/th/id/R.e4b91e12d2f4c84c4e9af45454538daa?rik=lf01asuIbLmDVA&riu=http%3a%2f%2fwww.paginavermelha.org%2fnoticias%2fimagens%2f070319-russia4-chart2.jpg&ehk=kx7y%2bX0Jz8b1Z72WQY7oGMcshrUUk1AmtVGSvpS%2fes4%3d&risl=&pid=ImgRaw&r=0>. Acesso em: 23 mar. 2022.

BISCHOFF, Matthias; CHAUVISTRÉ, Eric; KLEIS, Constanze; WILLE, Joachim. **Perfil da Alemanha**. FAZIT Communication GmbH, Frankfurt am Main, em colaboração com o Ministério Federal das Relações Externas, Berlim. ISBN 978-3-96251-034-3. 2018. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi8yoTwk47zAhXerZUCHeWwBTMQFnoECAwQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.tatsachen-ueber-deutschland.de%2Ffiles%2F2020-11%2Ftatsachen_2018_por.pdf&usq=A0vVaw2WPnrPm35ZZiKQXGKX2SET. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL, EMBAIXADA DA RÉPÚBLICA POPULAR DA CHINA NO. **Estratégia "Made in China 2025" vê modernização da economia**. Brasília/DF. 13 jun. 2017. Disponível em: <http://br.china-embassy.org/por/szxw/t1469971.htm>. Acesso em: 27 jun. 2021b.

BRI ENVIRONMENTAL BIG DATA PLATFORM. **Europeans embrace Belt and Road Initiative as mutual benefits grow**. Article Source: Xinhua News Agency. 06 may. 2019.

Disponível em:

<http://eng.greenbr.org.cn/news/high/8a7be7956a8a4955016a8b2c9f42002d.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRUYÈRE, Emily de La; PICARSIC, Nathan. **Made in Germany**, Co-opted by China. Foundation for Defense of Democracies. 14 out. 2020. Disponível em:

<https://www.fdd.org/analysis/2020/10/14/made-in-germany-co-opted-by-china/>. Acesso em: 03 jan. 2022.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The geostrategic triad-living with China, Europe and Russia**. Washington: Center for Strategic and International Studies. 2001. Volume 23, Edição 1 de G. Disponível em: <https://archive.org/details/geostrategictria00brze/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 26 mar. 2022.

BUENO, André. **A China Han e o Ocidente (La China Han y el Occidente)**. Transoxiana 11 - Julio 2006. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Andre_Bueno9/publication/26439706_A_China_Han_e_o_Ocidente/links/5e34e6d8a6fdccd9657c0f76/A-China-Han-e-o-Ocidente.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

CÂMARA, Marcelo P. S. **A política externa alemã na República de Berlim**: de Gerhard Schröder a Angela Merkel. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013.

CANCIAN, Renato. **Especial para a página 3 Pedagogia Comunicação**. ([s/d]). Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/geopolitica-teorias-do-heartland-e-do-rimland.htm>. Português (Brasil). Acesso em: 06 out. 2020.

CARBAJOSA, Ana. **Não há pandemia que freie o trem chinês no coração da Europa**. El País Internacional. Duisburgo, 16 ago. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-16/nao-ha-pandemia-que-freie-o-trem-chines-em-duisburgo.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CARLETTI, Anna; KOTZ, RicBardo Lopes; CORREIA, Gabrielly Jacques. As Novas Rotas da Seda: implicações geopolíticas dos investimentos da China na América Latina. **Rev. Carta Inter.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p.216-246, 2019. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/921/750>. Acesso em: 11 mai. 2021.

CARRIÇO, Alexandre. Grande Estratégia e o «sonho da China» de Xi Jinping. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 38, p. 23-33, jun. 2013. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjBiu-8uYbyAhWFIJUCHU4eB48QFjAAegQIBRAD&url=http%3A%2F%2Fipri.pt%2Fimages%2Fpublicacoes%2Frevista_ri%2Fpdf%2Fri38%2Fn38a03.pdf&usg=AOvVaw2KAV5t90-mPjVQJCvY1v1a>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CEPALUNI, Gabriel; LIMA, Thiago. **Coalizões Internacionais, Países em Desenvolvimento e Política Doméstica nas Negociações do Gatt/WTO** / The International Coalitions, Developing countries and the Domestic Policy in GATT/WTO Negotiations. Mar. 2012, Brazilian Journal of International Relations DOI: 10.36311/2237-7743.2012.v1n1.p60-90. Acesso em: 21 nov. 2021.

CHINA. (2015). '**Visão e Ações para a Construção Conjunta da Rota da Seda Cinturão Econômico e Rota da Seda Marítima do Século 21** (V&A, 推动 共建 丝绸之路经济带和21世纪海上丝绸之路的愿景与行动)', Conselho de Estado da China ;[online]. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/ce/cept/pot/xwtd/t1381040.htm>. Acesso em: 11 mai. 2021.

CHINA IN FRANKFURTRHEINMAIN. **FrankfurtRheinMain** GmbH International Marketing of the Region. 2021. Disponível em: <https://www.frm-united.com/location-factors/quality-of-life-communities/china/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

CHRIST, Mariele Laís. **A Política Externa Alemã do Governo Merkel: Um Balanço dos dois primeiros mandatos (2005-2013)**. 1º Seminário Internacional de Ciência Política – Estado e Democracia em mudança no século XXI. UFRGS. Porto Alegre/RS. 2015. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiYou-lh-vxAhVUA9QKHe7DCpcQFjAAegQIAxAD&url=https%3A%2F%2Fwww.ufrgs.br%2Fsicp%2Fwp-content%2Fuploads%2F2015%2F09%2F2.-CHRIST-Mariele-A-Pol%25C3%25ADtica-Externa-Alem%25C3%25A3-do-Governo-Merkel-Um-Balan%25C3%25A7o-dos-Dois-Primeiros-Mandatos-2005-2013.pdf&usq=AOvVaw1DjTuwtrK1PFbjpA-aViwq>. Acesso em: 17 jul. 2021.

CIESIELSKA-KLIKOWSKA, Joana. **Chinese Belt and Road Initiative – the perspective of the Federal Republic of Germany**. Uniwersytet Łódzki ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0938-5771>. DOI : 10.14746/rie.2018.12.6, 2018. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjRq7jWv83xAhVtqJUCHSZ3BkgQFjAAegQIAhAD&url=http%3A%2F%2Fcejsh.icm.edu.pl%2Fcejsh%2Felement%2Fbwmeta1.element.ojs-doi-10_14746_rie_2018_12_6%2Fc%2F17721-17426.pdf&usq=AOvVaw0B4MLM_bXpwd5oXkklsyGx. Acesso em: 05 jul. 2021.

CINTRA, Marcos Antônio Macedo; MARTINS, Aline Regina Alves (ORG.). **As transformações no Sistema monetário internacional**. Brasília: Ipea, 2013a. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20668. Acesso em: 23 set. 2021.

CINTRA, Marcos Antônio Macedo; MARTINS, Aline Regina Alves (ORG.). **Quadro 1 - Políticas para internacionalizar o reinminbi até 2020**. As transformações no Sistema monetário internacional. Brasília: Ipea, 2013b. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20668. Acesso em: 23 set. 2021.

CINTRA, Marcos Antônio Macedo; PINTO, Eduardo Costa. **China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento**. Rev. Econ. Polit. 37 (2) • Apr-Jun 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-31572017v37n02a07> Acesso em: 20 set. 2021.

CLEAN ENERGY WIRE. **Germany's Energiewende in brief**. Journalism for the energy transition . [s/d]. Disponível em: <https://www.cleanenergywire.org/germanys-energiewende-brief>. Acesso em: 22 jan. 2022.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **The “Quad”**: Security Cooperation Among the United States, Japan, India, and Australia. 2 nov. 2020. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **Russia's Nord Stream 2 Natural Gas Pipeline to Germany**. 9 dez. 2021. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF11138>. Acesso em: 28 dez. 2021.

COSTA, Fernando Nogueira da Costa. **Capitalismo de Estado Chinês**. 14 ago. 2013. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/08/14/capitalismo-de-estado-chines/> Acesso em: 18 nov. 2021.

COSTA, Edivan de Azevedo Silva. **A presença asiática no Brasil entre os séculos XIX e XX**: ‘A questão chinesa’ e a construção da identidade nacional brasileira. Enfoques, Vol. 17, nº 1, pp. 19-32, 2020.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Global Conflict Tracker**. 12 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/territorial-disputes-south-china-sea>. Acesso em: 15 nov. 2021.

DEMARAIS, Agathe. **Is the Nord Stream decision really good news for Russia?** European Leadership Network, 6 aug. 2021. Disponível em: <https://www.europeanleadershipnetwork.org/commentary/is-the-nord-stream-decision-really-good-news-for-russia/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

DESTASTIS, Statistisches Bundesamt. **Ranking form Germany's trading partners in foreign trade**. 17 set. 2021. Disponível em: https://www.destatis.de/EN/Themes/Economy/Foreign-Trade/Tables/order-rank-germany-trading-partners.pdf?__blob=publicationFile. Acesso em 08 out. 2021.

DEUTSCHE WELLE (DW). **Comandante da Marinha alemã renuncia após fala sobre Putin**. 22 jan. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/comandante-da-marinha-alem%C3%A3-renuncia-ap%C3%B3s-fala-sobre-putin-e-a-crimeia/a-60526884>. Acesso em: 29 jan. 2022.

DIRECTOR, Bruce. **Germany**: The Key to European Integration into the New Silk Road. In: ZEPP-LAROCHE, Helga et all. *The New Silk Road Becomes The World Land-Bridge* (World Economic Development). nov. 2014. ISBN: 978-0-943235-24-0, p. IX.3-IX.8.

DJANKOV, Simeon. The rationale behind China's Belt and Road Initiative. **China's Belt and Road Initiative: motive, scope and challenges**. Peterson Institute for International Economics. 2016. Disponível em: <https://www.piie.com/publications/piie-briefings/chinas-belt-and-road-initiative-motives-scope-and-challenges>. Acesso em: 08 jun. 2021.

DONÁRIO, Arlindo Alegre; SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa - Centro de Análise Económica de Regulação Social (CARS), Maio de 2016. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiA9aXVy6TzAhVKrpUCHd5bAd0QFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ual.pt%2Fbitstream%2F11144%2F3173%2F1%2FMARX.pdf&usg=AOvVaw0vIMr0Mbv-He1TOXG8kUAe>. Acesso em: 29 set. 2021.

EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA TO THE FEDERAL DEMOCRATIC REPUBLIC OF ETHIOPIA. **Foreign Ministry Spokesperson Zhao Lijian's Regular Press Conference on December 27, 2021**. Disponível em: http://et.china-embassy.org/eng/fyrth/202112/t20211227_10476037.htm. Acesso em 05 jan. 2022.

EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN THE UNITED STATES OF AMERICA. **Wang Yi on Huawei 5G Issue: I Believe That European Countries Will Make Their Own Wise Choices**. 15 fev. 2020. Disponível em: <https://www.mfa.gov.cn/ce/ceus//eng/zgyw/t1746136.htm>. Acesso em: 04 jan. 2022.

ENFU, Cheng; BAOLIN, Lu. **Five characteristics of neoimperialism**. Monthly Review. Volume 73, Número 1, mai. 2021. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2021/05/01/five-characteristics-of-neoimperialism/>. Acesso em: 23 set. 2021.

EUROPEAN COMMISSION. JOINT COMMUNICATION TO THE EUROPEAN PARLIAMENT, THE EUROPEAN COUNCIL AND THE COUNCIL. **EU-China – A strategic outlook**. Strasbourg, 12.3.2019. Disponível em: <https://ec.europa.eu/info/sites/default/files/communication-eu-china-a-strategic-outlook.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2021.

EUROPEAN COMMISSION. JOINT COMMUNICATION TO THE EUROPEAN PARLIAMENT. **A new EU-China strategy**. 16 sep. 2021, P9_TA(2021)0382. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/en/press-room/20210910IPR11917/parliament-sets-out-its-vision-for-a-new-eu-strategy-on-china>. Acesso em: 08 nov. 2021.

FAIRBANK, J. K.; GOLDMAN, M. **China: uma nova histórica**. 3ª ed., Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

FANRONG, Li. **The Sino-German Energy Partnership**. Vice Administrator, National Energy Administration of P.R. China (NEA). [s/d]. Disponível em: <https://www.energypartnership.cn/home/> Acesso em: 03 jan. 2022.

FAULCONBRIDGE, Guy. **G7 chides China on rights, demands COVID origins investigation**. Editing by Michael Holden. Reuters, 13 jun. 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/china-cautions-g7-small-groups-dont-rule-world-2021-06-13/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FERREIRA, Victor. **Semicondutores: o novo petróleo**. Como a falta de um componente tão essencial afeta de videogames até carros e aviões. 2021. Disponível em: <https://www.theenemy.com.br/especiais/semicondutores-o-novo-petroleo/>. Acesso em: 04 out. 2021.

FIALHO, Vinícius Lerina. **19ª Cúpula da Organização para Cooperação de Xangai: os 18 anos e a Belt and Road Initiative**. Núcleo de Estudos dos BRICS, UFRGS, 18 jun. 2021. Disponível: <https://www.ufrgs.br/nebrics/19a-cupula-da-organizacao-para-cooperacao-de-xangai-os-18-anos-e-a-belt-and-road-initiative/>. Acesso em: 30 dez. 2021.

FUMOTO, Victor. **OneBelt, One Road: a Nova Rota da Seda e Xi Jinping**. 10 mar. 2018. Disponível em: <http://www.chinalinktrading.com/blog/one-belt-one-road-rota-seda-xi-jinping/>. Acesso em: 25 ago. 2019.

GARAMONE, Jim. **Official talks DOD policy role in Chinese Pacing threat, integrated deterrence**. U.S Department of Defense. 2 jun. 2021. Disponível em: <https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/2641068/official-talks-dod-policy-role-in-chinese-pacing-threat-integrated-deterrence/>. Acesso em: 26 mar. 2022.

GEDDES, Thomas des Garets; GHIRETTI, Francesca; MARDELL, Jacob; STEC, Grzegorz. **Western Balkans + Sino-German relations + Czech China policy**. MERICS Europe China 360°. 14 out. 2021. Disponível em: <https://merics.org/en/merics-briefs/western-balkans-sino-german-relations-czech-china-policy>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GEROMEL, Ricardo. **O Poder da China: O que você deve saber sobre o país que mais cresce em bilionários e unicórnios**. São Paulo: Editora Gente, 2019.

GEROMEL, Ricardo. Quadro 2. PIB de Cidades Chinesas (com economia tão grande quanto países). Fonte: **O Poder da China: O que você deve saber sobre o país que mais cresce em bilionários e unicórnios**. São Paulo: Editora Gente, 2019, p.30.

GHIRETTI, Francesca. **The Belt and Road in Italy: 2 Years Later**. The Diplomat. 23 mar. 2021. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/03/the-belt-and-road-in-italy-2-years-later/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

GILPIN, Robert. **Global Political Economy**, Princeton: Princeton University Press, 2011.

GOMES FILHO, Paulo Roberto da Silva. **A visão da OTAN para 2030**. 06 dez 2020. Disponível em: <https://paulofilho.net.br/wp-content/uploads/2020/12/Relatorio-OTAN.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2022.

GONÇALVES, Alcino; REI, Fernando; GRANZIERA, Maria Luiz M. (Organizadores). **Governança global e a solução de conflitos internacionais**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2019. Disponível em: <https://www.unisantos.br/wp->

content/uploads/2019/10/governanca-global-conflitos-internacionais.pdf. Acesso em: 19 nov. 2021.

GONÇALVES, Fernanda Lacerda Pereira. **Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura**: rupturas e continuidades. Instituto de Relações Internacionais, [s/d].

Disponível:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjNzvSCiIvyAhWsIrkGHXRbBhMQFjAAegQIBRAD&url=http%3A%2F%2Fwww.puc-rio.br%2Fpibic%2Frelatorio_resumo2017%2Frelatorios_pdf%2Fccs%2FIRI%2FREL-Fernanda%2520Lacerda%2520Pereira%2520Gon%25C3%25A7alves.pdf&usg=AOvVaw3DPgBaz2kezM0iTgWNOYHQ. Acesso em: 30 jul. 2021.

GREEN FINANCE&DEVELOPMENT CENTER. **Belt and Road Initiative International Green Development Coalition (BRIGC)**. [s/d]. Disponível em: <https://greenfdc.org/belt-and-road-initiative-green-coalition-brigc/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GUIMARÃES, Solange. China se prepara para assumir a liderança mundial, **Forbes Brasil**. 5 jun. 2021. Disponível em: <https://www.forbes.com.br/forbes-money/2021/06/china-se-prepara-para-assumir-a-lideranca-mundial/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

GUNGWU, Wang; YONGIAN, Zheng. (2008). **China and the New International Order**. New York: Routledge, 2008.

HAIYONG, Sun. 2019. “U.S.-China Tech War”. *China Quarterly of International Strategic Studies* 05, no. 02 (2019): 197–212. Disponível em: <https://doi.org/10.1142/s2377740019500>. Acesso em: 21 nov. 2021.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Tradução de Cristina Soreanu Pecequilo, 2ª ed. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS, 2007.

HEIN, Matthias von. **O impasse entre valores e interesses nas relações Alemanha-China**. DW Brasil. 19 set. 2021. Disponível em: <https://p.dw.com/p/402DT>. Acesso em: 07 out. 2021.

HELLMEYER, Folker. Europas humanistischer Ansatz ist mit Chinas Aufstieg vereinbar. **Bundesverband Deutsche Seidenstraßen Initiative - BVDSI**. Deutschland. 17 abr. 2019. Disponível em: <https://bvdsi.eu/europas-humanistischer-ansatz-ist-mit-chinas-aufstieg-vereinbar/> Acesso em: 26 out. 2021.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiKn_76qo7zAhU0C9QKHYqhCvAQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fdisciplinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F4071685%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FEra%2520dos%2520Extremos%2520%25281914-1991%2529%2520-%2520Eric%2520J.%2520Hobsbawm.pdf&usg=AOvVaw3gtwVotWMw3OQinPLVu5Du. Acesso em: 20 set. 2021.

HOSOKAWA, Rintaro; TAKEUCHI, Yasuo. **EU and China tussle for clout in Montenegro over road Project**. Inglês (Estados Unidos). Nikkei ASIA. 16 abr. 2021 Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Spotlight/Belt-and-Road/EU-and-China-tussle-for-clout-in-Montenegro-over-road-project>. Acesso em: 03 de nov. 2021.

HUGHES, Alice C. **Understanding and minimizing environmental impacts of the Belt and Road Initiative**. Inglês (Estados Unidos). Conservation Biology, Volume 0, No. 0, 1–12, 2019. The Authors. Conservation Biology published by Wiley Periodicals, Inc. on behalf of Society for Conservation Biology, mar. 2020. Disponível em: DOI: 10.1111/cobi.13317. Acesso em: 08 nov. 2021.

HUGHES A.C. et al. **Horizons can of the Belt and Road Initiative**. Inglês (Estados Unidos). Trends Ecol Evol. 2020; 35(7):583-593. doi:10.1016/j.tree.2020.02.005. 12 mar. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32521242/>. Acesso em: 19 jul. 2020.

HUNDLANI, Divya; KANNANGARA, Pabasara. **Assessing the Belt and Road in Sri Lanka: Implications for Labour and Environment**, 22 may. 2020. Disponível em: <https://lki.lk/blog/assessing-the-belt-and-road-in-sri-lanka-implications-for-labour-and-environment/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

HUNG, Ho-fung. **Ascensão da China, a Ásia e o Sul Global**. Rev. econ. contemp. 22, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198055272213>. Acesso em: 01 dez 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Desafios do desenvolvimento**. 2008 . Ano 5 . Edição 45 - 05/07/2008. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2156:catid=28&Itemid. Acesso em: 05 jul. 2021.

INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK. **Belt and Road Economics**. Opportunities and Risks of Transport Corridors. NW, Washington, DC, 2019. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/regional-integration/publication/belt-and-road-economics-opportunities-and-risks-of-transport-corridors>. Acesso em: 29 jul. 2021.

INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT / THE WORLD BANK. **Belt and Road Economics**. Opportunities and Risks of Transport Corridors. Figura 9. Melhorias na infraestrutura do BRI aumentarão as exportações (modelos CGE e SGE). NW, Washington, DC, 2019. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/regional-integration/publication/belt-and-road-economics-opportunities-and-risks-of-transport-corridors>. Acesso em: 29 jul. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Quadro 7. **Importação da China oriunda dos países do QUAD – 2016 a 2020** (elaboração própria). 2021. Disponível em: <https://data.imf.org/regular.aspx?key=61013712>. Acesso em: 02 dez. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Quadro 8. **Exportação da China com destino aos países do QUAD – 2016 a 2020** (elaboração própria). 2021. Disponível em: <https://data.imf.org/regular.aspx?key=61013712>. Acesso em: 02 dez. 2021.

JABBOUR, Elias; PAULA, Luiz Fernando de. **A China e a “Socialização do Investimento”**: uma abordagem Keynes-Gerschenkron-Rangel-Hirschman. Revista de Economia Contemporânea, jan./abr. 2018, vol. 22: p. 1-23 (Journal of Contemporary Economics) ISSN 1980-5527 7. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325940033_A_CHINA_E_A_SOCIALIZACAO_D_O_INVESTIMENTO_UMA_ABORDAGEM_KEYNES-GERSCHENKRON-RANGEL-HIRSCHMAN. Acesso em: 28 jun. 2021.

JABBOUR, Elias; DANTAS; Alexis. **Sobre a China e o “socialismo de mercado” como uma nova formação econômico-social**. Revista Nova Economia. v.30 n.3 p.1029-1051 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjL1OPvpLHzAhXWHLkGHUwBBxQQFnoECBIQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fj%2Fneco%2Fa%2FFrQC4MWZ3W8hy5xLZkPQjmG%2F%3Flang%3Dpt%26format%3Dpdf&usq=AOvVaw3IIOAnUrHkyq2Dhp11XSWH>. Acesso em: 04 out 2021.

JAEGER, Markus. **Germany between a rock and a hard place in China-US Competition**. DGAP Commentary, nº 8, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://dgap.org/en/research/publications/germany-between-rock-and-hard-place-china-us-competition>. Acesso em: 28 dez. 2021.

JANJEVIC, Darko. **Entenda a controvérsia do novo gasoduto Rússia-Alemanha**. Deutsche Welle (DW). 16 jul. 2018. <https://www.dw.com/pt-br/entenda-a-controv%C3%A9rsia-do-novo-gasoduto-r%C3%BAssia-alemanha/a-44687412>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KARNITSCHING, Matthew. **Why Merkel chose Russia over US on Nord Stream 2**. Político. 26 jul. 2021. Disponível: <https://www.politico.eu/article/vladimir-putin-german-chancellors-nord-stream-russia-energy-angela-merkel/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KEFFERPÜTZ, Roderick. **Big fish in small ponds**: China’s subnational diplomacy in Europe. MERICS. Research for this publication has been supported by the Heinrich-Böll-Stiftung European Union, Brussels. 18 nov. 2021a. Disponível em: <https://merics.org/en/report/big-fish-small-ponds-chinas-subnational-diplomacy-europe>. Acesso em: 25 nov. 2021.

KEFFERPÜTZ, Roderick. **Stadt, Land, Fluss im Blick Beijgs**: Chinas subnationale Diplomatie in Deutschland. MERICS. 18 nov. 2021b. Disponível em: <https://merics.org/en/report/stadt-land-fluss-im-blick-beijgs-chinas-subnationale-diplomatie-deutschland>. Acesso em: 25 nov. 2021.

KEFFERPÜTZ, Roderick. Quadro 9. **Parcerias entre estados federais e China**. Stadt, Land, Fluss im Blick Beijgs: Chinas subnationale Diplomatie in Deutschland. MERICS. 18 nov. 2021b. Disponível em: <https://merics.org/en/report/stadt-land-fluss-im-blick-beijgs-chinas-subnationale-diplomatie-deutschland> Acesso em: 25 nov. 2021.

KHAN, Ramla; MEHMOOD, Zaem Hassan. **Revisiting The US-China Trade War: A Strategic Assessment**. Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations e-ISSN 2238-6912, v.10, n.19, Jan./Jun. 2021, p.181-198. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/austral/article/view/113193/63505>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KNIGHT, Ben. **Militares americanos na Alemanha, um legado da 2ª Guerra**. Deutsche Welle (DW). 16 jun. 2020. <https://www.dw.com/pt-br/militares-americanos-na-alemanha-um-legado-da-segunda-guerra/a-53832364>. Acesso em: 22 jan. 2022.

KNIGHT, Ben. **The history of Nord Stream**. Deutsche Welle (DW). 23 jul. 2021. <https://www.dw.com/en/the-history-of-nord-stream/a-58618313>. Acesso em: 25 jan. 2022.

KONISHI, Nikolas Yoshitaka; MENDONÇA, Alice Pillo de; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Paradiplomacia nas Relações Internacionais: a importância da cultura como elemento transformador do cenário político internacional**. Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura - V. 01, n. 02, ano 2015, p. 284-301. Disponível em: DOI: 10.23899/relacult.v1i02.146. Acesso em: 27 dez. 2021.

KORTUNOV, Andrey. **Summit for democracy attempts to turn multicolor modern world into black and white divisions**: Russian scholar. Global Times. 22 nov. 2021. Disponível em: https://www.globaltimes-cn.translate.google/page/202111/1239579.shtml?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR. Acesso em: 02 jan. 2021.

KOTZ, Ricardo Lopes. **A Nova Rota da Seda: a fundamentação geopolítica e as consequências estratégicas do projeto chinês**. [s/d]. Disponível em:

<http://docplayer.com.br/55852343-A-nova-rota-da-seda-a-fundamentacao-geopolitica-e-as-consequencias-estrategicas-do-projeto-chines-ricardo-lobes-kotz-1.html>. Acesso em: 05 jul. 2021.

KUNDNANI, Hans; PARELLO-PLESNER, Jonas. **China and Germany: why the emerging special relationship matters for Europe**. European Council on Foreign Relations. United Kingdom, 2012. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiL95juu-rxAhWirJUCHevPAmoQFjABegQIBBAD&url=https%3A%2F%2Fecfr.eu%2Fpublication%2Fchina_and_germany_a_new_special_relationship%2F&usg=AOvVaw0DB--D2NrYqvYsGwbfm547. Acesso em: 17 jul. 2021.

LEITE, Diana Furtado da Silva. **A política externa dos Estados Unidos para a China: Contenção pelo Engajamento**. UFPE, Recife/PE, dez. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1606>. Acesso em: 09 nov. 2021.

LIU, Wan-Hsin; XIA, Xinming. **China's Investments in Germany and the Impact of the COVID-19 Pandemic**. Volume 56 · March/April 2021 · Number 2. Intereconomics Review of European Economic Policy. Disponível em: <https://www.intereconomics.eu/contents/year/2021/number/2/article/china-s-investments-in-germany-and-the-impact-of-the-covid-19-pandemic-6523.html>. Acesso em: 24 mar. 2022.

LIU, Wan-Hsin; XIA, Xinming. Figura 13. **Relação dos investimentos chineses na Alemanha por indústrias-alvo**. China's investments in Germany and the impact of the

COVID-19 Pandemic. *Intereconomics*. Vol. 56, 2021. Number 2 pp. 113-119. Disponível em: <https://www.intereconomics.eu/contents/year/2021/number/2/article/china-s-investments-in-germany-and-the-impact-of-the-covid-19-pandemic-6523.html>. Acesso em: 23 mar. 2022.

LIY, Macarena Vidal; MARS, Amanda. **EUA x China: cenários da nova guerra fria**. O duelo pela hegemonia global que deixa o mundo apreensivo. *El país Internacional*. 27 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-27/eua-x-china-cenarios-da-nova-guerra-fria.html>intelligence.%20Acesso%20em:%2009%20nov.%202021. Acesso em: 27 dez 2021.

LOURIDO, Rui D'Ávila de Fontes Alferes. **Do Ocidente à China pelas Rotas da Seda**. Administração n.º 73, vol. XIX, 2006-3.º, 1073-1094. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi63OLWsprxAhWxHbkGHUlmDc4QFjAMegQIGxAE&url=https%3A%2F%2Fwww.safp.gov.mo%2Fsafppt%2Fdownload%2FWCM_004494&usg=AOvVaw3OboMsuAM9eAB-z7b153cs. Acesso em: 15 jun. 2021.

MA, Doris; SUMMERS, Tim. **Is China's Growth Moving Inland?** A Decade of 'Develop the West'. Asia Programme Paper: ASP PP 2009/02. Centre for East Asian Studies, The Chinese University of Hong Kong October 2009. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwimp3C_6nxAhUnrpUCHTL5CsAQFjABegQIAxAD&url=https%3A%2F%2Fwww.chathamhouse.org%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Fpublic%2FResearch%2FAsia%2F1009pp_chinasgrowth.pdf&usg=AOvVaw3sMfOP6l0hlnHLth-0sW8i. Acesso em: 21 jun. 2021.

MACKINDER, Halford John. **The Geographical Pivot of History**. 1904. *The Geographical Journal*, Vol. 170, No. 4, December 2004, pp. 298–321. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3451460?refreqid=excelsior%3Ac7988cbc5cd449c75390a10f4a56e714>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MAINVILLE, Michael. **Alemanha retira RT do ar na última linha de mídia**. *The Moscow Times*. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2021/12/22/germany-takes-rt-off-air-in-latest-media-row-a75904>. Acesso em: 29 jan. 2022.

MAR DO SUL DA CHINA. Figura 16 – **Mar do Sul da China**. Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/p79tefOLvMc/VXJVPt2O69I/AAAAAAAA_aM/rRFIIqFGDPM/s1600/Mar%2Bdo%2BSul%2Bda%2BChina-spratlly%2BIslands.jpg. Acesso em: 21 nov. 2021.

MARTIN, Bernd. **The Prussian Expedition to the far east (1860-1862)**. University Freiburg. (s/d). Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiqh47rgI7xAhXSHLkGHUBIDMQQFjACegQIAhAD&url=https%3A%2F%2Fthesiamsociety.org%2Fwp-content%2Fuploads%2F1990%2F03%2FJSS_078_1c_Bernd_PrussianExpeditionToFarEast1860.pdf&usg=AOvVaw1bnpCyddDTFTPze9_EijnX. Acesso em: 10 jun. 2021.

MARTINS, Fernanda Brandão; PEREIRA, Lia Cecilia Baker Fonseca Valls. **O Belt and Road Initiative e a transição de modelo de desenvolvimento econômico na República Popular da China**. *OIKOS* | Rio de Janeiro | Volume 18, n. 3 • 2019 | www.revistaoidos.org |

pgs 73-85. Disponível em:

<http://www.revistaioikos.org/seer/index.php/oikos/article/viewArticle/602>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MATOS, Alex Sander Gadas de. **Da Geopolítica para a Geoeconomia?** Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi1M7-z-L2AhUyjZUCHSMfDgYQFnoECAIQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.redebim.dphdm.mar.mil.br%2Fvinculos%2F000010%2F00001027.pdf&usg=AOvVaw0UD6K663T6Rei4nNwNLt2E>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MATTERN, ALEX. **Port of Hamburg**. National Development and Reform Commission, 7 jul. 2021. Disponível em: http://www.china.org.cn/business/2021-7/07/content_77611749.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **China: Desenvolvimento Econômico e Ascensão Internacional**. 2014. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj7tcy8ypv0AhX0rJUCHZO8DA4QFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.excedente.org%2Fwp-content%2Fuploads%2F2014%2F11%2F10.pdf&usg=AOvVaw2ZyGySi2SpU75XMU2GEMMU>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MEHRA, Jyotsna. **The Australia-India-Japan-US Quadrilateral: Dissecting the China Factor**, ORF Occasional Paper No. 264 , agosto de 2020, Observer Research Foundation. Disponível em: <https://www.mundomultipolar.org/2020/08/o-quadrilatero-australia-india-japao.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. A geopolítica do poder terrestre revisitada. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, nº 34, p. 55-69. São Paulo, dez de 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4451994000300005&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MENDONÇA, Sandro. **Rota da Seda, velha(s) e nova(s)**. Janus 2015-2016 – Integração regional e multilateralismo, 3.12, p. 124-125, 2015/2016. Disponível em: Janus 2015-2016 (janusonline.pt). Acesso em: 27 nov. 2020.

MERKEL, ANGELA. **Speech by Federal Chancellor Dr Angela Merkel during the Munich Security Conference Special Edition on 19 February 2021** (video conference) Disponível em: <https://www.bundesregierung.de/breg-en/news/speech-by-federal-chancellor-dr-angela-merkel-during-the-munich-security-conference-special-edition-on-19-february-2021-video-conference--1861248>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MONEYHON, Matthew D. **China's Great Western Development Project in Xinjiang: Economic Palliative, or Political Trojan Horse**. 31 Denv. J. Int'l L. & Pol'y 491 (2003). Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiN2a77_qnxAhU-

IJUCHZtgAJgQFjAAegQIAxAD&url=https%3A%2F%2Fcore.ac.uk%2Fdownload%2Fpdf%2F323046873.pdf&usg=AOvVaw2pgaxrUkrIZNm-lgMvAl05. Acesso em: 21 jun. 2021.

MONTENEGRO, Renan Holanda. **Teoria das Relações Internacionais na China: Origem, evolução e debates recentes.** 39º Encontro Nacional da ANPOCS – GT 38 – Teoria e prática das relações sul-sul. Caxambu/MG, outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt38/9807-teoria-das-relacoes-internacionais-na-china-origem-evolucao-e-debates-recentes/file>>. Acesso em: 29 set. 2021

NATIONAL PUBLIC RADIO (NPR). **Is China a threat or an opportunity?** Depends which Americans you ask. 8 oct. 2021. Disponível em: <https://www.npr.org/2021/10/08/1041137034/is-china-a-threat-or-an-opportunity-depends-which-americans-you-ask>. Acesso em: 17 nov. 2021.

NEDOPIL, Christoph. **Countries of The Belt and Road Initiative (BRI).** Beijing, IIGF IIGF Green BRI Center, 2021. Disponível em: <https://green-bri.org/countries-of-the-belt-and-road-initiative-bri/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

NEVES, Hugo. **BRI: A Alemanha como Coordenadora Europeia da Iniciativa.** Pacta. 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.pacta.neri.pt/2020/10/27/bri-a-alemanha-como-coordenadora-europeia-da-iniciativa/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

NORD STREAM. **Secure Energy for Europe.** The Nord Stream Pipeline Project. 2012. Disponível em: https://www.nord-stream.com/press-info/youtube-videos/?q=150&year=all&category=&per_page=12. Acesso em: 22 jan. 2022.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION (NATO). **Brussels Summit Communiqué.** 14 jun. 2021. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/news_185000.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

OERTEL, Janka. **Europe, 5G, and Munich:** The China challenge and American mission. The European Council on Foreign Relations, 18 fev. 2020. Disponível em: https://ecfr.eu/article/commentary_europe_5g_and_munich_the_china_challenge_and_american_mission/?amp Acesso em: 04 jan. 2020.

OFFICE OF THE AMERICAN SECRETARY OF DEFENSE. **Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China Annual Report to Congress: Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China.** 2020. Disponível em: <https://media.defense.gov/2020/Sep/01/2002488689/-1/-1/1/2020-DOD-CHINA-MILITARY-POWER-REPORT-FINAL.PDF>. Acesso em: 02 nov. 2021.

OFFICE OF THE STATE COUNCIL. **China’s Peaceful Development.** 2011. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2014/09/09/content_281474986284646.htm. Acesso em: 01 set. 2021.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T; MURTON, Galen; RIPPA, Alessandro; HARLAN, Tyler; YANG, Yang. **China’s Belt and Road Initiative:** Views from the ground, Inglês (Estados

Unidos), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2020.102225>. Acesso em: 08 nov. 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, Márcio José. **As raízes da política externa chinesa: perspectivas para a inserção no século XXI**. Belo Horizonte, v. 12, n. 24, p. 122 - 141, 2o sem. 2013.

Disponível em:

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwirm9v-](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwirm9v-iN_yAhVBILkGHTw2BhoQFnoECAIQAQ&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.pucminas.br%2Findex.php%2Ffronteira%2Farticle%2Fdownload%2F10795%2F10420%2F&usg=AOvVaw1F8ffO6IIFREt7wxAmZH-q)

[iN_yAhVBILkGHTw2BhoQFnoECAIQAQ&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.pucminas.br%2Findex.php%2Ffronteira%2Farticle%2Fdownload%2F10795%2F10420%2F&usg=AOvVaw1F8ffO6IIFREt7wxAmZH-q](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwirm9v-iN_yAhVBILkGHTw2BhoQFnoECAIQAQ&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.pucminas.br%2Findex.php%2Ffronteira%2Farticle%2Fdownload%2F10795%2F10420%2F&usg=AOvVaw1F8ffO6IIFREt7wxAmZH-q). Acesso em: 01 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **NATO 2030:**

United for a New Era. 25 nov. 2020. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj-muWB6Jj1AhVLILkGHXXPCZMQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.nato.int%2Fnato_static_fl2014%2Fassets%2Fpdf%2F2020%2F12%2Fpdf%2F201201-Reflection-Group-Final-Report-Uni.pdf&usg=AOvVaw1nZ8xbBkXDmS3xVlaqpVRP. Acesso em: 04 jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19**. 2021. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 08 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **China's Belt and Road Initiative in the Global Trade, Investment and Finance Landscape**, (s/d). Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/Chinas-Belt-and-Road-Initiative-in-the-global-trade-investment-and-finance-landscape.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

OSÓRIO, Luiz Felipe Brandão. **A Construção da União Europeia: condicionantes e guinadas de um projeto político-econômico**. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 8 N° 15 Jul-Dez 2013. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjst92V7fnzAhVcqpUCHVyAD1QQFnoECCYQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.ufjf.br%2Fheera%2Ffiles%2F2009%2F11%2FArtigo-Constru%25C3%25A7%25C3%25A3o-da-UE-HEERA-UFJFosorio-para-pdf.pdf&usg=AOvVaw2Wkt5-JsS7Ou5TvSbXEcCa>. Acesso em: 02 nov. 2021.

OXFORD ECONOMICS. The US-China Business Council. **The US-China Economic Relationship – A Crucial Partnership at a critical juncture**. Jan. 2021. Disponível em:

https://www.uschina.org/sites/default/files/the_us-china_economic_relationship_-_a_crucial_partnership_at_a_critical_juncture.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

PANAMÁ. Português. Resumo dos acordos assinados entre a República do Panamá e República Popular da China. **Ministério das Relações Exteriores**. 2017. Disponível em:

https://www.mire.gob.pa/images/PDF/resumen_de_aceurdos.pdf. Acesso em: 15 jun 2020.

PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, C. R. A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte: PUC-Minas, v. 4, n.3, p. 25-44, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2016v4n3p25>. Acesso em: 21 jun 2020.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Geopolítica e geoeconomia: história e atualidade no pensamento de Zbginiew Brzezinski**. R. Esc. Guerra Nav., Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 554-588. set./dez. 2017. DOI 10.22491/1809-3191.v23n3.p554-588. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322692970_Geopolitica_e_Geoeconomia_historia_e_atualidade_no_pensamento_de_Zbginiew_Brzezinski. Acesso em: 21 mar. 2022.

PEOPLE'S BANK OF CHINA. **China Foreign Exchange Reserves 1980-2021**. 2021. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/china/foreign-exchange-reserves>. Acesso em: 21 set. 2021.

PEREIRA, Antônio Celso Alves; PEREIRA, João Eduardo de Alves. A construção do Sistema Comercial Internacional Sinocêntrico: a nova Rota da Seda. **Revista Interdisciplinar de Direito**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 49-60, dez. 2018. ISSN 2447-4290. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/604>. Acesso em: 12 abr. 2021.

PFETSCH, Frank R. **A Política Externa da Alemanha após a reunificação**. Primeira Instância. Rev. bras. polít. int. 40 (1). Jun. 1997 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-73291997000100008>. Acesso em: 30 jun. 2021.

POSE, Mirko. **A internacionalização do Renminbi e suas consequências para o Sistema Monetário Internacional**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/140623>. Acesso em: 21 set. 2021.

QIN, Yaqing. **Culture and global thought: Chinese International theory in the making**. CIDOB d'Afers Internacionals, n. 100, 2012. Disponível em: https://www.cidob.org/en/content/download/33839/556276/file/67-90_QIN+YAQING_ANGLES.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.

QUEIRÓS, António dos Santos. **O pensamento político de Xi Jinping para uma Nova Era do Socialismo com características chinesas. E para a paz e o desenvolvimento comum da Humanidade**. Instituto para a Amizade Portugal-China. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Secretário-Geral da Câmara de Comunicação e Desenvolvimento Portugal-China_CCDPCh. 27 nov. 2018. Disponível em: <https://www.ccdpch.com/o-pensamento-politico-de-xi-jinping-para-uma-nova-era-do-socialismo-com-carateristicas-chinesas-e-para-a-paz-e-o-desenvolvimento-comum-da-humanidade/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

QUINONES, Laura. **COP26: “Não é blá blá blá, diz enviado sobre promessas de fundos para zero CO2**. ONU NEWS. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1769222>. Acesso em: 03 nov. 2021.

REIS, Raissa Brescia dos; RESENDE, Taciana Almeida Garrido. **Bandung, 1955: ponto de encontro global**. Esboços, Florianópolis, v. 26, n. 42, p. 309-332, maio/ago. 2019. ISSN

2175-7976 DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2019v26n42p309>. Acesso em: 15 jun. 2021.

REIS, Thiago. **Que efeitos uma guerra comercial entre países pode causar na economia?** Suno Artigos. 01 out. 2018. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/guerra-comercial/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

RENMIN UNIVERSITY OF CHINA. Figura 6. **Relação China versus EUA**. 2019. Disponível em: <http://www.dmvounsel.com/html/1/186/188/269/1023.html>. Acesso em: 30 jul. 2021.

RÜLIG, Tim; TURCSÁNYI, Richard Q.; ŠIMALČÍK, Matej; KIRONSKÁ, Kristina; SEDLÁKOVÁ, Renáta. **German public opinion on China in the age of COVID-19**. Ripe for European leadership? Out. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346036913_German_public_opinion_on_China_in_the_age_of_COVID-19_Ripe_for_European_leadership. Acesso em: 03 dez. 2021.

SECRETARIAT OF BRI INTERNATIONAL GREEN DEVELOPMENT COALITION. **BRI Green Review 2019 Collection**. jul. 2019. Disponível em: <https://green-bri.org/wp-content/uploads/2020/04/BRI-Green-Review-2019-Collection.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

SHANGHAI FORUM 2021. **Thematic Report**. Oct 2021. Disponível em: <https://shanghaiforum.fudan.edu.cn/forumen/58/33/c19922a415795/page.htm>. Acesso em: 04 jan. 2022.

SHAREAMERICA. **EUA reafirmam importância de relações com Taiwan**. 2 set. 2020. Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/eua-reafirmam-importancia-de-relacoes-com-taiwan/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

SILK ROAD BRIEFING. Fórum Financeiro Internacional: Relatório China 2021. **New China Report covers Global Economic Growth, the Belt and Road Initiative, Green Finance, Global Capital Markets and Fintech**. Disponível em: <https://www.silkroadbriefing.com/news/2021/06/01/international-finance-forum-the-china-2021-report/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

SILK ROAD FUND. **Composição Silk Road Fund**. 29 dez. 2014. Disponível em: <http://www.silkroadfund.com.cn/enweb/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SILK ROAD FUND. Figura 1. **Grande mapa da Rota da Seda na Dinastia Ming**. Source: SILK ROAD FUND. 2021. Disponível em: <http://www.silkroadfund.com.cn/enweb/23786/index.html>. Acesso em: 12 mai. 2021.

SILK ROAD FUND. Figura 4. **Composição Silk Road Fond**. Source: SILK ROAD FUND. 2021. Disponível em: <http://www.silkroadfund.com.cn/enweb/23775/23767/index.html>. Acesso em: 12 mai. 2021.

SOCIETY OF WORLDWIDE INTERBANK FINANCIAL (SWIFT). **RMB strengthens its position as the second most used currency for documentary credit transactions**. Brussels, 26 feb. 2015. Disponível em: <https://www.swift.com/news-events/press-releases/rmb->

strengthens-its-position-second-most-used-currency-documentary-credit-transactions, Acesso em: 27 set. 2021.

SOCIETY OF WORLDWIDE INTERBANK FINANCIAL (SWIFT). Figura 2. **Evolução do RMB como moeda de pagamento mundial de 2018 a 2021**. Disponível em: <https://www.swift.com/swift-resource/251376/download>. Acesso em: 29 set. 2021.

STATE ADMINISTRATION OF FOREIGN EXCHANGE (SAFE). Quadro 5 – **Ativos de investimento da carteira externa da China com ranking dos quinze maiores receptores** (por país / região até 2020 em unidade de USD 100 milhões de dólares estadunidense (por país / região até 2020 em unidade de USD 100 milhões de dólares estadunidense). 2021. Disponível em: [https://www.safe.gov.cn/en/file/file/20210528/18b9eddc8854c148cb4246d3acee6df.xlsx?n=China%27s%20External%20Portfolio%20Investment%20Assets%20\(by%20Country%20or%20Region\)%20at%20the%20End%20of%20%20C2%A02020](https://www.safe.gov.cn/en/file/file/20210528/18b9eddc8854c148cb4246d3acee6df.xlsx?n=China%27s%20External%20Portfolio%20Investment%20Assets%20(by%20Country%20or%20Region)%20at%20the%20End%20of%20%20C2%A02020). Acesso em: 05 jul. 2021.

STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA. **China's Peaceful Development**. 2011. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2014/09/09/content_281474986284646.htm. Acesso em: 06 jan. 2022.

STATE COUNCIL OF THE REPUBLIC OF CHINA. **Action Plan on the Belt and Road Initiative**, 2015. Disponível em: http://english.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content_281475080249035.htm. Acesso em: 10 mai. de 2021.

STATISTA. Quadro 6. **Total stock of foreign direct investments from China to Germany between 2010 and 2020 (in billion U.S. dollars)**. 28 out. 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/721888/outward-fdi-stock-from-china-to-germany/#statisticContainer>. Acesso em: 23 mar. 2022.

STEC, Grzegorz; POGGETTI, Lucrezia. **Transatlantic allies see Beijing's challenges through different lenses**. MERICS Europe China 360°. 24 fev. 2021. Disponível em: <https://merics.org/en/merics-briefs/beijings-vaccine-diplomacy-portugals-eu-council-presidency-171-summit>. Acesso em: 01 nov. 2021.

STOLTON, Samuel. **US praises German moves to sideline Huawei from 5G networks**. 30 set. 2020. Disponível em: <https://www.euractiv.com/section/digital/news/us-praises-german-moves-to-sideline-huawei-from-5g-networks/>. Acesso em: 03 dez. 2021.

STRUCK, Jean-Philip. **Verdes crescem e se tornam terceira maior força política da Alemanha**. DW Brasil. 26 set. 2021. Disponível em: <https://p.dw.com/p/40sm1>. Acesso em: 08 out. 2021.

STUENKEL, Oliver. **Transição da hegemonia mundial dos EUA para China já começou**. Infomoney. Entrevistadora Lara Rizério. 25 fev. 2014. Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/mercados/noticia/3199077/transicao-hegemonia-mundial-dos-eua-para-china-comecou-destaca-professor>. Acesso em 01 dez. 2021.

STUENKEL, Oliver. **O adeus de Merkel, a anti-Trump**. Revista Piauí. 23 set. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/angela-merkel-o-adeus-da-anti-trump/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SUETY, Lai. **Understanding Europe's Interest in China's Belt and Road Initiative**. Inglês (Estados Unidos). Carnegie Endowment for International Peace. 10 mar. 2017. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2017/05/10/understanding-europe-s-interest-in-china-s-belt-and-road-initiative-pub-69920>. Acesso em: 12 set. 2020.

TATSUMI, Yuki; LI, Jason. 2019. International Disaster Response. **Rebuilding the Quad?**, Stimson. Mar. 2019. Disponível em: <https://www.stimson.org/wp-content/files/Read%20the%20Report.pdf#page=49>. Acesso em: 15 nov. 2021

TAYLOR, Chloe. **Germany set to allow Huawei into 5G networks, defying pressure from the US**. 16 out. 2019. CNBC. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2019/10/16/germany-to-allow-huawei-into-5g-networks-defying-pressure-from-the-us.html>. Acesso em: 03 dez. 2021.

THE BATTLE OF CHINA. Direção Anatole Litvak; Frank Capra. **United States**. Office of War Information, 1944. 1 DVD (65 min.).

THE PEOPLE'S GOVERNMENT OF FUJIAN PROVINCE. **The 13th Five-Year Plan for Economic And Social Development of The People's Republic of China. 2016-2020**. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjA2O3itIX1AhXSrJUCHXFjAPYQFnoECAIQAQ&url=https%3A%2F%2Fen.ndrc.gov.cn%2Fpolicies%2F202105%2FP020210527785800103339.pdf&usg=AOvVaw2deAyvNc0HMcYIBuJQ2TnU>. Acesso em: 27 dez. 2021.

THE PEOPLE'S GOVERNMENT OF FUJIAN PROVINCE. **Outline of the 14th Five-Year Plan (2021-2025) for National Economic and Social Development and Visian 2035 of the People's Republic of China**. 09 ago. 2021. Disponível em: https://www.fujian.gov.cn/english/news/202108/t20210809_5665713.htm#C41. Acesso em: 27 dez. 2021.

THE WHITE HOUSE. **Summit for Democracy Summary of Proceedings**. Dez. 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/12/23/summit-for-democracy-summary-of-proceedings/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

THOMAS, Beryl. **What Germany's new cyber security law means for Huawei, Europe, and NATO**. 5 fev. 2021. Disponível em: <https://ecfr.eu/article/what-germanys-new-cyber-security-law-means-for-huawei-europe-and-nato/?amp>. Acesso em: 03 dez. 2021.

TORRES FILHO, Ernani Teixeira; POSE, Mirko. **A Internacionalização da Moeda Chinesa: Disputa Hegemônica Ou Estratégia Defensiva?** Revista de Economia Contemporânea (2018) 22(1): p. 1-23 (Journal of Contemporary Economics). ISSN 1980-5527 Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rec/a/XSwTmLbtwfdWqgQXp6kJKtm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2021.

TRADING ECONIMCS. Figura 11 - **Exportações da Alemanha por país**. 2020. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/germany/exports-by-country>. Acesso em: 29 set. 2021.

TRADING ECONIMCS. Figura 12 - **Exportações da China por país**. 2020. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/china/exports-by-country>. Acesso em: 29 set. 2021.

TRADING ECONIMCS. Quadro 3 – **Ranking dos produtos exportados pela Alemanha para a China em 2020**. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/germany/exports/china>. Acesso em: 29 set. 2021.

TRADING ECONIMCS. Quadro 4 – **Ranking dos produtos exportados pela China para a Alemanha em 2020**. Disponível em: <https://tradingeconomics.com/china/exports/germany>. Acesso em: 29 set. 2021.

TRUMP, Donald. **Introducing President Donald J. Trump at the 75th Session of the UN General Assembly**. United States Mission to the United Nations. Set. 2020. Disponível em: <https://usun.usmission.gov/remarks-introducing-president-donald-j-trump-at-the-75th-session-of-the-un-general-assembly/> Acesso em: 15 nov. 2021.

TYBRING-GJEDDE, Christian (Norway). **China's Belt and Road Initiative: A strategic and economic assessment**. NATO PARLIAMENTARY ASSEMBLY. 21 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nato-pa.int/document/2020-revised-draft-report-chinas-belt-and-road-initiative-strategic-and-economic>. Acesso em: 23 mar. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu – SP, 2015. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiKqKLWguzrAhWdlbkGHRIECRgQFjAOegQICBAB&url=http%3A%2F%2Fwww.fca.unesp.br%2FHome%2FBiblioteca%2Ftipos-de-evisao-de-literatura&usq=AOvVaw3l6l-Mtupcr55bq2tpD5qX>. Acesso em: 15 set. 2020.

UNIVERSITAT DUISBURG-ESSEN. **The Confucious Institute Metropolis Ruhr**. 2021. Disponível em: https://www.uni-due.de/konfuzius-institut/index_en.shtml. Acesso em: 05 jul. 2021.

U.S GLOBAL INVESTONS. Figura 3. **Belt and Road Initiative**. Source: CSIS Reconnecting Asia Project, U.S. Global Investons (2018, [s/p]). Disponível em: https://www.usfunds.com/investor-library/investor-alert/chinas-belt-and-road-initiative-opens-up-unprecedented-opportunities/#.YJmKhqFv_b1. Acesso em: 12 mai. 2021.

US FEDERAL FOREIGN OFFICE. **Joint Statement of the US and Germany on Support for Ukraine**, European Energy Security, and our Climate Goals. 21 jul. 2021. Disponível em: https://www.auswaertiges--amt-de.translate.google.com/en/newsroom/news/joint-statement-usa-and-germany/2472084?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=op. Acesso em: 03 dez. 2021.

WETTENGEL, Julian. **Gas pipeline Nord Stream 2 links Germany to Russia, but splits Europe**. 09 set. 2021. Clean Energy Wire CLEW. Disponível em: <https://www.cleanenergywire.org/factsheets/gas-pipeline-nord-stream-2-links-germany-russia-splits-europe>. Acesso em: 03 dez. 2021.

WIKIPEDIA. Figura 14. **Eurásia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eur%C3%A1sia>. Acesso em: 05 jun. 2021.

WIKIPEDIA. Figura 15. **Nova Ponte Terrestre Eurasiática**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Trans-Eurasia_Logistics#/media/File:Trans-Eurasia-Express.png. Acesso em: 06 jun. 2021.

WORLD BANK, 1980. **Gross domestic product (GDP)**, total million US dollars, 1980. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=1980&most_recent_value_desc=true&start=1979. Acesso em: 13 out. 2021

WORLD BANK, 1980. **Gross domestic product (GDP)**, total million US dollars, 2020. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2020&most_recent_value_desc=true&start=2020. Acesso em: 13 out. 2021.

WORLD BANK, 2021. Figura 7. **Evolução do índice de Paridade do Poder de Compra (PPC) da China**. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.PP.CD?end=2019&locations=CN&most_recent_value_desc=false&start=1990&view=chart. Acesso em: 27 jun. 2021.

WORLD BANK, 2021. Figura 10. **Exportação de bens e serviços - balanço de pagamentos - 1990 - 2020 (trilhões de US\$)**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/BX.GSR.GNFS.CD?end=2020&locations=CN-US-DE&start=1990>. Acesso em: 17 jul. 2021.

WORLD ECONOMIC FORUM. Figura 8. **A China é a superpotência mundial de manufatura**/ China is the World's Manufacturing Superpower. 2021. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2020/02/countries-manufacturing-trade-exports-economics/>. Acesso em: 31 mai. 2021.

XINHUA Português. **Texto completo do Documento de (Cinturão e Rota) Corredores Econômicos sob a Iniciativa do Cinturão e Rota**. 05 set. 2017. Disponível em: http://portuguese.xinhuanet.com/2017-05/09/c_136269060.htm. Acesso em: 29 jul. 2020.

XINHUA Português. **Texto completo do Documento de China promoverá a internacionalização do RMB de forma estável e prudente**. 03 nov. 2020a. Disponível em: http://portuguese.xinhuanet.com/2020-11/03/c_139488390.htm. Acesso em: 28 set. 2021.

XINHUA Português. **Texto completo do Documento Xi se reúne com líderes da Alemanha e da UE via link de vídeo.** 15 set. 2020b. Disponível em:
http://portuguese.xinhuanet.com/2020-09/15/c_139369465_3.htm. Acesso em: 04 jan. 2022.

XINHUA Português. **Texto completo do Documento Xi elogia o milagre de erradicação da pobreza da China.** 25 fev. 2021a. Disponível em: http://portuguese.xinhuanet.com/2021-02/25/c_139766331.htm. Acesso em: 27 jun. 2021.

XINHUA Português. **Texto completo do Documento Xi diz que China fortalecerá relações com Alemanha.** 08 dez. 2021b. Disponível em: http://portuguese.news.cn/2021-12/08/c_1310359354.htm. Acesso em: 04 jan. 2022.

YI, Wang Português. **Relações China-EUA enfrentam os mais graves desafios desde estabelecimento das relações diplomáticas.** 10 jul. 2020. Disponível em:
<http://portuguese.people.com.cn/n3/2020/0710/c309809-9709143.html>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ZENG, Jinghan. **Narrating China's belt and road initiative.** Lancaster University. Global Policy (2019) doi: 10.1111/1758-5899.12662. Disponível em:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1758-5899.12662>. Acesso em: 11 mai. 2021.